

ANA PAULA GOMES NUNES

MARISTELLA PAIVA COTA

**Sintonia do Silêncio: estudo de caso da censura
nas rádios Inconfidência e Itatiaia, de Belo Horizonte, no apogeu
do Regime Militar**

Viçosa – MG

2009

ANA PAULA GOMES NUNES

MARISTELLA PAIVA COTA

Sintonia do Silêncio: estudo de caso da censura nas rádios Inconfidência e Itatiaia, de Belo Horizonte, no apogeu do Regime Militar

Projeto Experimental apresentado ao curso de Comunicação Social/Jornalismo, da Universidade Federal de Viçosa, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em jornalismo.

Orientador: Prof^a. Ms. Kátia de Lourdes Fraga.

Co-orientador: Prof^a. Dr. Ana Maria Dietrich

Viçosa – MG

Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV

2009



Universidade Federal de Viçosa
Departamento de Comunicação Social
Curso de Comunicação Social/Jornalismo

Projeto Experimental intitulado *Sintonia do Silêncio: um radiodocumentário sobre as rádios Inconfidência e Itatiaia, no apogeu da ditadura militar*, de autoria das estudantes Ana Paula Gomes Nunes e Maristella Paiva Cota, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof^a. Ms. Kátia de Lourdes Fraga - Orientadora
Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV

Prof^a. Dr. Ana Maria Dietrich – Co-orientadora
Curso de História/ Mestrado/ Universidade Severino Sombra – Vassouras - RJ

Prof^a. Ms. Mariana Ramalho Procópio
Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV

Viçosa, 25 de novembro de 2009

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus, pela realização de um sonho que foi o ingresso em uma universidade pública, quando nem eu mais acreditava nas minhas noites mal dormidas e de estudo. Em segundo lugar, a minha família, por acreditar nesse sonho, principalmente aos meus pais, pelo apoio imutável, carinho e pela compreensão quando não podia visitá-los nos feriados. Não poderia deixar de agradecer aos amigos, que me apoiaram e que estiveram presentes durante esses quatro anos de Viçosa, preenchendo os vazios dos finais de semana e feriados que passei longe de casa.

Agradeço também a nossa orientadora Kátia Fraga e nossa co-orientadora Ana Maria Dietrich pelos conselhos e ajuda sempre que necessário. Agradeço também ao João Vicente e a professora Mariana pelo incentivo e apoio. É um agradecimento especial àquele que esteve comigo durante todo o processo de criação desse trabalho, inclusive quando o nível de obsessão pelo tema chegou ao nível de não conseguir falar de outro assunto que não era censura e ditadura militar. A paciência e a companhia desse capixaba sempre me fortaleceram, fazendo com que eu me sentisse um “tanto bem maior”.

Ana Paula Nunes

Chegou a hora. E depois de quatro anos, agora é a vez de agradecer. A Deus, pela força que me concedeu quando eu aqui cheguei e o que eu mais queria era voltar para casa. E a toda luz que me guiou por meu caminho. Ao meu porto seguro, ao meu amor maior: minha família. Mãe, obrigada pelos conselhos, pelos puxões de orelha pelas leituras de (quase) todos os meus trabalhos e pelo imenso amor. Pai, obrigada pelo apoio, por sempre me escutar quando eu simplesmente não parava de falar e por todos os ensinamentos. Vocês foram essenciais para que eu conseguisse chegar onde estou.

Aos amigos que em Viçosa encontrei. Em especial, ao quinteto fantástico e ao surfista prateado, com os quais passei meus melhores fins de semana viçosenses. As minhas vizinhas de quarto, que muito me aturaram. Ao Café com Papo e aos amigos que nele, eu encontrei. E ao TUI, que além de muitas palhaçadas, me permitiu encontrar aquele que com muita paciência e dedicação, me faz mais feliz a cada dia. Agradeço também a Kátia e a Ana Maria, que nos incentivaram e ensinaram, para que esse trabalho fosse realizado. Agradeço também ao João Vicente e a Mariana por toda paciência e ajuda. Finalmente agradeço à Viçosa e a todo aprendizado profissional e de vida que pode me proporcionar.

Maristella Paiva

RESUMO

Este projeto experimental busca investigar a programação de duas grandes rádios mineiras, a *Inconfidência* e a *Itatiaia*, no período do apogeu da ditadura militar para verificar como eram aplicados os mecanismos de censura nas mídias radiofônicas daquela época. Este produto objetiva registrar a partir de documentos e principalmente depoimentos uma reconstrução memorável pela relevância dessa história no contexto político nacional, diretamente vinculado aos meios de comunicação.

A pesquisa desse tema é importante para os estudos da memória do jornalismo radiofônico, pois engloba duas rádios antigas e renomadas da capital mineira, que estavam em funcionamento na época analisada. Também vale ressaltar, a importância e representatividade política do estado de Minas Gerais, como fator determinante nesse estudo. Sendo assim, o radiodocumentário, produto experimental realizado a partir desse assunto, funciona como difusor do conhecimento adquirido. Dessa maneira, acreditamos na importância da oralidade como linguagem democrática e como fator decisivo no maior acesso desses dados históricos.

PALAVRAS-CHAVE

Rádio; Programação; Política; Censura; Ditadura Militar

ABSTRACT

This experimental Project intends to investigate the programming of two great “mineiras” radios, *Inconfidência*, and *Itatiaia*, in the period of dictatorship apogee to verify how they applied mechanisms of censorship in the media of radio on that time. This product wants to register from documents and reports a memorable reconstruction for the relevancy of this history in the context national politics, directly bound to the media.

The research about this issue is important to studies of memory of radio journalism, because includes two old greats radios and renowned of capital “mineira” that were working in the period analyzed. Also worth noting the importance and political representation of the state of Minas Gerais, as a determining factor in this study. Therefore, the radio documentary, experimental product made from that matter, works as a diffuser of knowledge acquired. Thus, we believe in the importance of oral language as democratic and as a decisive factor in greater access of historical data.

KEY-WORDS

Radio; Programing; Politics; Censorship; Military dictatorship

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	07
O RÁDIO E A POLÍTICA NO BRASIL.....	11
AS RÁDIOS INCONFIDÊNCIA E ITATIAIA.....	13
O REGIME MILITAR E OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO.....	15
A CENSURA NAS RÁDIOS INCONFIDÊNCIA E ITATIAIA.....	18
RELATÓRIO TÉCNICO.....	24
Pré-produção.....	24
Produção.....	25
Pós-produção.....	27
CONCLUSÃO.....	32
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	34
ANEXO I (ROTEIRO).....	36
ANEXO II (DECUPAGENS).....	51

INTRODUÇÃO

Após 45 anos do golpe militar, estudos sobre a Ditadura Militar e os acontecimentos que a envolvem ainda se fazem atuais e necessários. Apesar da recente abertura de muitos dos documentos que a revelam e expõem também o funcionamento de seu aparelho, acredita-se que ainda existem muitos fatos importantes para serem descobertos.

Em 1964, o golpe deu início ao Regime Militar, sistema político provisório, mas que durou 21 anos e reprimia a participação popular na política do país. A ditadura, como também ficou conhecido o regime, provocou uma série de mudanças na sociedade brasileira, muitas delas relacionadas à expressão dos direitos civis e à liberdade de imprensa.

Ao longo do Regime Militar, medidas de repressão e censura foram adotadas pelos governantes. Contudo, foi no ano de 1968 que essas práticas se fizeram mais presentes na vida dos brasileiros, através do AI-5 (Ato Institucional Nº 5). Esse ato, dentre outras medidas, decretou o recesso do Congresso visando aumentar o controle executivo e militar sobre os cidadãos.

Nesse cenário foi promulgada a Lei da Imprensa¹, de forma que todos os veículos de comunicação foram colocados sob a supervisão dos tribunais militares. “Em dez anos de vigência do AI-5, a censura proibiu cerca de 400 peças de teatro, 200 livros, milhares de músicas e a população foi privada de incontáveis quantidades de notícias e informações” (PICOLI, HOFFMANN, RADDATZ, 2006, p.8).

Nesse contexto de repressão e de ausência de liberdade de expressão estudamos o meio radiofônico na capital mineira, suas limitações e mudanças durante esse período marcante para a mídia brasileira. A cidade de Belo Horizonte foi escolhida por sua relevância política no cenário nacional, além de ser a maior cidade de Minas Gerais, com 2.412.937 habitantes.

Decidimos então, utilizar como objetos de estudo desta pesquisa duas rádios de Belo Horizonte, a *Rádio Inconfidência* e a *Rádio Itatiaia*, durante o apogeu da censura militar, mais precisamente entre 1968 e 1973. A escolha das emissoras foi definida em função de que ambas encontravam-se em funcionamento naquela época, além da importância delas no cenário radiofônico do estado e do país. Outro aspecto relevante para a análise é o fato de uma rádio ser pública e outra comercial, a fim de investigarmos se a censura afetava qualquer emissora.

¹ Lei nº 5.250, de 9 de fevereiro de 1967. A Lei de Imprensa trouxe limitações à atividade jornalística e à liberdade de expressão, exigindo dos profissionais e das publicações medidas que podiam conduzir à autocensura.

Assim, este estudo visa, além de traçar um panorama das principais rádios da cidade de Belo Horizonte, entender o funcionamento da mídia radiofônica durante o apogeu da ditadura, uma vez que eram aplicadas diferentes técnicas de censura em distintos veículos de comunicação. Além de identificar características e peculiaridades da programação radiofônica da época. Portanto, pretende-se fugir do estudo de mídias impressas, o que é mais comum em pesquisas que envolvem censura, e mostrar como as restrições eram feitas no rádio.

Vale ressaltar também a importância dessa mídia no período estudado, uma vez que a televisão apesar de ter uma considerável adesão por parte da população brasileira ainda apresentava-se como veículo de entretenimento e não como meio informativo. Logo, era o rádio, com suas redações jornalísticas, uma das principais fontes de informação da maioria da população da época. Assim sendo, essa pesquisa se faz necessária para agregar registros históricos desse período de extrema importância nacional e que estava diretamente vinculado aos meios de comunicação.

Deste modo, foi feito previamente um levantamento teórico sobre o Regime Militar, a censura em diferentes meios de comunicação e aspectos culturais e comportamentais do período determinado. Esse levantamento nos possibilitou um embasamento necessário para produzirmos as entrevistas com os radialistas das emissoras selecionadas. No entanto, além de técnicas de produção e apuração próprias do jornalismo, utilizamos também procedimentos da história oral.

“A história oral é um procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar, através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre a História em suas múltiplas dimensões: factuais, temporais, espaciais, conflituosas, consensuais.” (DELGADO, 2006, p. 15).

Portanto, para Delgado (2006) a história oral é utilizada como um procedimento ligado a uma metodologia que visa a realização de entrevistas e depoimentos com pessoas que participaram de eventos históricos e testemunharam vários acontecimentos tanto na vida privada, quanto na coletiva.

Uma boa maneira de ajudar na reelaboração da memória do entrevistado é estimulá-lo com objetos e artigos que o façam lembrar dos acontecimentos da história por ele presenciados, como uma forma de estabelecer um diálogo entre o presente e o passado. “Também é usual que depoentes, estimulados pelas entrevistas, recorram a velhas relíquias ou

a artigos guardados, encobertos pela pátina do tempo, como fotos, objetos, jornais, discos, cartas, poemas, entre outros recursos, que possam contribuir para tornar o ato de lembrar mais vivo” (DELGADO, 2006, p. 17). Dessa forma, nossas entrevistas foram em sua maioria, realizadas dentro das próprias emissoras, onde os radialistas viveram e presenciaram as lembranças que nos foram narradas, o que caracteriza como objeto biográfico.

Entre as vertentes de estudo da História Oral, escolhemos a denominada História Oral temática. Estas se referem prioritariamente ao relato de experiências ou processos específicos vividos e testemunhados pelos entrevistados a partir de um tema de estudo pré-escolhido pelo pesquisador. E a partir de cada uma dessas entrevistas, serão desdobrados depoimentos de história de vida, que podem desencadear mais uma série de outros depoimentos e fatos. “É na realização das entrevistas que se situa efetivamente o fazer da história oral; é para lá que convergem os investimentos iniciais de implantação do projeto de pesquisa, e é de lá que partem os esforços de tratamento do acervo” (ALBERT, 1990 *apud* DELGADO, 2006, p. 27).

Optamos por utilizar tais procedimentos porque o presente trabalho aborda a reelaboração de uma memória a partir de narrativas específicas de funcionários ligados às rádios *Inconfidência* e *Itatiaia* durante o período da Ditadura Militar. Dessa forma, a memória, a identidade e a narrativa que são os elementos principais da história oral, estão estreitamente ligados em todo o processo de pesquisa e execução. “Portanto, a memória radiofônica apresenta-se como um conjunto de símbolos, transferido para determinados contextos de vida coletiva, situado no tempo e apreendido através de constantes ressignificações mnemônicas.” (GOMES, 2009, p. 8)

Sendo assim, estaremos mesclando o conhecimento empírico adquirido através dos artigos e livros utilizados no levantamento teórico com os procedimentos de história oral e também com os depoimentos de radialistas das emissoras analisadas. Assim, relacionamos a experiência dos funcionários dessas mídias naquela época com os dias atuais, representada por suas narrativas.

Um fator importante de nossa pesquisa é a utilização de metalinguagem. Afinal, a parte experimental desse projeto é a elaboração de um documentário radiofônico. Dessa maneira, escolhemos a linguagem do rádio, através do radiodocumentário para falarmos sobre próprio meio de comunicação durante o regime militar. “A principal vantagem do documentário sobre a fala direta é tornar o tema mais interessante e mais vivo ao envolver um maior número de pessoas, de vozes e um tratamento de maior amplitude. É preciso entreter e ao mesmo tempo informar, esclarecer e também estimular novas idéias e interesses” (MCLEISH, 2001, p.192).

Portanto, pretendemos difundir o conhecimento adquirido com essa pesquisa, pois a linguagem radiofônica além de permitir maior identificação com o tema abordado por parte das pessoas, também é considerada uma linguagem menos excludente que a escrita, por exemplo. Visamos também possibilitar o acesso desses dados históricos do rádio por outros cursos de Comunicação Social como fonte de pesquisa.

O RÁDIO E A POLÍTICA NO BRASIL

O principal elemento de sustentação para que o rádio se concretize como meio de comunicação, que transmite o conhecimento para diversos receptores, é a oralidade. Segundo Costa (2005) o rádio “através de uma oralidade direta, persuasiva e próxima, foi conquistando uma unanimidade nova e estimulando o imaginário dos ouvintes”.

O rádio, portanto, desde o seu surgimento vem ocupando o seu espaço entre os meios de comunicação. E no Brasil, o uso político desse veículo tem início juntamente com a história do mesmo (CIACCIA, 2007). A primeira transmissão ocorreu no dia 7 de setembro de 1922, durante o Centenário da Independência, na cidade do Rio de Janeiro, e a primeira voz que ecoou pelos alto-falantes da cidade foi a do então presidente Epitácio Pessoa. Foi o primeiro político brasileiro a apostar na força deste potente veículo. Nas eleições, o pioneiro no uso do rádio foi Júlio Prestes. Na campanha presidencial, ele buscou uma forma eficiente para se comunicar com seus eleitores.

O rádio passou a ser o maior veículo de comunicação de massa do país. Em 1932, Getúlio Vargas autorizou a publicidade no rádio. A movimentação de dinheiro no veículo impulsionou o mercado. A programação passa por uma transformação do erudito para o popular. Nessa fase, a mídia eletrônica consolida-se também na política, “quando Paulo Machado de Carvalho abre os microfones da Rádio Record para que César Ladeira lesse os discursos oficiais da Revolução Constitucionalista, ficando este conhecido como o seu locutor oficial” (CIACCIA, 2007).

As emissoras de São Paulo foram organizadas em rede por Paulo Machado, responsável pela liderança de audiência da Record, reforçada pelo sucesso das ‘palestras instrutivas’, programas que recebiam políticos como convidados.

Getúlio Vargas protagonizou uma das maiores apropriações da mídia eletrônica para disseminação da ideologia política de seu governo e da instituição da censura como controle de informação nos veículos de comunicação. Em 1938, lançou a Hora do Brasil, para propagar ações e interesses do Estado. Criou o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) para controlar a programação das emissoras, impedindo a participação de seus adversários. Em 1940, decidiu encampar a Rádio Nacional, que passou a atuar como mecanismo de controle social.

Em 1945, o marechal Eurico Gaspar Dutra assume o poder, após as eleições, e é convencido por seus aliados a manter no ar o programa criado por Vargas. Porém, muda o nome para “Voz do Brasil” para continuar estabelecendo o contato entre o Governo e a

população. Vários outros políticos usaram – e continuam utilizando – o rádio para difundir interesses políticos. Outro exemplo foi o mineiro Juscelino Kubitschek, que usou a "Voz do Brasil" para divulgar seu plano de metas (CIACCIA, 2007).

Apesar de ser conhecido pelo perfil “democrático”, Juscelino usava a censura quando conveniente, segundo Ciaccia. “O então deputado Carlos Lacerda foi uma de suas vítimas, devido aos seus ácidos discursos contra o governo. Assim como foi feito durante o Estado Novo, criaram-se limitações ao aparecimento de indesejáveis no rádio e na televisão e Lacerda era um de seus personagens” (CIACCIA, 2007, p. 45).

Ao longo dos anos, o rádio continuou sendo um forte aliado para políticos que estavam no poder. Em 1964 teve início o Regime Militar e como não seria diferente o veículo também era um alvo constante desses governantes. Nos próximos tópicos essa relação será mais bem abordada.

AS RÁDIOS INCONFIDÊNCIA E ITATIAIA

No estado de Minas Gerais, segundo Nair Prata (2003), a primeira emissora foi a Rádio Sociedade de Juiz de Fora, implantada em janeiro de 1926. Mesmo esta tendo sido a primeira, ainda de acordo com a autora, uma das mais importantes e tradicionais rádios de Minas foi e ainda é a *Rádio Inconfidência* de Belo Horizonte. A emissora estatal foi fundada em setembro de 1936, na mesma época que também foi implantada a Rádio Nacional, no Rio de Janeiro. A *Inconfidência* tinha o objetivo de unir a capital ao interior mineiro. A rádio, segundo um de seus locutores, Ricardo Parreiras², foi construída com a ajuda da prefeitura de cidades vizinhas, ou seja, os prefeitos dos municípios enviaram uma determinada quantia em dinheiro para ajudar na sua construção.

A emissora assim que inaugurada criou o programa que seria o carro chefe da rádio durante anos. O programa *A Hora do Fazendeiro* que possibilitaria o diálogo entre a cidade e a área rural, segundo Jung (2004) chegou a receber 25 mil cartas dos ouvintes. A programação da *Rádio Inconfidência*, voltada para o entretenimento e músicas, era composta por atrações como Ópera da Semana, Discoteca da Boa Música e Concertos, além disso, a rádio possuía três orquestras completas, um cast de músicos, cantores e radioatores, sendo uma das mais relevantes e modernas emissoras da época. Conforme Prata (2003), a emissora também funcionava num dos lugares mais vistosos da cidade, a Feira Permanente de Amostras, onde atualmente funciona a Rodoviária de Belo Horizonte.

Outro marco na história das emissoras mineiras, de acordo com Nair Prata, foi a *Rádio Itatiaia*, fundada por Januário Carneiro, em 1951. A rádio foi inaugurada na cidade de Nova Lima, município perto de Belo Horizonte, mas em 1952 transferiu seus estúdios para a Capital mineira. Segundo Martins e Costa (2002) quando a emissora foi transferida para Belo Horizonte a cidade “tinha 55 anos e cerca de 400 mil habitantes. [...] A TV ainda não existia, e na capital operavam três emissoras de rádio: Inconfidência, Guarani e Mineira.”

Dessa forma, a *Rádio Itatiaia* para se diferenciar das demais rádios e também por falta de recurso financeiro investiu duramente em um modo diferente de fazer rádio. Afinal, em 1948, foi introduzida a primeira redação de radiojornalismo em uma emissora brasileira, a Rádio Nacional do Rio de Janeiro. Assim, o fundador da *Itatiaia*, Januário Carneiro, “sonhava com uma emissora que se afastasse da receita consagrada do radioteatro e dos programas de auditório e abrisse espaços mais generosos para esporte e notícias” (MARTINS e COSTA,

² Entrevista de Ricardo Parreiras para Ana Paula Gomes Nunes e Maristella Paiva Cota. Belo Horizonte, 31. 8. 2009 (Especial para este trabalho)

2002, p. 3). A rádio então foi marcada pela cobertura dos Jogos Olímpicos Universitários, na cidade de Belo Horizonte e desde então, mantém uma programação voltada para os esportes e para o jornalismo.

Na próxima parte desse memorial abrangearemos além da temática rádio, outros veículos de comunicação no período do regime militar. Explicitaremos como era relação dos militares com a mídia no Brasil.

O REGIME MILITAR E OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

O Golpe Militar de 1964 foi o marco inicial do Regime Militar no Brasil, regime que coincidiu com um período de notável crescimento econômico, entretanto, de fortes repressões sociais. O governo também utilizou os meios de comunicação a favor de suas ideologias e aspirações.

O ápice do tumultuado ambiente político no país ocorreu em 31 de março de 1964, quando o ‘Repórter Esso’ transmitiu, em edição especial a movimentação de militares e de políticos colocando o golpe em ação. “No dia 1º de abril os fuzileiros navais ocupavam o Jornal do Brasil, a Tribuna da Imprensa e O Globo” (CIACCIA, 2007, p.46). Porém, a primeira emissora a anunciar a movimentação das tropas foi a Itatiaia através de uma reportagem de Fábio Martins³, radialista da época.

“Eu fiz na noite de 30 de março de 1964 uma entrevista com o General Guedes, esse General foi o General que comandou as tropas de Minas que foram em direção a Juiz de Fora e lá se juntaram às tropas do General Mourão Filho e marcharam pelo Rio de Janeiro. [...]Então, o General Guedes e o General Mourão marcharam pelo Rio de Janeiro, depuseram o presidente da República e ele anunciou esta deposição na noite anterior, no dia 30. [...] Isso ficou lá na rádio Itatiaia, eu não sei se eles têm cópia [...]”

Pela capacidade de penetração e audiência da mídia eletrônica, as emissoras de rádio sofreram uma grande pressão e forte censura.

“A primeira vítima foi a Mayrink Veiga, que ficou fora do ar por três semanas. Durante esse período todos os funcionários foram investigados por um inquérito Policial Militar. Quando voltou à operação normal, a rádio mudou sua postura política, tendo a volta de Carlos Lacerda, agora para defender o regime militar. Pouco depois o governo resgatou um decreto de 1932 e declarou a caducidade da concessão dada à Mayrink Veiga por infração ao disposto sobre a intransferibilidade da concessão. Mesmo com toda a discussão gerada com as ações do governo, em 3 de novembro de 1965, a emissora saiu em definitivo do ar” (CIACCIA, 2007, p.47).

Naquela época, o rádio ainda era um veículo extremamente popular, a televisão apesar de sua ascensão rápida não atendia grande parte da população brasileira. Além disso, a TV possuía características mais específicas de um veículo de entretenimento, conseqüentemente, mais independente das circunstâncias políticas que o país estava vivendo.

³ Entrevista de Fábio Martins para Ana Paula Gomes Nunes e Maristella Paiva Cota. Belo Horizonte, 17. 9. 2009 (Especial para este trabalho)

Em 1970 foi aprovada a censura prévia, que consistia na presença dos censores nas redações jornalísticas, quando o veículo recusava a autocensura. Nas emissoras de rádio essa realidade era diferente, já que não existia uma resistência a autocensura e mesmo assim, censores foram enviados para constante vigilância. “Parece não haver dúvida sobre a tentativa de a Polícia Federal controlar aqueles que trabalhavam nas emissoras de rádio espalhadas pelo Brasil” (NASCIMENTO, 2009 p.4).

No entanto, Abreu (2005) salienta que no início do regime autoritário, os grandes empresários da mídia foram beneficiados pelos militares, uma vez que aos empresários foram concedidos financiamentos para a ampliação das redações. Ainda de acordo com a autora, em torno de 30% das receitas dos jornais eram conseguidas através da publicidade de órgãos oficiais.

Sendo assim, percebe-se durante um período inicial do regime certa dependência econômica dos meios de comunicação com relação aos governantes militares. “Ao lado da imposição da censura, a modernização da mídia fez parte de uma estratégia ligada à ideologia da segurança nacional” (ABREU, 2005, p.53).

Contudo, ainda de acordo com a autora, a imprensa foi aos poucos se afastando dos militares, à medida que a censura aumentava. Mas, foi após o Ato Institucional nº 5 que essa separação ficou mais evidente, quando é decretado o recesso do Congresso e institucionalizada a censura. A partir daí, a mídia passou a ter que enfrentar os censores e a ser encarada com desconfiança pelos governantes.

De acordo com Nascimento, durante o regime militar programas de músicas eram estimulados com o objetivo de envolver os jovens de forma alienante. Apesar do conteúdo jornalístico das emissoras ser o mais visado pelos censores, toda a programação das emissoras estava sob constante vigilância.

“A escolha das músicas para serem rodadas nos programas tinha que ser cuidadosa. Nem todas as canções da música popular brasileira podiam ser veiculadas. Canções compostas por Chico Buarque de Holanda precisavam passar por uma seleção criteriosa para não atrapalhar o programa. As músicas de protesto, quaisquer que fossem, eram censuradas.” (NASCIMENTO, 2009, p.9)

Outro ponto interessante levantado por Nascimento é o fato de que durante o período do regime militar houve uma massiva distribuição de concessões de rádio e TV para homens públicos que estivessem de acordo com governo militar e aceitassem as imposições e o

formato que o rádio deveria seguir. O que reafirma a estratégia político-ideológica dos militares.

Quando essa estratégia não era o suficiente para disseminar a ideologia e aumentar a popularidade do regime, de acordo com Mattos (1996), muitos jornais, durante a vigência do AI-5, grandes e pequenos, eram invadidos e lacrados pela força policial. Ou, no caso das rádios, como Nascimento acredita, a simples presença de um agente policial, todos os dias, nas emissoras para avaliar a programação já podia ser considerado um tipo de tortura.

A censura, reforça Abreu (2005), era um fator que atrapalhava a atuação da mídia como empresa comercial, e a busca pela concorrência só seria possível através da independência jornalística perante o governo. Dessa forma, esses fatores devem ser vistos como determinantes, incitando os proprietários da mídia a se colocar a favor da redemocratização do Brasil.

A partir disso, o próximo tema desse memorial será referente à censura nas emissoras de Belo Horizonte, mais especificamente, as rádios *Inconfidência* e *Itatiaia* da capital. Assim, exemplificaremos através de relatos de radialistas dessas emissoras, de que maneira a censura esteve presente nas rádios.

A CENSURA NAS RÁDIOS INCONFIDÊNCIA E ITATIAIA

Para reconstruirmos o cenário radiofônico daquela época e entendermos melhor suas peculiaridades e limitações perante o Regime Militar, entrevistamos radialistas, locutores e empresários desse ramo, que nos forneceram muito mais que respostas a nossas perguntas, nos forneceram histórias, e estabeleceram pontos de reflexão. “São muitos os discursos construídos de lugares sociais distintos, mas todos ajudam na construção de uma visão de uma época, que se torna compreensível a partir do seu exame com fins interpretativos” (NASCIMENTO, 2009, p.2).

Dessa maneira, a história do período em que a ditadura esteve em seu apogeu, pode ser exemplificada por pessoas que a viveram bem de perto. Dentre as rádios pesquisadas de Belo Horizonte, a *Inconfidência* e a *Itatiaia*, uma diferença já é marcante entre as duas, que é o fato da primeira ser estatal e a segunda privada. Mas, nesse período, ambas sofreram com a censura, principalmente no que diz respeito ao conteúdo noticioso.

Paulo Bastos⁴, coordenador de programação da *Inconfidência*, lembra que mesmo se tratando de uma rádio estatal, a emissora não tinha tratamento diferenciado frente às demais.

“A censura na ditadura militar, ela não distinguia, se era rádio do Estado, se era privada. A censura tava dentro de todas as emissoras, inclusive na *Inconfidência*. Ela não dava trégua, patrulhava o tempo todo, tinha que enviar as matérias que iam ao ar, fazia a censura prévia, comum a todas as emissoras de rádio na época”.

Mas para Fábio Martins, radialista que trabalhou tanto na *Inconfidência* quanto na *Itatiaia*, a diferença em relação à censura entre as duas emissoras era aparente.

“Tem uma emissora, a *Itatiaia* houve censura mesmo. A rádio *Inconfidência* houve a presença da censura, mas ela não tinha o que fazer não, porque as pessoas já sabiam que tinham que obedecer a aquelas proibições todas e mais a censura interna de cada um e mais o medo e mais o pavor. Ninguém então ia fazer nada disso.”

O fato é que a censura dificultou o trabalho dentro das emissoras e espalhou o medo. Em muitas delas, os jornalistas praticavam a autocensura, por pressuporem que a informação não seria veiculada. Na *Inconfidência*, por exemplo, isso acontecia com frequência, como explica Ricardo Parreiras, radialista da emissora: “então, a gente já fazia uma pré censura, não

⁴ Entrevista de Paulo Bastos para Ana Paula Gomes Nunes e Maristella Paiva Cota. Belo Horizonte, 28. 8. 2009 (Especial para este trabalho)

vou colocar isso aqui não porque eu tenho certeza de que não vai passar. Aí você não punha”. Ele afirma que era comum essa atitude dentro da rádio, porque o medo entre os jornalistas era muito grande e principalmente de sua parte. “Sempre fui muito medroso, eu queria estar bem ali com todo mundo. E eu procurava fazer da melhor maneira possível. Eles querem assim, vamos fazer assim. Eu nunca me envolvi, nunca me envolvi, não concordava, mas também não me envolvi”, relata o radialista. E é exatamente isso que reafirma Fábio Martins ao falar sobre a *Inconfidência*: “Na *Inconfidência* não tinha problema porque ela estava sob autocensura. A censura do jornalista apavorado, com medo”.

Em relação ao conteúdo, as notícias tinham que ser enviadas para os censores antes de serem veiculadas. E algumas delas eram proibidas para transmissão. “Quaisquer publicações que fizessem menção ao governo, à política, à economia e ao militarismo, entre outros assuntos, eram proibidos; censurados” (PEREIRA; BEZERRA; CARDINAL; GONÇALVES; OTRE, 2008, p.6). Mas, segundo o jornalista Fábio Martins, não era apenas assuntos relacionados ao regime que eram vetados:

“E tinha uma notícia em torno do aumento do preço dos gêneros alimentícios, feijão, arroz, batata. Ele [o censor] foi e falou assim: Mas isto aqui eu acho que não pode ser divulgado. Eu disse por quê? Não, aumento de preço? Nós fizemos a revolução, os preços não podem aumentar, eu vou telefonar para o General. E telefonou. Depois veio a ordem para cortar aquele aumento dos produtos alimentícios, o preço, e cortou.”

Na *Inconfidência*, o conteúdo informativo era visto com antecedência e se fosse aprovado podia ser veiculado, como em todas as emissoras da época. Programas humorísticos também eram alvo dos censores, já que poderiam conter conteúdo subversivo. Um exemplo desse tipo de programa na emissora era o programa de Ricardo Parreiras.

“[...] naquela época eu produzia programas humorísticos e era uma luta. Porque eu pegava uma piada pequena, um desfechozinho interessante e eu espichava aquilo e terminava com aquele desfecho. E a gente tinha que levar ali na Praça Rômulo Soares no departamento da Polícia Federal e levava pra eles darem uma olhada e fazerem a censura. Eles olhavam, olhavam, olhavam, ah não entendi a piada, e colocava e batia o carimbo lá de censurado. E censurar uma frase, se você pegar um programa humorístico e você fez um esquete, vamos dizer uma lauda pra chegar ao desfecho que quer, que é interessante. Se você tirar uma frase aí perde o sentido todo, às vezes ele tirava até o desfecho, então não justificava. Tinha que fazer outro, era uma luta, era uma correria [...]”

Conforme Emanuel Carneiro⁵, em relação aos programas mais opinativos e informativos, a *Itatiaia* enfrentou problemas, como qualquer outro veículo de comunicação da época. Alguns programas foram retirados do ar no período. Um exemplo é “O Jornal dos Doze”, em que doze pessoas explicitavam comentários sobre diversos assuntos. Entre os comentaristas estava Marta Nair Monteiro, professora primária em Belo Horizonte que comandou uma greve dos professores no Governo Magalhães Pinto. Ela ficou, dessa forma, com uma imagem muito forte de contestadora, o que representava uma ameaça para o Regime Militar. Dom João de Resende Costa foi outro exemplo citado. Ele não usava o microfone para falar apenas de questões religiosas e sim para expor suas posições políticas. O enfoque de todos os comentaristas era estabelecer esse tipo de debate, contrariando o mecanismo de controle social ditatorial.

Seus apresentadores passaram a ser visados e o programa sofria forte pressão dos censores para que seu conteúdo editorial fosse definitivamente mudado. O Jornal dos Doze acabou saindo do ar por decisão da própria rádio, que não queria modificá-lo em função das proibições da censura, de acordo com Emanuel Carneiro.

Um caso interessante, no que se refere à programação censurada, é em relação ao programa mais antigo da rádio *Inconfidência*, “*A Hora do Fazendeiro*”. Por seu conteúdo vinculado ao meio rural e ao mundo sertanejo, não havia grandes problemas com a censura, como afirma Tina Gonçalves⁶, apresentadora do programa atualmente: “E não tinha censura. Não precisava porque... Era aquela genuína música, genuinamente sertaneja, de raiz, lá do fundo mesmo do baú.”

Os programas sertanejos na *Itatiaia*, segundo Emanuel Carneiro, diretor presidente da rádio, também não eram alvo de interesse dos censores, assim como na *Inconfidência*. Ele também afirma que outra área do jornalismo que continuou sendo divulgada normalmente foi o esporte, o grande diferencial da emissora.

“E os militares até tinham interesse em que o esporte estivesse presente nas programações. O Médici foi um dos presidentes da revolução, ele ia aos estádios, acompanhava o futebol, ele tinha um lado esportivo. Um lado esportivo que o governo queria fazer isso, como se fosse quase uma obrigação dos veículos de divulgarem, o esporte, a seleção brasileira, aquele negócio: 90 milhões em ação, pra frente Brasil, do meu coração. Copa de 70 e tudo mais.”

⁵ Entrevista de Emanuel Carneiro para Ana Paula Gomes Nunes e Maristella Paiva Cota. Belo Horizonte, 17. 8. 2009 (Especial para este trabalho)

⁶ Entrevista de Tina Gonçalves para Ana Paula Gomes Nunes e Maristella Paiva Cota. Belo Horizonte, 28. 8. 2009 (Especial para este trabalho)

Os militares, portanto, tinham interesse em fortalecer a programação esportiva nas emissoras radiofônicas como forma de incentivar o foco para o entretenimento e desviar a atenção da população para o cenário político.

E para que todos esses programas, modificados ou não, ficassem sob o olhar do regime militar era comum nas emissoras radiofônicas a presença diária do censor. Dessa forma, os jornalistas eram ainda mais vigiados, como afirma Paulo Bastos da rádio *Inconfidência*: “o censor ficava dentro da redação, pra você ter uma idéia. Eles ficavam revezando e observando tudo que se redigia porque rádio tem uma coisa, né? Você não pára avião no ar. Depois que foi pro ar, acabou”.

Na *Itatiaia* existia essa mesma situação, conforme seu diretor presidente. Para ele, de certa forma, a presença dos censores contribuía para amenizar a autocensura dos comunicadores.

“Eles vinham, você tinha que mostrar o programa, o jornal. Foi até uma certa tranqüilidade você não tinha mais aquele medo de colocar uma notícia, que na sua avaliação era normal e que na avaliação do outro lado, do regime militar, ela podia estar contendo alguma coisa contra a revolução e tudo mais. Esses episódios foram assim, dolorosos, de gente que ficava com uma autocensura”.

Apesar da autocensura, profissionais da *Itatiaia* buscavam mecanismos de burlar o sistema, como assinala Fábio Martins.

“Tinha um clima de burlar, uma tentativa de burlar logo no início, que era assim, inflexão das palavras, as palavras iam dizer uma coisa, mas acabavam dizendo outra. Por exemplo, o presidente Médici, visita Portugal, em Portugal foi recebido. Aí começava, foi recebido com entusiasmo por toda a população, com sotaque português. E isto era considerado um abuso, quer dizer uma falta de respeito.”

Emanuel Carneiro relembra, orgulhoso, de táticas de resistência da *Itatiaia*. Dentre elas, a contratação de comunicadores “subversivos” sob a ótica do regime:

“E aí a *Itatiaia*, ela foi muito corajosa porque muita gente que nessa época perdeu o emprego em outros veículos de comunicação, veio trabalhar na *Itatiaia*. A *Itatiaia* enfrentou mais pressões [...] . Tinham aqueles nomes marcados, e nenhum funcionário foi demitido em função da revolução. Isso é um orgulho que a *Itatiaia* tem, porque nunca um anunciante modificou a programação da *Itatiaia* ou tirou um repórter”.

O radialista Acir Antão⁷ que trabalhou na *Itatiaia* na época do Regime Militar também afirma que houve tentativas de burlar os censores: “Política também, você não podia ser contra o governo. Qualquer coisa que saísse que fosse contra o governo, e a gente burlava, né. Porque a gente esperava, enquanto a Polícia Federal não censurava a notícia, a gente dava”.

A utilização de músicas de contestação subliminares também foi outra maneira de colocar no ar mensagens de protestos, o que acabou sendo outro forte foco de censura, recorda Emanuel Carneiro: “Olha sempre tinha um jeito, né? Você lembra essa música do Chico Buarque ‘Pai, afasta de mim esse cálice’, né? Ele usou o cale-se, como um cálice da Bíblia, das escrituras. Havia sempre um jeito. Depois eles mandavam tirar [...] as músicas eram censuradas, músicas de contestação não podia rodar”. Ainda no que tange a programação musical, Acir afirma: “Depois, na década de 70, já na década de 70, a programação foi ficando, a musical foi ficando censurada também. Aliás, a censura chegava na discoteca e já era proibida, é proibido tocar a música que tinha do Chico Buarque de Holanda, você não tocava. Proibido tocar a música do Chico, do Caetano, você não tocava.”

No entanto, segundo Carocha (2006) a censura musical não fora criada durante a Ditadura: “A censura musical inserida no âmbito da moral e dos bons costumes não foi criada pelo regime militar, desde o Estado Novo, ‘a censura prévia vigiava de perto a música popular, canções de teor político só eram divulgadas pelo rádio quando elogiosas ao Estado’” p. 195.

Emanuel Carneiro cita outros exemplos:

“Você tinha, por exemplo, informações vindas dos Estados Unidos, através da voz da América de algum deputado, algum senador americano que contestava o regime militar brasileiro, se punha isso no ar, depois eles proibiram isso também. Você não podia falar, por exemplo, do regime militar chileno. A notícia saía e logo depois, rapidamente vinha aquela ordem de que aquilo não podia ir pro ar mais. É foi assim. Era o jogo [...]”.

Neste contexto, elogiou a resistência do Jornal Estado de São Paulo: “O Estado de São Paulo foi um jornal muito corajoso na época. O Estadão, quando o governo tirava uma notícia na primeira página, ele não substituíria por outra notícia não. Ele botava uma receita de bolo, uma receita de macarronada, uma receita [...]”.

⁷ Entrevista de Acir Antão para Ana Paula Gomes Nunes e Maristella Paiva Cota. Belo Horizonte, 31. 8. 2009 (Especial para este trabalho)

E mesmo com todas essas tentativas de burlar e de resistência ao regime, alguns radialistas da *Itatiaia* enfrentaram problemas com os censores, decorrentes da veiculação de notícias, como conta o radialista José Lino Souza Barros⁸.

“Osvaldo foi levado duas vezes à polícia federal pra depor, duas vezes. Uma porque ele falou, no jornalismo esportivo, que o jogador dava porrada. Foi levado à Polícia Federal. Quando ele chamava de porrada, uma pancada, mas ele achava que a palavra parecia com isso e aquilo, foi levado lá. E outra, ele foi levado a depor, com processo aberto, instaurado, escrivão recebendo... Porque ele falou que o regulamento do campeonato tinha sido feito nas coxas. Eles entenderam outra coisa. Teve que explicar, que o que ele queria dizer tinha sido... Ele queria dizer era aquilo mesmo. Mas explicou que ele tinha sido feito em cima da perna... Então eram coisas assim, ou seja, a censura procurava uma maneira de te pegar.”

Mas ainda como relata José Lino, nenhum radialista da *Itatiaia* chegou a ser preso, devido a veiculação de notícias consideradas subversivas. “Mas felizmente, na verdade, eu acho que nenhum preso mesmo conheceu lá os horrores do... Acho que ninguém chegou a conhecer aqui na rádio.” Na *Inconfidência* também não foram relatados casos no que refere a prisões.

⁸ Entrevista de José Lino Souza Barros para Ana Paula Gomes Nunes e Maristella Paiva Cota. Belo Horizonte, 17. 9. 2009 (Especial para este trabalho)

RELATÓRIO TÉCNICO

Pré-Produção

Nesta parte do trabalho, explicitamos cada etapa do processo de realização do rádio documentário “Sintonia do Silêncio: um radiodocumentário sobre a censura nas rádios *Inconfidência* e *Itatiaia* no apogeu da Ditadura Militar”. A idéia do objeto de pesquisa em si, já estava sendo discutida desde o segundo semestre do ano de 2008, em conjunto com a nossa orientadora. Inicialmente decidimos trabalhar com rádios da Zona da Mata Mineira. Mas no início de 2009, optamos por mudar e escolhemos as rádios de Belo Horizonte, por muitas ainda estarem em funcionamento e pela relevância histórica dessas emissoras no período escolhido.

Delimitamos dessa forma, as rádios com as quais trabalharíamos. Optamos por três inicialmente: A *Rádio Inconfidência*, a *Rádio Itatiaia* e a *Rádio América*. Decidimos, juntamente com nossa orientadora, chamarmos uma professora de história para que auxiliasse na pesquisa em questão. Foi quando entramos em contato com a professora Doutora em História Social Ana Maria Dietrich, por ela possuir diversos trabalhos que abordam a história oral e a memória, acreditávamos que sua contribuição poderia ser valiosa para nosso estudo. A professora aceitou co-orientar o nosso trabalho e prontamente indicou uma possível lista bibliográfica.

Depois de tomarmos essas decisões, começamos a pesquisa bibliográfica, em livros, artigos, revistas, sites e textos que pudessem nos auxiliar, principalmente, no conhecimento histórico necessário para realização das entrevistas. Utilizamos livros de história da rádio no Brasil, outros que abordam os meios de comunicação como um todo, artigos científicos sobre censura e ditadura e livros de história do regime militar. Além disso, a bibliografia referente à história oral, também foram importantes para que as entrevistas fossem conduzidas de acordo com o procedimento metodológico em questão.

Ainda na pré-produção, realizamos uma visita à Belo Horizonte, no dia 03 de julho de 2009, para conhecer as rádios a serem objeto do projeto. Conhecemos pela manhã, a *Rádio Inconfidência*, na qual já pegamos os contatos de possíveis entrevistados. Pela tarde, visitamos a *Rádio América*. Nesta emissora, encontramos algumas dificuldades em encontrar pessoas que trabalharam no período estudado, já que muitas delas haviam falecido.

No segundo semestre de 2009, decidimos não trabalhar com a *Rádio América*, primeiramente, porque já havíamos encontrado problemas em relação aos entrevistados e

segundo, porque dentre as três, ela é a emissora mais nova, hoje com 53 anos. Além disso, optamos pelas rádios *Inconfidência* e *Itatiaia*, pelo fato da primeira delas ser estatal e a segunda, privada. Essa distinção contribuiria em nossa pesquisa, no que diz respeito à aplicação da censura nas duas emissoras.

A partir disso, começamos a entrar em contato com essas rádios para marcarmos as entrevistas. Nessa fase de ligações, uma das dificuldades encontradas, foi o fato de alguns dos principais radialistas da época analisada já terem falecido ou estarem impossibilitados de nos conceder entrevistas devido à idade.

Antes de viajarmos para Belo Horizonte, nos preocupamos com os equipamentos técnicos (gravadores, fitas), que seriam necessárias para as gravações. Também foi elaborado um pré-roteiro de perguntas que serviu de auxílio nas entrevistas. E tomamos o cuidado de marcar cada uma delas em um ambiente que remetesse àquilo que o entrevistado deveria recordar.

Materiais técnicos usados para a gravação:

- Gravador de voz digital Panasonic RR-US450
- Gravador Panasonic Cassete Recorder RK-L 31
- MP3 de 2GB GT Sound – Modelo Spirit
- Fita cassete UR 60 Maxell
- Fita cassete A60 TDK

Produção

Marcamos para o dia 28 de agosto na parte da tarde, duas entrevistas na *Rádio Inconfidência*. E para o dia 31, uma na *Inconfidência* e uma na *Itatiaia*. Viajamos para Belo Horizonte e já na *Inconfidência* entrevistamos o radialista Paulo Bastos, e a locutora da rádio Tina Gonçalves, respectivamente no final e antes de seus programas.

Em cada uma das entrevistas, primeiramente pedíamos para a pessoa falar um pouco de sua própria história dentro da rádio, para depois introduzirmos o assunto. Tomamos esse cuidado, já que enquanto eram marcadas as entrevistas, um radialista se recusou a falar conosco quando soube que se tratava do período ditatorial. Dessa forma, sempre chegávamos às emissoras falando que as entrevistas abordariam a programação das rádios no final da década de 60 e início da década de 70.

Já no dia 31, entrevistamos o radialista mais antigo da *Rádio Inconfidência*, Ricardo Parreiras, pela manhã e um dos radialistas da *Itatiaia*, o Acir Antão, pela tarde. Antes da entrevista marcada para às 16h, tentamos visitar a rádio *Itatiaia*, já que o escritório onde ela seria realizada ficava em frente a emissora. Mas ao chegarmos a rádio, fomos impossibilitadas de entrar e de tentar falar até mesmo com a Assessoria de Imprensa, já que não tínhamos marcado um horário. Foi-nos solicitado que enviássemos um e-mail para uma possível visita em outro dia. Somente fomos conseguir visitar a *Itatiaia* com a ajuda de Acir Antão, que nos apresentou a todos e se comprometeu a marcar as demais entrevistas, sem a necessidade de um e-mail agendado-as.

Nossa viagem seguinte à Belo Horizonte foi no dia 17 de setembro. Conseguimos agendar duas entrevistas na *Itatiaia*, com a ajuda de Acir Antão: uma com o diretor-presidente, Emanuel Carneiro, e uma com o radialista José Lino Souza Barros. Também entramos em contato, depois de inúmeras tentativas e ligações desde o mês de agosto, com o Prof. de Radiojornalismo da UFMG, Fábio Martins. Essa entrevista seria essencial para o radiodocumentário, já que ele havia trabalhado durante o período ditatorial, tanto na *Inconfidência*, quanto na *Itatiaia* e poderia traçar um paralelo entre as duas.

Realizamos as duas entrevistas na *Itatiaia* pela manhã e não tivemos problemas para entrar na emissora. Pela tarde, fizemos a entrevista com Fábio Martins, no Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Minas Gerais.

Apesar das dificuldades, em ambas as emissoras fomos muito bem tratadas. Em todas as entrevistas permanecemos em lugares fechados, que tivessem pouco ruído. Isso foi facilitado, já que nossos entrevistados eram radialistas e entendiam o nosso cuidado. Em cada um das gravações foram usados por precaução, dois gravadores. Nas primeiras entrevistas, o pré-roteiro de perguntas serviu para conduzir os depoimentos, mas nas demais, ele não foi mais necessárias. Durante as entrevistas evitamos interromper os depoentes para não romper sua linha de raciocínio e evitamos também possíveis danos na qualidade dos áudios para o documentário.

Realização das entrevistas

- Dia 28/08/09

14h30: Paulo Bastos – Radialista *Inconfidência*

16h: Tina Gonçalves – Locutora *Inconfidência*

- Dia 31/08/09

10h: Ricardo Parreiras – Radialista *Inconfidência*

16h: Acir Antão – Radialista *Itatiaia*

- Dia 17/09/09

10h: Emanuel Carneiro – Diretor-presidente *Itatiaia*

11h30: José Lino Souza Barros – Radialista *Itatiaia*

17h: Fábio Martins – Professor de Radiojornalismo da UFMG e ex-radialista da *Inconfidência* e da *Itatiaia*

Pós-produção

Após a realização das entrevistas, todo o material recolhido foi selecionado através da decupagem para elaboração do roteiro, gravação do radiodocumentário e edição do programa.

Decupagem

A primeira etapa foi a decupagem das entrevistas. No total as gravações somaram 3 horas, 17 minutos e 83 segundos. As entrevistas foram divididas entre as estudantes para que fossem realizadas as decupagens em uma semana. Apesar de termos utilizado como procedimentos metodológicos a História oral, fizemos a transcrição das entrevistas seguindo o método do jornalismo em rádio, ou seja, não fizemos textualização ou mesmo transcrição. Sendo assim, as entrevistas foram decupadas na íntegra sem alterações nas falas. Com esta etapa concluída, os melhores trechos foram selecionados tanto para análise do relatório teórico, quanto para o roteiro.

Elaboração do roteiro

Após as decupagens, selecionamos os trechos das entrevistas que julgávamos ser pertinentes para a utilização no roteiro do radiodocumentário. A partir daí, começamos a escrever o roteiro do documentário, baseadas em nossa pesquisa teórica e atentas sempre a ordem cronológica dos fatos e ao ritmo do programa, mesclamos nossa locução com as sonoras dos entrevistados. Além disso, nos preocupamos também com a duração e a qualidade das sonoras utilizadas para uma melhor compreensão por parte do ouvinte.

Gravação do radiodocumentário

Gravamos o programa depois da elaboração do roteiro e depois de sua correção pela orientadora. Optamos por gravá-lo duas vezes seguidas caso alguma gravação se sobressaísse em relação à outra. Gravamos o programa no laboratório de Radiojornalismo do nosso curso e para mantermos o ritmo do programa optamos por revesar a locução.

Convidamos um colega de sala, o Tim Gouveia, para também participar do programa. Utilizamos sua locução no início, na vinheta de abertura e no final do radiodocumentário. A gravação, que foi realizada em 2 dias, também contou com a ajuda do técnico de áudio, Paulo Rosado.

Edição

A edição do programa começou antes mesmo da gravação. Assim que decidimos os trechos dos entrevistados a serem usados no programa, já selecionamos cada um deles para facilitar o trabalho. Ao mesmo tempo, escolhíamos as músicas que foram utilizadas no documentário radiofônico, que também já eram selecionadas e cortadas.

Após a gravação iniciamos a edição completa, que durou 4 dias. O programa utilizado foi o Audacity, mas o Sound Forge foi usado para finalização.

Seleção de trilha sonora

Como parte do processo de edição, a escolha da trilha se baseou totalmente no tema escolhido. Como no período ditatorial, várias músicas foram impedidas de serem veiculadas nas diversas rádios, foi decidido que toda a trilha sonora seria da época do regime militar.

Dessa forma, as músicas que por tanto tempo foram proibidas nas duas rádios em questão, foram utilizadas em sua maioria no programa, de maneira a melhor ilustrar o período analisado.

Músicas

Como já foi dito, para o radiodocumentário foram escolhidas músicas representativas do período ditatorial. Algumas delas foram encontradas no site www.censuramusical.com⁹, onde são apresentados documentos de canções vetadas ou que encontraram problemas nas mãos dos censores.

As músicas foram as seguintes:

- É proibido proibir (1968) – Versão: Caetano Veloso
- Roda Viva (1967) – Versão: Chico Buarque
- Alegria, alegria (1968) – Versão: Caetano Veloso
- Nada será com antes (1972) – Versão: Elis Regina
- Aroeira (1967) – Versão: Geraldo Vandré
- Divino Maravilhoso (1968) – Versão: Gal Costa
- Construção (1971) – Versão: Chico Buarque
- Óculos escuros (1973) – Versão: Raul Seixas
- Cálice (1973) – Versão: Chico Buarque
- Acorda, amor (1974) – Versão: Chico Buarque
- Pra não dizer que não falei de flores (1968) – Versão: Geraldo Vandré
- Apesar de você (1978) - Versão: Chico Buarque
- Panis et Circensis (1968) – Versão: Mutantes

Além das músicas, também foram utilizados dois efeitos sonoros em todo o programa. Um deles era de impacto e o outro simulando a ação de sintonizar o rádio. Eles foram escolhidos por fazerem referência ao assunto e ao título do trabalho.

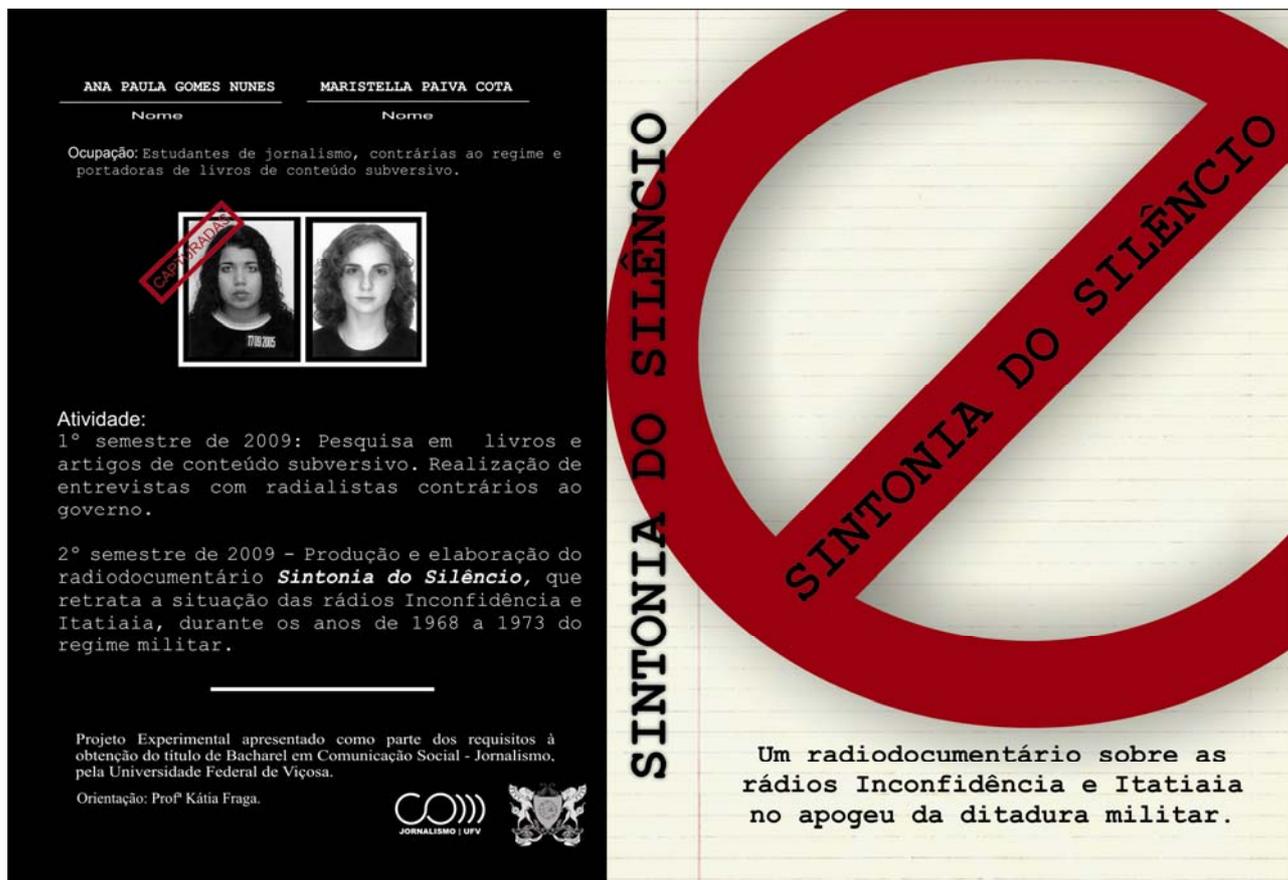
⁹ O site faz parte de um trabalho de conclusão de curso de estudantes de jornalismo da Universidade Mackenzie, em São Paulo, que escolheram como tema os efeitos da censura na produção musical durante o regime militar.

Preparação final do material

Para elaboração final do material confeccionamos uma capa no programa CorelDRAW X4. A idéia era retratar o que muito foi retratado em nosso radiodocumentário: o ato de proibir. Para isso, simulamos um carimbo vermelho, como representação das proibições existentes na ditadura.

A idéia para a contracapa surgiu de uma ficha¹⁰ de presos da ditadura. A partir dela, nos baseamos para explicar o conteúdo do documentário radiofônico e as demais informações necessárias para a contracapa.

O nome do programa “Sintonia do Silêncio” foi escolhido como forma de aliar o rádio e a ditadura, o ato de sintonizar e o ato de se calar.



¹⁰ A imagem foi encontrada no seguinte site: <http://colunistas.ig.com.br/luisnassif/2009/04/29/dilma-e-o-misterio-da-maquina-eletrica/comment-page-1/>.

Ficha técnica do radiodocumentário

Produção, roteiro, edição e ancoragem: Maristella Paiva e Ana Paula Nunes.

Participação especial: Tim Gouveia.

Colaboração: João Vicente e Paulo Rosado.

Orientação da professora Kátia Fraga.

Duração: 19'12''

CONCLUSÃO

O meio radiofônico foi analisado durante o período da ditadura militar neste trabalho por meio da investigação em duas emissoras mineiras, a *Inconfidência* e a *Itatiaia*, escolhidas pela representatividade no cenário midiático eletrônico, por estarem em funcionamento na época em questão e por uma delas ser pública e a outra privada, o que nos permite identificar que houve censura em todos os tipos de emissoras.

Assim sendo, a história do rádio pôde ser retratada e representada através da produção e elaboração do documentário *Sintonia do Silêncio*, o que era um de nossos objetivos. Dessa forma, conseguimos obter através das entrevistas concedidas pelos radialistas, um arquivo histórico/jornalístico das rádios *Inconfidência* e *Itatiaia* de Belo Horizonte no período da ditadura militar, que pode vir a ser utilizado por cursos de Comunicação Social – Jornalismo.

Considerando as entrevistas concedidas pelos radialistas dessas mídias e o arcabouço teórico, avaliamos que a censura era aplicada nas rádios de Minas Gerais, a exemplo da prática do poder constituído adotada em outros veículos do país. Assim, foi possível detectar que a censura esteve presente nessas duas emissoras. E também nos foi permitido identificar peculiaridades e características da programação radiofônica da época.

Como uma das emissoras é estatal – a *Inconfidência* - era esperado que os mecanismos de censura fossem diferenciados ou ausentes neste veículo. No entanto, de acordo com os depoimentos colhidos percebe-se que a repressão e a falta de liberdade de expressão estiveram presentes nas diversas mídias, sejam elas do governo ou não.

Era necessário na maioria dos programas que iam ao ar, enviar as notícias e informações com antecedência para o departamento de censura da região. Essa prática era essencial para que não ocorressem problemas com o regime devido ao conteúdo das notícias veiculadas.

Devido a isso, a censura gerava um medo crescente dentro das redações. Como foi constatado, isso levava os jornalistas a prática da autocensura, ou seja, os próprios comunicadores optavam por não veicular assuntos que possivelmente causariam problemas com o regime. Essa atitude era comum em ambas as rádios pesquisadas.

Depois de um período, os militares começaram a enviar censores para trabalharem e fiscalizarem dentro das rádios. Isso, que para alguns jornalistas era considerado uma forma de abuso, para outros chegava a auxiliar, pois não tinham que se preocupar demasiadamente com o que seria veiculado, já que os cortes e mudanças seriam realizados dentro da própria emissora.

No entanto, foi percebido que no início do período ditatorial, essa realidade tinha um diferencial na *Itatiaia*, uma vez que havia a tentativa de burlar os censores, principalmente através da inflexão e entonação das palavras, utilização de música, contratação de radialistas que tinham a coragem de expressar suas convicções políticas, entre outras táticas.

Na *Itatiaia*, alguns programas foram retirados do ar. Diferentemente do que se esperava, estes programas foram suspensos não pela imposição do regime, mas pela vontade da emissora. Todavia, a decisão era fruto das pressões dos censores. Dessa forma, pode-se considerar essa escolha, como autocensura. Os jornalistas da época optaram por essa decisão por não estarem dispostos a mudar o conteúdo e o formato de seus programas para atender às exigências dos militares.

Em relação à outra fatia da programação, os militares não se atentavam aos programas de conteúdo esportivo e rural, já que, para eles, em sua maioria não continham conteúdo subversivo. No caso do esporte, era até de interesse do poder constituído que ele fosse divulgado, como forma de entreter a população e desviar a atenção da política conturbada e ditatorial que o Brasil enfrentava.

Produzir e elaborar esse documentário radiofônico nos permitiu refletir sobre um período da história nacional, em que há muito ainda a ser descoberto. E é através de trabalhos como este que é possível realizar uma reconstrução da memória, das lembranças e da história daquela época.

Portanto, realizar esse projeto experimental como Trabalho de Conclusão de Curso trouxe a nós um grande amadurecimento profissional. E é com este rádio documentário que nos foi possível refletir sobre a censura, podendo traçar um paralelo com o hoje, no que diz respeito ao exercício da profissão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, A. A. A mídia na transição democrática brasileira. **Sociologia, Problemas e Práticas**, 2005. Disponível em: <<http://sociologiapp.iscte.pt/index.jsp>>. Acesso em: 18 mai. 2009.

CAROCHA, M. L. A censura musical durante o Regime Militar (1964-1985). **Revista História: Questões & Debates, Curitiba**, n. 44. p. 189-211, 2006.

CIACCIA, F. **A História do rádio na política brasileira**. In: Marketing Político – do Comício à Internet. São Paulo: ABCOP, 2009.

COSTA, C. **Educação, imagem e mídias**. São Paulo: ed. Cortez, 2005.

COSTA, E.; MARTINS, K. **Uma paixão chamada Itatiaia: 50 anos de história**. Belo Horizonte: Ed. Tamoios, 2002.

DELGADO, L. A. N. **História oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2006.

FERRARETO, L.A. **Rádio: o veículo, a história e técnica**. Porto Alegre: Ed. Doravante, 2007.

FILHO, A. B. **Gêneros Radiofônicos: Os formatos e os programas em áudio**. São Paulo: Ed. Paulinas, 2003.

GASPARI, E. **A Ditadura Escancarada**. São Paulo: ed. Companhia, 2002

GENTILLI, V. O jornalismo brasileiro do AI-5 à distensão: “Milagre econômico”, repressão e censura. **Revista Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 1, n. 2. p. 87-99, 2º semestre de 2004.

GOMES, A. L. **As narrativas orais na reconstituição da memória radiofônica: um estudo de caso**. Disponível em: <<http://bocc.ubi.pt/pag/gomes-adriano-narrativas-orais.pdf>>. Acesso em: 05 nov. 2009.

JUNG, M. **Jornalismo de Rádio**. São Paulo: ed. Contexto, 2004.

MATTOS, S. **O controle dos meios de comunicação**. Bahia: Ed. Universidade Federal da Bahia, 1996.

MCLEISH, R. **Produção de rádio**: um guia abrangente de produção radiofônica. São Paulo: Ed. Summus, 2001.

MOREIRA, S. V. **O Rádio no Brasil**. Rio de Janeiro: ed. Rio Fundo, 1991.

NASCIMENTO, F. A. **A censura e o rádio no Piauí**. Disponível em: <http://www.fundaj.gov.br/licitacao/observa_piaui_01.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2009.

PEREIRA, C. J. ET AL. **Ideologia, Ditadura, e Meios de Comunicação**. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO CENTRO-OESTE, 2008, Dourados. **Anais...** Dourados, MS: INTERCOM, 2008.

PICOLI, D. S.; HOFFMANN, E. M.; RADDATZ, V. L. S. **Tiranas Impressões – O Documentário Radiofônico como resgate histórico do jornalismo regional durante o Regime Militar**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 29. 2006, Brasília. **Anais...** Brasília, DF: INTERCOM, 2006.

PRATA, N. **A história do rádio em Minas Gerais**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2003, Belo Horizonte. **Anais**. Belo Horizonte, MG: INTERCOM, 2003.

SKIDEMORE, T. **Brasil**: De Castelo a Tancredo. Rio de Janeiro: ed. Paz e Terra, 1988.

SOARES, G. A. D. **Censura durante o regime autoritário**. Disponível em: <http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_10/rbcs10_02.htm>. Acesso em: 15 nov. 2009.

ANEXO I (ROTEIRO)

	TÍTULO	TEMPO
	<p>SINTONIA DO SILÊNCIO</p> <p>LOCUTOR CONVIDADO:</p> <p>É PROIBIDO FALAR SOBRE MANIFESTAÇÃO ESTUDANTIL.</p> <p><i>TEC: EFEITO SONORO</i></p> <p>É PROIBIDO FALAR SOBRE O AUMENTO DE PREÇOS</p> <p><i>TEC: EFEITO SONORO</i></p> <p>É PROIBIDO FALAR SOBRE A GUERRILHA</p> <p><i>TEC: EFEITO SONORO</i></p> <p>É PROIBIDO FALAR SOBRE OS REGIMES DITATORIAIS DA AMÉRICA LATINA.</p> <p><i>TEC: EFEITO SONORO</i></p> <p>E É PROIBIDO COMENTAR SOBRE O QUE É PROIBIDO.</p> <p><i>TEC: É PROIBIDO PROIBIR (1968)</i></p> <p>LOC 1: NAQUELA ÉPOCA...</p> <p>Sonora Parreiras: “Toda emissora de rádio e televisão foi muito censurada”</p> <p>Sonora Acir: “Você não podia ser contra o Governo”</p> <p>Sonora Fábio: “A censura do jornalista apavorado, com medo.”</p>	<p>19’12”</p>

TEC: RODA VIVA (1967)

TEC: EFEITO SONORO

TEC: EFEITO SONORO

TEC: RODA VIVA (1967)

*TEC: ALEGRIA, ALEGRIA
(1968) EM BG*

TEC: FIM DO BG

LOCUTOR CONVIDADO:

SINTONIA DO SILÊNCIO: UM RADIODOCUMENTÁRIO SOBRE AS RÁDIOS INCONFIDÊNCIA E ITATIAIA NO APOGEU DA DITADURA MILITAR.

LOC 2: O REGIME MILITAR BRASILEIRO FOI UM PERÍODO EM QUE OS DIREITOS CIVIS E A LIBERDADE DE EXPRESSÃO NÃO ERAM MAIS RESPEITADOS.

LOC 1: NA CAPITAL MINEIRA A CENSURA ESTEVE PRESENTE, ASSIM COMO NO RESTANTE DO PAÍS. NAS EMISSORAS RADIOFÔNICAS O CONTROLE DA POLÍCIA FEDERAL NÃO CEDIA. DENTRE AS EMISSORAS, DUAS QUE SE DESTACAM NA HISTÓRIA RADIOFÔNICA, AINDA ESTÃO EM FUNCIONAMENTO: A RÁDIO INCONFIDÊNCIA E A RÁDIO ITATIAIA.

LOC 2: E É ATRAVÉS DESSAS DUAS RÁDIOS, SUAS HISTÓRIAS, SEUS RADIALISTAS E SUAS LEMBRANÇAS, QUE VAMOS RECONSTRUIR ESSE PERÍODO TÃO MARCANTE DA HISTÓRIA NACIONAL. PERÍODO EM QUE... BEM, COMECAMOS DO ÍNICIO, O GOLPE.

LOC 1: O DIA 31 DE MARÇO DE 1964 MARCOU O COMEÇO DESSE REGIME, QUE DUROU 21 ANOS. NA

<p><i>TEC: NADA SERÁ COMO ANTES (1972) EM BG</i></p> <p><i>TEC: SOBE SOM - NADA SERÁ COMO ANTES (1972)</i></p>	<p>NOITE ANTERIOR AO GOLPE QUE DEU INÍCIO À DITADURA, O ENTÃO RADIALISTA DA EMISSORA ITATIAIA, FÁBIO MARTINS REALIZOU UMA ENTREVISTA COM O GENERAL GUEDES. QUE COMANDOU AS TROPAS DE MINAS GERAIS ATÉ O RIO DE JANEIRO.</p> <p>Sonora Fábio: “O General Guedes e o General Mourão marcharam pelo Rio de Janeiro, depuseram o presidente da República Constitucional e ele anunciou esta deposição na noite anterior, no dia 30”.</p> <p>LOC 2: O REGIME AOS POUCOS FOI GANHANDO FORÇAS. E AO LONGO DOS ANOS A REPRESSÃO E A CENSURA FICARAM MAIS INTENSAS. E NÃO ERAM SOMENTE AS IDEOLOGIAS DE ESQUERDA A SEREM PROIBIDAS. OS ESTUDANTES, OS PROFESSORES, OS ARTISTAS, E TODOS AQUELES QUE ERAM CONTRÁRIOS AO SISTEMA VIGENTE ERAM PERSEGUIDOS, PRESOS E ATÉ TORTURADOS.</p> <p>LOC 1: OS JORNALISTAS E OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO NÃO ESTAVAM FORA DESSA LISTA. AO LONGO DOS ANOS, E PRINCIPALMENTE APÓS O ATO INSTITUCIONAL NÚMERO 5, O FAMOSO AI-5, A MÍDIA SE TORNOU CONSTANTE ALVO POR PARTE DOS MILITARES.</p> <p>Sonora Fábio: “ Foi um período difícil que eu acompanhei, o rádio então nesse período pós 64, ele perde a força como veículo de comunicação, o jornalismo praticamente, passa</p>
--	--

<p><i>TEC: EFEITO SONORO</i></p>	<p>a ser controlado”.</p> <p>LOC 2: FUNDADA EM 1936, A RÁDIO INCONFIDÊNCIA PRETENDIA UNIR A CAPITAL AO INTERIOR MINEIRO. A EMISSORA ESTATAL FOI CONSTRUÍDA NA ÉPOCA COM A AJUDA DE PREFEITURAS VIZINHAS, COMO EXPLICA O RADIALISTA RICARDO PARREIRAS.</p> <p>Sonora Parreiras: “E os prefeitos deram uma resposta, os grandes municípios colaboraram com uma boa importância e os pequenos com uma pequena importância. E eles juntaram esse dinheiro com o dinheiro do Estado e então fundaram a rádio Inconfidência.”</p>
<p><i>TEC: AROEIRA (1967) EM BG</i></p>	<p>LOC 1: O PROGRAMA DE RÁDIO MAIS ANTIGO DO BRASIL AINDA NO AR FOI CRIADO 4 DIAS APÓS A INAUGURAÇÃO DA INCONFIDÊNCIA. COM O “A HORA DO FAZENDEIRO” O DIÁLOGO ENTRE A CIDADE E O CAMPO FOI POSSÍVEL.</p>
<p><i>TEC: FIM DO BG</i></p>	<p>LOC 2: A PROGRAMAÇÃO DA INCONFIDÊNCIA ERA SEMELHANTE A DE SUAS CONCORRENTES: AS RÁDIOS MINEIRA E GUARANI. POSSUÍA 3 ORQUESTRAS COMPLETAS, CANTORES E RADIOADORES, SENDO CONSIDERADA UMA DAS EMISSORAS MAIS MODERNAS DA ÉPOCA.</p> <p>LOC 1: OUTRO MARCO NA HISTÓRIA DAS MÍDIAS RADIOFÔNICAS MINEIRAS FOI A CRIAÇÃO DA RÁDIO ITATIAIA FUNDADA POR JANUÁRIO CARNEIRO EM 1951.</p>

	<p>Sonora Emanuel: “Apareceu em Nova Lima, um camarada que montou uma emissora de rádio e botou nela o nome de Itatiaia. Uma rádio muito pequeninha, uma potência mínima. E o Januário ficou sabendo que tinha uma rádio pequena lá e tal, o sujeito queria vender. Eu só sei que ele acabou comprando essa rádio”.</p>
<p><i>TEC: DIVINO MARAVILHOSO (1968) EM BG</i></p>	<p>LOC 2: COMO CONTA O IRMÃO DE JANUÁRIO E HOJE DIRETOR PRESIDENTE DA EMISSORA, EMANUEL CARNEIRO, A RÁDIO DEPOIS DE UM TEMPO TRANSFERIU SUA SEDE PARA BELO HORIZONTE. E COMO FORMA DE SE DIFERENCIAR DAS DEMAIS EMISSORAS EXISTENTES NA CAPITAL E POR FALTA DE RECURSOS FINANCEIROS, A ITATIAIA INVESTIU EM UM NOVO MODO DE FAZER RÁDIO.</p>
<p><i>TEC: FIM DO BG</i></p>	<p>Sonora Emanuel: “E a Itatiaia veio com a idéia do rádio na rua, o apresentador no estúdio, chamando um repórter aqui, outro repórter ali. Reportagens da câmara municipal, da assembléia legislativa, de polícia. Muita informação, muita prestação de serviço. E um lado muito forte que foi a cobertura esportiva”.</p>
<p><i>TEC: CONTRUÇÃO (1971) EM BG</i></p>	<p>LOC 1: COMO PUDEMOS PERCEBER, O REGIME MILITAR AFETOU INTENSAMENTE OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO. E ESSAS EMISSORAS RADIOFÔNICAS TIVERAM QUE MUDAR A FORMA COM QUE SE FAZIA RÁDIO.</p>
<p><i>TEC: FIM DO BG</i></p>	<p>LOC 2: A PROGRAMAÇÃO PASSOU A SER ENVIADA PARA UM SETOR DE CENSURA LOCAL. E COMO AFIRMA RICARDO PARREIRAS, ESSE PROCESSO NÃO</p>

ERA NADA EFICIENTE.

Sonora Parreiras: “Você podia por exemplo, um programa que ia entrar depois de amanhã você podia levar hoje, mas a gente levava sempre no dia, porque era uma correria danada, a gente chegava lá e tinha fila. Porque não era só a rádio Inconfidência”.

LOC 1: ALÉM DA NECESSIDADE DE ENVIAR A PROGRAMAÇÃO, PARA OS CENSORES APROVAREM, COM O TEMPO, PASSARAM A CHEGAR ÀS REDAÇÕES ASSUNTOS QUE NÃO DEVERIAM SER NOTICIADOS, COMO CONFIRMAM OS RADIALISTAS ACIR ANTÃO E FÁBIO MARTINS.

Sonora Acir: “Eu fui chefe de jornalismo da rádio no período em que a gente tinha atrás assim da minha mesa tinha as proibições”.

Sonora Fábio: “Eles cortavam fixando numa tabuleta na redação as proibições. É proibido falar sobre aumento de preços, por exemplo. Depois, é proibido falar sobre guerrilha, é proibido falar sobre manifestação estudantil”.

LOC 2: MUITAS VEZES OS JORNALISTAS FICAVAM SABENDO DA NOTÍCIA ATRAVÉS DAS PRÓPRIAS PROIBIÇÕES. OU COMO TAMBÉM AFIRMA ACIR, QUANDO AS INFORMAÇÕES SAÍAM NA IMPRENSA INTERNACIONAL.

Sonora Acir: “E nessa época a gente praticamente ficava sabendo das coisas quando chegava o teletipo

*TEC: ÓCULOS ESCUROS
(1973) EM BG*

*TEC: SOBE SOM –
ÓCULOS ESCUROS (1973)*

internacional, que às vezes saia na imprensa internacional o que estava acontecendo no Brasil e você ficava sabendo”.

LOC 1: E FOI NESSA ÉPOCA, QUANDO AS PROIBIÇÕES AINDA INSPIRAVAM INSATISFAÇÃO E VONTADE DE QUERER FAZER MUDANÇAS, QUE OS RADIALISTAS BUSCARAM TENTATIVAS DE BURLAR A CENSURA. NA RÁDIO ITATIAIA ISSO ACONTECEU E FÁBIO MARTINS RELEMBRA COMO FOI .

Sonora Fábio: “Tinha um clima de burlar, uma tentativa de burlar logo no início. Que era assim, inflexão das palavras, né. As palavras iam dizer uma coisa, mas acabavam dizendo outra”.

LOC 2: O DIRETOR DA RÁDIO ITATIAIA, EMANUEL CARNEIRO TAMBÉM FALA DE OUTRAS TENTATIVAS QUE A RÁDIO TEVE DE BURLAR A CENSURA.

Sonora Emanuel: “Havia sempre um jeito. Você tinha, por exemplo, informações vindas dos Estados Unidos, através da voz da América de algum deputado, algum senador americano que contestava o regime militar brasileiro, você punha isso no ar”.

LOC 1: FÁBIO MARTINS AINDA NOS EXPLICA OUTRA MANEIRA QUE UTILIZAVA PARA NÃO SEGUIR A CENSURA.

Sonora Fábio: “Dava-se uma notícia, polícia prende em Belo Horizonte 30 pessoas e as transporta para Juiz de

<p><i>TEC: CÁLICE (1973). CAI EM BG</i></p> <p><i>TEC: CÁLICE (1973)</i></p> <p><i>TEC: SOBE SOM – CÁLICE (1973)</i></p>	<p>Fora e depois vinha a previsão do tempo. Tempo está revoltado, aí dava a previsão do tempo com a linguagem metafórica, simbólica, de que a coisa está preta, o céu está negro, temperatura em elevação”.</p> <p>LOC 2: AS ENTONAÇÕES NÃO PASSARAM DESPERCEBIDAS PELOS MILITARES E ESSA TENTATIVA DE BURLAR A CENSURA NÃO DUROU MUITO. LOGO, VEIO UMA OUTRA PROIBIÇÃO.</p> <p>Sonora Fábio: “Com o tempo esse comportamento, veio a seguinte determinação: É proibido inflexionar o noticiário modificando com a tonalidade de voz o seu sentido, as palavras devem servir ao objetivo de que está escrito, então a leitura deve ser nivelada, sem inflexões e sem ironias”.</p> <p>LOC 1: COM O PASSAR DO TEMPO, ALÉM DOS ASSUNTOS PROIBIDOS, OS RADIALISTAS NÃO PODIAM MAIS COMENTAR O QUE ESTAVA SENDO PROIBIDO.</p> <p>Sonora Fábio: “Quando eles proibiram muito os jornalistas fizeram cópias daquelas proibições e começaram a comentar no bar lá as proibições. Aí veio uma proibição, é proibido comentar o que está proibido. Por quê? Porque comentando o que se estava proibido você de certa forma espalhava o que tudo o que estava proibido, então se espalhava a própria notícia”.</p>
--	---

LOC 2: A CENSURA DEIXOU DE INSPIRAR INSATISFAÇÃO E PASSOU A PROVOCAR MEDO NOS RADIALISTAS. E ASSIM, MUITOS DELES ACABAVAM OPTANDO PELA NÃO VEICULAÇÃO DE DETERMINADOS ASSUNTOS. COMO NOS CONTA RICARDO PARREIRAS, RADIALISTA DA RÁDIO INCONFIDÊNCIA.

Sonora Parreiras: “Então, havia muito medo, então nós não vamos anunciar isso não, porque isso aqui é contra o governo e isso é perigoso. Então deixava de anunciar e quando tinha que anunciar alguma coisa eles levavam para a Polícia e dá o ok”.

LOC 1: O JORNALISTA ACIR TAMBÉM AFIRMA QUE A PROGRAMAÇÃO DA RÁDIO ITATIAIA SOFRIA MUITO COM A AUTOCENSURA.

Sonora Acir: “A gente mesmo às vezes tinha que fazer o papel do censor, certas coisas a gente não dava. Já sabia que ia dá problemas”.

LOC 2: E PODENDO SER CONSIDERADO UM ATO DE AUTOCENSURA, UM PROGRAMA FOI RETIRADO NO AR PELA ITATIAIA: O JORNAL DOS DOZE.

LOC 1: COM A PARTICIPAÇÃO DE DOZE COMENTARISTAS, AO MEIO DIA, O PROGRAMA DEIXOU DE SER VEICULADO POR ESCOLHA DA PRÓPRIA EMISSORA.

<p><i>TEC: ACORDA, AMOR (1974) EM BG</i></p> <p><i>TEC: FIM DO BG</i></p>	<p>Sonora Emanuel: “E esse jornal acabou saindo do ar porque a rádio Itatiaia não quis modificar, mutilar a idéia do jornal em função de coisas que a censura estava proibindo que fossem ao ar. Aí tiramos.”</p> <p>LOC 2: MESMO COM OS DEPARTAMENTOS DE CENSURA ESTRUTURADOS EM DEPARTAMENTOS LOCAIS E FEDERAIS. E AS EMISSORAS RADIOFÔNICAS TENDO QUE ENVIAR SUAS PROGRAMAÇÕES DIARIAMENTE A ESSES SETORES. OS GOVERNANTES MILITARES PRETENDIAM AUMENTAR AINDA MAIS O CONTROLE DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO. E PASSARAM A ENVIAR CENSORES PARA FISCALIZAR PESSOALMENTE AS REDAÇÕES RADIOFÔNICAS. O DIRETOR DA RÁDIO ITATIAIA FALA SOBRE ISSO.</p> <p>Sonora Emanuel: “Chegamos a ter em algumas épocas até um censor na própria rádio, em que ele analisava, né? O conteúdo daquilo que você ia informar”.</p> <p>LOC 1: COM ESSES CENSORES PERMANECENDO NAS RÁDIOS, OS ASSUNTOS QUE NÃO PODERIAM SER VEICULADOS AUMENTARAM. E NÃO SE LIMITAVAM MAIS AOS RELACIONADOS À POLÍTICA. FÁBIO MARTINS NOS DÁ UM EXEMPLO DISSO.</p> <p>Sonora Fábio: “E tinha uma notícia em torno do aumento do preço dos gêneros alimentícios, feijão, arroz, batata. Ele foi e falou assim: Mas isto aqui eu acho que não pode ser divulgado. Eu disse por quê? Não, aumento de preço? Nós fizemos a revolução, os preços não podem aumentar, eu</p>
--	--

vou telefonar para o General. E telefonou. Depois veio a ordem para cortar aquele aumento dos produtos”.

LOC 2: SE POR UM LADO, OS ASSUNTOS PROIBIDOS AUMENTARAM. POR OUTRO, A PRESENÇA DOS CENSORES NA RÁDIO FAZIA COM QUE O JORNALISTA NÃO SE PREOCUPASSE TANTO EM SE AUTOCENSURAR.

Sonora Emanuel: “Foi até uma certa tranquilidade você não tinha mais aquele medo de botar uma notícia, que na sua avaliação era normal e que na avaliação do outro lado, do regime militar, ela podia estar contendo alguma coisa contra a revolução e tudo mais, né?”

LOC 1: MAS HAVIA ASSUNTOS QUE OS RADIALISTAS NÃO PRECISAVAM SE PREOCUPAR COM A VEICULAÇÃO.

LOC 2: A COBERTURA ESPORTIVA CONTINUOU SEM REPRESÁLIAS, ALIÁS, SEGUNDO EMANUEL, DURANTE O REGIME MILITAR ESSE TIPO DE COBERTURA PASSOU ATÉ A SER INCENTIVADA.

Sonora Emanuel: “No esporte não, o esporte continuou sendo divulgado normalmente. E os militares até tinham interesse em que o esporte estivesse presente nas programações”.

LOC 1: OUTRO TIPO DE PROGRAMA TAMBÉM NÃO SOFREU CENSURA. AQUELES QUE ENVOLVIAM O MEIO RURAL E QUE CONTINHAM MÚSICAS SERTANEJAS. UM EXEMPLO DISSO FOI O PROGRAMA

<p><i>TEC: PRA NÃO DIZER QUE NÃO FALEI DE FLORES (1968) EM BG</i></p> <p><i>TEC: SOBE SOM - PRA NÃO DIZER QUE NÃO FALEI DE FLORES (1968)</i></p>	<p>“A HORA DO FAZENDEIRO” DA RÁDIO INCONFIDÊNCIA, QUE SEGUNDO SUA APRESENTADORA TINA GONÇALVES, NÃO SOFRIA RESTRIÇÕES.</p> <p>Sonora Tina: “Programa de música sertaneja até que não. Era aquela genuína música, genuinamente sertaneja, bem de raiz, lá do fundo mesmo do baú”.</p> <p>LOC 2: APESAR DAS MÚSICAS SERTANEJAS NÃO SOFREREM COM A CENSURA, DIVERSOS CANTORES E COMPOSITORES TIVERAM SEUS TRABALHOS VETADOS.</p> <p>LOC 1: CHICO BUARQUE, CAETANO VELOSO, GERALDO VANDRÉ E TANTOS OUTROS NÃO TINHAM SUAS COMPOSIÇÕES VEICULADAS NAS RÁDIOS POR IMPOSIÇÃO DOS CENSORES.</p> <p>Sonora Acir: “Depois, na década de 70, a programação musical foi ficando censurada também. Chegava na discoteca e já era proibida, é proibido tocar a música que tinha do Chico Buarque de Holanda, você não tocava. Proibido tocar a música do Chico, do Caetano Veloso, você não tocava.”</p> <p>Sonora Parreiras: “Sempre fui muito medroso eu queria sempre ta bem ali com todo mundo e tal. E eu procurava fazer da melhor maneira possível, eles querem assim, vamos fazer assim.”</p>
--	--

*TEC: SOBE SOM - PRA
NÃO DIZER QUE NÃO
FALEI DE FLORES (1968)*

LOC 2: E ESSE MEDO INSPIRADO PELA DITADURA TINHA FUNDAMENTO, COMO NOS RELATA FÁBIO MARTINS.

Sonora Fábio: “Eu era uma pessoa visada, observada. E eu tinha medo, porque não havia garantia de nada, nada, nada. Eu tinha medo, todos os jornalistas, eu era ligado aos movimentos sociais, eu ajudava a esquerda eu tinha simpatia pelas causas da esquerda. E eu sabia que eu era seguido, fotografado”.

LOC 1: ALGUNS JORNALISTAS NÃO ERAM APENAS SEGUIDOS. ELES TAMBÉM ENFRENTAVAM CONSTANTES PROBLEMAS COM OS CENSORES. UM CASO FOI O DO JORNALISTA OSVALDO FARIA, RELEMBRADO PELO RADIALISTA JOSÉ LINO.

Sonora José Lino: “Osvaldo foi levado duas vezes à polícia federal pra depor. Uma porque ele falou, no jornalismo esportivo, que o jogador dava porrada. E outra, ele foi levado a depor, porque ele falou que o regulamento do campeonato tinha sido feito nas coxas. Então eram coisas assim, ou seja, a censura procurava uma maneira de te pegar.”

LOC 2: APESAR DESSE TIPO DE PROBLEMA TER SIDO COMUM EM AMBAS AS RÁDIOS, EM NENHUMA DELAS HOUVE CASOS DE PRISÕES E TORTURAS.

<p><i>TEC: APESAR DE VOCÊ (1978)</i></p> <p><i>TEC: EFEITO SONORO</i></p> <p><i>TEC: EFEITO SONORO</i></p> <p><i>TEC: RODA VIVA (1967)</i></p> <p><i>TEC: EFEITO SONORO</i></p> <p><i>TEC: PANIS ET CIRCENSIS (1968) EM BG</i></p>	<p>Sonora Parreiras “Foi uma época que eu não gosto nem de lembrar. Mas Deus foi grande”</p> <p>LOC 1: EMBORA SEJA DOLOROSO PARA MUITOS DESSES JORNALISTAS QUE NOS CONCEDERAM SUAS LEMBRANÇAS E MEMÓRIAS. ACREDITAMOS NA IMPORTÂNCIA DA REFLEXÃO SOBRE ESSE TEMA. COMO UM MEIO DE EVITAR QUE CENSURA E AUTOCENSURA POSSAM LAÇAR NOSSAS MÃOS MAIS UMA VEZ.</p> <p>LOCUTOR CONVIDADO: A OBSTRUÇÃO DIRETA OU INDIRETA À LIVRE DIVULGAÇÃO DA INFORMAÇÃO E A APLICAÇÃO DE CENSURA E AUTOCENSURA SÃO UM DELITO CONTRA A SOCIEDADE. ARTIGO 5º DO CÓDIGO DE ÉTICA DO JORNALISTA. ANO 1985.</p> <p>LOC 2: O RADIODOCUMENTÁRIO <i>SINTONIA DO SILÊNCIO</i> É O RESULTADO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE ALUNAS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – JORNALISMO, DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA.</p>
--	---

<p><i>TEC: FIM DO BG</i></p> <p><i>TEC: EFEITO SONORO</i></p>	<p>LOC 1: PRODUÇÃO, ROTEIRO, EDIÇÃO E ANCORAGEM – MARISTELLA PAIVA.</p> <p>LOC 2: E ANA PAULA NUNES.</p> <p>LOC 1: PARTICIPAÇÃO ESPECIAL – TIM GOUVEIA.</p> <p>LOC 2: COLABORAÇÃO – JOÃO VICENTE E PAULO ROSADO</p> <p>LOC 1: ORIENTAÇÃO DA PROFESSORA KÁTIA FRAGA.</p>
---	--

ANEXO II (DECUPAGENS)

Entrevista Paulo Bastos – Coordenador de programação FM da Rádio Inconfidência

Tempo de duração: 26'40"

Local: Rádio Inconfidência

Dia: 28/08/09

Horário: 14h30

Paulo: Paulo Bastos, coordenador de programação FM. Tá gravando?

Ana Paula: Uhum.

Paulo: Então, nós vamos falar um pouco sobre a Rádio Inconfidência. No todo nós somos duas emissoras, ondas médias, frequência modulada. Vou falar um pouco sobre a rádio mãe, que foi a rádio AM, ondas médias. E para que a gente entenda um pouco o surgimento da Rádio Inconfidência de 1936, a gente reflete sobre o estado, Belo Horizonte e o estado na época. A integração, a interação, capital e interior era muito difícil, porque os correios e telégrafos da época ainda eram lentos. As estradas eram péssimas e pouco se sabia do interior do estado. Um estado gigantesco, como Minas Gerais, né? Um continente, praticamente sabia-se... (tosse) Desculpa. Isso é pra você editar. Sabia-se pouco do interior na capital e da capital no interior. Ou seja, vice e versa. Então, o que que houve. Houve a idéia de criar, de fundar uma rádio que viesse integrar mais esse estado gigantesco, essas culturas diferenciadas. Então surgiu a rádio, a idéia da rádio. O estado na época não tinha grana. Então resolveu fazer uma política com os prefeitos do interior, todos de cidade do interior cotizar a verba, para que se criasse a rádio. Então assim, em 3 de setembro de 1936 surge a Rádio Inconfidência, uma grande potência. E a princípio ela veio nesse sentido de prestação de serviço, principalmente através de um programa que é símbolo da rádio, que foi, que é, porque está no ar, “A Hora do Fazendeiro”. “A Hora do Fazendeiro” surge praticamente junto com a Rádio Inconfidência. E através desse programa iniciou-se essa ideologia de integração do estado, da capital com o interior. Porque as pessoas vinham para Belo Horizonte, principalmente as pessoas enfermas, vinham se tratar e era através da Rádio Inconfidência, que elas davam o seu recado. Através de um programa específico, “A Hora do Fazendeiro”. Então, Seu José, Seu José chegava aqui lá de, vamos pegar uma cidade bem distante aí de... do Vale do Jequitinhonha, que é uma região. Ele chegava, mandava o recado, vinha aqui na rádio, na Feira de Amostra, onde é a rodoviária hoje, ali era a Rádio Inconfidência. Então, o Seu José falava para Dona Maria, mulher dele: “Atenção Maria, cheguei bem hoje na capital, vou fazer uma consulta amanhã e vamo ver. Amanhã eu volto pra te informar mais”. Aí ficava na consulta e o cara falava vai ter que operar. “Maria, vou ter que operar, vou pra Santa Casa e tal pá pá”. Então, a Rádio Inconfidência começou, o próprio jornalismo na rádio começou a espalhar isso, né? Essa idéia de integração, de serviço. Que era uma coisa maravilhosa, porque as pessoas não tinham outro recurso de comunicação na... né? Telefone na época era privilégio de uma elite. Carta como eu falei, chegava muito, demorava demais. As estradas ainda precárias. Então, a rádio começou a cumprir o que era na teoria, né, idealizou. E depois vieram as novas fases da rádio. A rádio teve a partir da década de 40, ela começa a ter um jornalismo bem vigoroso. E queira ou não queira o grande modelo radiofônico que a Inconfidência criou, similar à Rádio Nacional, nos seus tempos de glória, a Rádio Inconfidência teve auditório, né? Uma rádio com auditório Lackmé, tinha várias orquestras, não é? Tinha uma linha de rádio novelas, que, eu não sou da época não, mas a história é da minha época, então, nós temos o instrumento maravilhoso chamado história, né? Era uma

coisa que encantava a cidade, né? Com os galãs, as grandes atrizes da rádio novela. A Inconfidência foi uma das precursoras da narração futebolística. Foi a única emissora cobrir a copa de 1938, copa do mundo, não é? Que se tem notícia. 38? Bom, não estou muito certo agora se foi 38, você pode ver isso aí, por causa da correção monetária. Então a rádio de lá pra cá veio, seguindo essa linha de serviço, de jornalismo não é? Sendo um referencial, rádio foi considerada uma rádio padrão no continente. Recebeu essa premiação de entidades internacionais. Era 100kg da antena, o slogan dela era “Um gigante no ar” e falava para vários, vários continentes e depois ela entra com ondas curtas também, que amplia o seu leque de alcance. A gente recebe carta de todo lugar do mundo, né? Vem da Groenlândia, da China, coisa fantástica, ou seja, a propagação dessas ondas principalmente à noite, é uma coisa assim que pode... Não dá nem pra medir. Então a rádio, tá aí com seus 73 anos de idade e cumprindo aí, cumprindo o conceito, o conceito dos fundadores, não é? Dos idealizadores, dessa grande emissora que é a nossa Rádio Inconfidência, ondas médias e curtas, 880 mundial. Só eu que falo? Só eu que falo?

Ana Paula: Não, a gente pergunta.

Maristella: Porque como a gente tava pegando final da década de 60, início da de 70, foi a época que tava tendo o regime militar. Então, a gente tava querendo saber como que era essa relação mesmo da rádio, com o regime mesmo, entendeu? Se você saberia falar alguma coisa, mesmo não estando aqui na rádio na época.

Ana Paula: Mesmo às vezes até...

Paulo: Claro, claro...

Ana Paula: ... Não ligado à rádio assim, ao cenário, por exemplo, você falou que trabalhou com cinema, com teatro, isso também fazia parte da censura de diversões públicas.

Paulo: Com certeza.

Ana Paula: Então, tava tudo, a rádio difusão também tava dentro dessa censura.

Paulo: Com certeza.

Ana Paula: Péra só um minutinho.

Paulo: A censura na ditadura militar, ela não distinguia, se era rádio do estado, se era privada. A censura tava dentro de todas as emissoras, inclusive na Inconfidência. Ela não dava trégua, patrulhava o tempo todo, tinha que enviar as matérias que iam ao ar, fazia a censura prévia, não é? Comum a todas as emissoras de rádio na época, né? Então, a Inconfidência sofreu muito nessa fase, porque ela sendo uma rádio do estado, não quer dizer que os comunistas não estariam infiltrados. Isso na ótica troglodita dos gorilas, né? Então, houve caça sim, houve caça dentro da Rádio Inconfidência, com certeza. A ditadura não poupou ninguém, nenhum segmento, teatro, cinema, música. Eu falo o seguinte, a ditadura militar, aí eu vou ser mais político, a ditadura militar fez um mal terrível ao Brasil. Não só torturando inocentes, matando inocentes, mas impedindo o avanço do país. A gente pega, a gente lembra historicamente muito bem, que em 63, o governo constitucional do João Goulart estava preparando as famosas reformas de base, que ia dar a esse país hoje, dignidade. Ou seja, estava sendo preparada a reforma agrária, a reforma tributária, reforma fiscal, reforma urbana

e só o gênio, né, o Jango ali com Darci Ribeiro, com Oscar Niemayer só com... ah inteligência nacional ao lado dele. Então se tivesse feito as reformas de base em 63 ali com João Goulart, se ele não tivesse sido deposto pelo golpe, esse país seria outro. Não se estaria discutindo a reforma, a reforma, a reforma de transporte que o Jango ia fazer. O metrô que ele ia implantar no Brasil era modelo parisiense pra você ter uma idéia. Então esse impedimento, esse represamento da história, nos custou muito caro e está custando até hoje. Porque se nós tivemos 20, 30 anos de ditadura, nós vamos pagar isso mais de 100 anos, entendeu? Eu tive uma vez no Instituto Juscelino Kubsticheck aqui na Afonso Pena, a primeira vez que eu vi doutor Tancredo Neves irado quando ele, pintou o papo de reforma agrária e ele irado mesmo, dizendo: Isso é um absurdo, é, França fez reforma agrária faz 200 anos, Estados Unidos que é a meca do capitalismo fez tem 300 anos e a gente aqui no ano, quase... Não lembro exato, não lembro. E a gente discutindo reforma agrária. Então, o mal que a ditadura fez obviamente, a censura fez é muito pequeno diante do mal que fez ao povo brasileiro. Em termo de avanço econômico-social. Não sei se extrapolou aí, mas...

Maristella: *Não, não. E por exemplo, o senhor não trabalhava com rádio ainda. No dia assim do golpe, o senhor lembra como foi a transmissão, como é que foi isso?*

Paulo: Eu era muito jovem, eu estava com, estava com... 64? 12 anos de idade.

Maristella: *Muito novo.*

Ana Paula: *É.*

Paulo: Mas mesmo assim eu lembro da movimentação das tropas, né? Lembro do meu tio queimando os livros, queimando livro, se disvenci... né? Tentando tirar vestígio né? De qualquer conotação de esquerda, qualquer conotação, com Marx, com com ideologia de esquerda. E ele tinha muitos livros, né? Ele era realmente um cara de esquerda. Mas foi uma correria louca, né? E lembro também que seguia o noticiário, a repressão se espalhando por todo o país. Ah, não cheguei, eu não tinha ainda uma noção mais exata do fato, né? Posteriormente sim né, depois com o avanço da ditadura, um avanço mais maduro, fui observando melhor, com mais crítica.

Maristella: *E aqui na rádio, por exemplo, você conhece alguma história, alguma coisa que já aconteceu, por exemplo, de algum programa que talvez, tenha tido problemas por ter sido colocado no ar, por causa de algum conteúdo que eles não, é, sei lá, consideravam subversivo, qualquer coisa assim?*

Paulo: De programa especificamente eu não lembro, mas de censura a texto, principalmente ao jornalismo, isso era constante. O censor ficava dentro da redação, pra você ter uma idéia.

Maristella: *Era só um?*

Paulo: Um ou mais. Eles ficavam revezando e observando tudo que se redigia porque rádio tem uma coisa, né? Você não pára avião no ar. Depois que foi pro ar, acabou. Então, estabeleceram nas emissoras de rádio e televisão uma censura prévia, ou seja, antes que a informação vá pro microfone, vamos cercear, entendeu? Casos específicos assim você vai pegar com o Parreiras porque ele vivenciou essa época, né? Já era funcionário da rádio em 64.

Maristella: *E em relação à programação musical, mas a programação musical você acha que enquadra mais na FM mesmo ou não?*

Paulo: Veja só, o AM sempre foi a rádio da palavra, o discurso radiofônico, né? O bom AM, o AM não é música, que que é... principalmente a partir do FM, a partir da chegada do FM. Antes não, antes o só tinha AM. A música, o acesso que a música tinha no rádio de ondas médias, né? E a Rádio Inconfidência sempre tocou, tocou historicamente, os grandes sucessos, qualificados, né? Tinha programa próprios de música aqui, como te falei no auditório. Tinha, a rádio chegou a ter 5 orquestras, né? Um casting imenso de cantores, tinha programa ao vivo no auditório, trazia do Rio, principalmente, os grandes ídolos da época, como Orlando Silva, Francisco Alves, Vicente Celestino. Trazia esse pessoal todo pra se apresentar aqui. E o disco rolava dentro dessa esfera, obviamente dando, valorizando mais também a música regional e a diversificação musical brasileira, né? Aqui sempre teve espaço, na Rádio Inconfidência, pro sertanejo de qualidade, né? O sertanejo de raiz, o samba, a valsa, o bolero, tocava de tudo. Desde que tivesse qualidade, porque a rádio não impunha censura a ninguém, mas sendo uma rádio de estado, obviamente você tem que ter uma ética musical. Você não ia tocar uma música de duplo sentido, como uma rádio privada pode fazer. Então a linha de programação da rádio é por aí, foi por aí. E continua sendo é claro, nos dias de hoje. Mas musicalmente, eu posso falar mais sobre a FM, né?

Maristella: *A FM foi em 70 e...*

Paulo: Ela foi ao ar em 79. Foi inaugurada em 79.

Maristella: *Em 79 já não tinha tanto esse problema da censura, já tava bem menor, né?*

Paulo: Tava bem menor já, tava... A distensão já, né? Já estava chegando ali na travessia, na abertura, na eleição direta pra governador em 82. Então já não havia essa, essa repressão que tinha, né? Mas Inconfidência FM, ela foi criada, com um grupo de intelectuais comandado por Claudinei Robertino, a quem eu tiro meu chapéu aqui, né? Uma figura maravilhosa, juntamente com outros intelectuais da cidade, criaram a Rádio Inconfidência FM – Brasileiríssima. Obviamente a gente nota que Belo Horizonte tinha a necessidade de uma rádio desse tipo, pra absorver principalmente a cultura local. Ela veio em função de de de de ter uma, de ser uma alternativa para a arte mineira, não só a arte musical, mas como teatro, artes plásticas, cinema e tudo mais, né? E ela teve no seu bojo, um conceito nacionalista, a medida que ela optou por tocar só música brasileira e de qualidade. Porque tem várias FM's aí, inclusive algumas que trabalham no mesmo segmento que a gente, que tem faixa nacional, né? Tem duas horas de música nacional por dia, ou três. Nós não, nós somos 24 h de música brasileira de qualidade por dia. Nós vamos de Chico, de Betânia, de Gal, de Milton, de Celso Adolfo, de Skank, você me entendeu? A gente abre espaço pra todos os segmentos da música mineira e brasileira. Então esse conceito da rádio, esse é um conceito muito forte, esse conceito de só tocar música brasileira e logo a rádio se destacou, se destacou no Brasil, começou a ser comentada no Rio, pela classe artística, né? Os artistas quando vinham do Rio pra aqui fazer show, faziam questão de passar na Brasileiríssima pra valorizar, porque havia um engajamento nesse aspecto né? Poxa, uma rádio que só toca música brasileira, de qualidade, que não é comercial, então mundo vinha aqui, Elis Regina cansou de vir aqui na rádio né? Nos especiais, vários especiais aí. Com o pessoal da primeira etapa da rádio, né? E continuou isso, né? Eu tive uma linha especial aqui que eu entrevistei praticamente todos os grandes artistas qualificados no Brasil que vinham a Belo Horizonte para o show. E a rádio é isso... É sempre olhando pro passado, sempre se inspirando no conceito na qual ela foi criada, né? E rumando seu norte, ou seja, indo pra frente. Sem mania de passado, como dizia Paulinho da Viola, mas a gente faz um contemporâneo mirando no passado, não tem jeito, né,

de você fazer alguma coisa de presente ou de futuro, se você não tiver o espelho no passado. Então a Rádio Inconfidência é isso, essa coisa maravilhosa, esse instrumento incrível, que o estado, que pertence ao estado, o estado fomenta essa cultura popular. E a gente tá aí, né? Se quiserem perguntar alguma coisa sobre...

Maristella: Eu acho que talvez, eu acho que só ia perguntar se, acho que até você já, o senhor meio que já respondeu. Se chegou a ter algum caso assim de notícia que não foi passada por causa de censura. Mas em 79, pelo que o senhor falou já não teve mais nenhum tipo de problema.

Paulo: Não, não. Político não, né? A censura continuou também em questão dos costumes, né? Talvez abriu um pouco na política porque a abertura era irreversível, né? Mas ficou em um plano moral, muitas vezes moral, né? Eles trocaram, mudaram de ótica. A censura existe, né, existiu, mais tempo, institucionalizada. Hoje não existe essa instituição censura, mas ela, como você mesma falou aí, continuou mais tempo. E algumas vezes reincidia também, né? Os caras faziam um ato falho lá, fazia qualquer bobagem, mas logo a imprensa notificava, anunciava, de acordo ia se ajustando. Havia correção de custo também durante esse contágio da censura, que é uma coisa terrível, não queira pensar, né? Eu vi esse golpe agora em Honduras e eu vejo isso com uma preocupação. Quem sabe o que que é uma autocensura, se autocensurar, isso é flagelo, uma coisa terrível. A gente sabe de companheiros que foram torturados, correto? Não que fossem heróis, não. Quando se entra numa guerra é pra se... Agora o cara, o cara cair nas mãos do Estado, aprisionado, ser torturado...

Maristella: Mas o senhor sabe se tiveram casos aqui? Tiveram casos aqui de radialistas?

Paulo: Não. Fora da rádio, né? Fora da rádio, mas isso obviamente seria responsabilidade de todos nós, né?

Ana Paula: Eu acho que é isso.

Maristella: Eu acho que é isso também.

Entrevista Tina Gonçalves – Locutora da Rádio Inconfidência

Tempo de duração: 12'53"

Local: Rádio Inconfidência

Dia: 28/08/09

Horário: 16h

Tina Gonçalves: É sobre o meu programa, né? Quem vai te falar a respeito da programação vai ser o Parreiras, porque ele também já foi diretor, entendeu?

Maristella: E como é que era o seu programa?

Tina Gonçalves: O “Del Mário é o Espetáculo”? Foi o primeiro que eu cheguei, eu trabalhava na Rádio São João Del Rei, em São João Del Rei, né? Eu sou nascida lá. Então, eu

apresentava um programa sertanejo também porque os meus pais eram cantores, né? Comunicadores e cantores. Então eu apresentava um programa lá. E aí, precisaram de alguém para apresentar um programa aqui na Rádio Inconfidência. Isso em 1969, tá? E começaram assim a, fizeram anúncio e tudo, procurando né, locutores pra fazer um teste. Então, eu saí de São João Del Rei, fiz o teste, consegui ficar até hoje.

Maristella: E como era esse programa?

Tina Gonçalves: Esse programa era um programa de auditório, onde os artistas se apresentavam e a gente também conseguia emprego, né. Fazia anúncios, pequenos anúncios. Procurando empregados, oferecendo empregos. Caseiros, pedreiros, esse pessoal da construção civil. Então, eles vinham até a rádio, era um programa de auditório. E ficavam lá aguardando, né? E aí a gente falava: Estamos precisando aqui de pedreiro, carpinteiro, marceneiro, caseiro, entendeu? E aí, o povo tava lá, levantava o dedo, ah e tal. Aquele ali. Era assim sabe? Então, o auditório lotado. Isso aí era no Edifício Dantês, na Avenida Amazonas, já, entendeu? Del Mário é o espetáculo. E muitos artistas também se apresentavam, né?

Maristella: E como era, por exemplo, porque na década de 60, 70, era na época do regime militar. Como é que era, por exemplo, no seu programa. Tinha algum tipo de censura no seu programa, como é que era?

Ana Paula: Como era essa relação.

Tina Gonçalves: Até que... Não, não, tudo bem, até que o programa, como era de música sertaneja, não se preocupavam muito não, porque, o nosso objetivo era só música, não tinha assim, é... Como é que fala... Não tinha noticiários e não tinha essas coisas, né? Então era mais, era voltado pra, pro pessoal do interior, mas assim, a nossa intenção era de colocar música, era um programa de auditório, então não se falava de política, de nada...

Maristella: Não tinha nenhum tipo de música que tinha...

Tina Gonçalves: Ah sim. Mas também passava por uma certa...

Maristella: Opa! Peraí. Não é porque a fita...

Ana Paula: Pode continuar.

Tina Gonçalves: Tá. Programa de música sertaneja até que não. Não havia essas restrições assim não, entendeu? E não tinha censura. Não precisava porque... Era aquela genuína música, genuinamente sertaneja, de raiz, lá do fundo mesmo do baú. Então, falava era de, de, por exemplo, é... De Chico Mineiro, A Vingança de Chico Mineiro, Menino da Porteira, Saudade de Matão, aquelas coisas assim do campo. A gente não se preocupava muito com isso. Então era onde o nosso programa também não era censurado, não tinha censura, não tinha, não havia necessidade, entendeu?

Maristella: Mas você se lembra se algum programa aqui da rádio chegou a ter problema nessa questão da censura...

Tina Gonçalves: Que eu saiba não, porque a minha área era mais voltada pra música sertaneja, programa de auditório. Que eu saiba não. Não é do meu conhecimento não.

Maristella: E assim, em relação à Hora do Fazendeiro, que é um dos programas. É o programa mais antigo da rádio assim.

Tina Gonçalves: Ele nasceu com a rádio, com a inauguração da rádio, né? A rádio ela foi inaugurada, ela completa agora acho que 74 anos, né? Não é isso? É, acho que é 74. Se não me falha a memória é 74. 74 anos agora. 1936. Isso mesmo. Dia 03 de setembro, ela foi inaugurada e 4 dias após a inauguração dela, da rádio, aí nasceu o programa, “Hora do Fazendeiro”. Inclusive tá no Guinness Book, vocês estão cientes disso, né? Não? Pois é. É o programa mais antigo do rádio brasileiro, tá? Do mundo, né? “Hora do Fazendeiro”.

Maristella: E assim, o formato dele mudou muito ao longo dos anos?

Tina Gonçalves: Ah, mudou... Claro, tudo muda, né? Mudou sim, mudou, mudou. Com a tecnologia, mudou muito, porque, o seguinte... Hoje o homem do campo, ele tem internet, tem computador em casa, né? Não é isso? Então, a gente tem que, tem muita... Eles acompanham notícias através da internet, etc e tal. Mas eles ouvem muito o nosso programa. E o nosso programa, a gente tem parceria com a Emater, onde tem profissionais da área. Engenheiro agrônomo, sabe? Engenheiro agrônomo. Então ele passa a informação, a informação assim direta. Diretamente assim, sabe? Pra o nosso ouvinte, para o homem do campo, sabe? Do jeito como deve ser. Como se planta. Ensinando como se planta o milho. Como se planta uma laranja. Como cuidar de um pomar que tá doente, que tá com pragas e tudo. Então, mudou. Tá, mudou. Antigamente também tinha, mas agora mudou mais ainda, entendeu? Mudou mais. E também a... Tem utilidade pública, têm informativos. E a cada 45 minutos, vem um noticiário. 55 minutos comparece um noticiário pra mostrar ao homem do campo e da cidade as notícias locais, nacionais e até internacionais, também dentro da “Hora do Fazendeiro”.

Maristella: É, o seu programa então era mais musical mesmo e sertanejo. Mas você lembra como era a programação de notícia, mais ou menos no início da década de 70. Quais eram os programas, você recorda assim, ou não?

Tina Gonçalves: Ah, notícia acontecia assim o noticiário aos 55 minutos, sabe? Acontecia o noticiário. Dentro do programa de agora é o que eu te falei, da “Hora do Fazendeiro” acontece também. Mas antes era assim, de hora em hora tinha notícia. E às vezes notícias extras, se acontecia, uma notícia importante e tudo. Então aí, é... anunciava, né? Notícia extraordinária. E aí entrava a notícia, tá? E na “Hora do Fazendeiro” também tinha um noticiário que... na “Onda Rural”, isso aí era na “Onda Rural”. Até coordenei a “Onda Rural”, que aos quarenta, isso aí já era aos 45 minutos. O noticiário chama-se “Araponga bateu, lá vem notícia”, tendeu? Blém, blém, blém. Aí chegava a notícia. A noticiária com aquela voz bonita, impostada, né? Vinha fazer a notícia rapidinha, também muito rápida.

Ana Paula: E você lembra se nessa época tinha a presença dos censores, se eles tavam acompanhando essa parte jornalística.

Tina Gonçalves: Sim, a gente sempre teve gravadores de censura na central, tinha sim. Existia sim.

Ana Paula: Como assim gravadores de censura? Ficava...

Tina Gonçalves: É, existe um gravador, a gente tem, né? Que ele fica 24 horas, captando as notícias, todas as programações. Então em caso de acontecer alguma coisa, tendeu? Então, a gente tem ali a prova, tudo gravado, tudo.

Maristella: Mas eles já chegaram a estar aqui, tendo vetado alguma coisa. Não, isso não pode ir pro ar.

Tina Gonçalves: Não, que eu saiba não. Dentro do meu horário não. Que eu saiba não.

Maristella: E, por exemplo, nessa época, qual era o programa de maior audiência assim da rádio, você lembra?

Tina Gonçalves: De maior audiência? É... Eu vou dizer que é o meu, porque eu sei que o Brasil inteiro, as correspondências, os telefonemas, correspondências e tudo, e-mails também vão constatar isso, né? Essa verdade, a veracidade do que eu vou falar agora é a “Hora do Fazendeiro” e antes era “Del Mário é o espetáculo”, líder de audiência, em toda Minas Gerais, Brasil inteiro. Cheguei a receber carta da Argentina de ouvintes, sabe? Argentina, lá de Lorrán, é Lorrán? Lorrán, Lorrán, de Lorrán, na Argentina.

Maristella: E como que era essa participação popular aqui na rádio? Era mais através de telefonemas mesmo, como é que era?

Tina Gonçalves: Hoje, no programa de agora, nesse “Hora do Fazendeiro”, atualmente, esse moço que você viu, que acabou de sair, ele fica ali aguardando e-mails e telefonemas atendendo de ouvintes que: “Estou na escuta do programa e gostaria de ouvir a música tal”. Sertaneja, né, de raiz. Aí a gente coloca a música e fala: “Fulano, do bairro tal, tá nos ouvindo e pediu a música tal. Tá mandando pra fulano de tal bairro, pelo aniversário. Então tá aí a música, entendeu?”

Maristella: E antigamente?

Tina Gonçalves: Antigamente era mais por carta. Centenas, milhares e milhares de cartas que a gente recebia.

Maristella: Essas cartas tinham que ser vistas por algum tipo de... Pelos censores?

Tina Gonçalves: Não. Não, não, não. Se vinha, por exemplo, nominal a mim né? Tina Gonçalves, programa tal, eu abria a carta. Agora se vinha ao programa “Hora do Fazendeiro”, então eu passava pra o nosso produtor, né? Pra ver se tinha algum, alguém pedindo alguma informação, receita, né? Alguma orientação, pedindo orientação, a gente fazia isso. Eu passava as cartas.

Maristella: Mas como o programa era mais sertanejo não tinha tanto problema, né?

Tina Gonçalves: Não, não era não.

Maristella: Mas você lembra de algum episódio aqui da rádio que já aconteceu de ter, sei lá, ocasionado... Aconteceu alguma coisa de política que a rádio quis cobrir, mas que não pode.

Tina Gonçalves: Não, não me lembro.

Maristella: Você acha talvez que o Parreiras vai lembrar?

Tina Gonçalves: Vai. O Parreiras lembra. Você pode ficar tranqüila. Ele vai lembrar porque ele era coordenador, então ele tava por dentro de todos os programas. Então eu to te passando aquilo que eu sei do meu programa, daqui do horário. Porque assim, terminou o programa, todo mundo, cada um pro seu canto, né? Então... Mas o Parreiras, ele vai ter muita coisa pra te contar. Eu tenho certeza.

Ana Paula: Antes você falou que fazia um programa de, com auditório e tal, né? Onde que ele era feito? Você falou na Amazonas, né?

Tina Gonçalves: Na avenida Amazonas, no edifício Dantes. Amazonas ali com a Afonso Pena. Auditório.

Ana Paula: E aí, ia uma galera, muita gente.

Tina Gonçalves: Ia, os ouvintes, muitos querendo conhecer os apresentadores do programa, conhecer os artistas, né? Então chegava, o pessoal aplaudia. E, nossa era uma maravilha.

Ana Paula: Esse não era voltado pra música sertaneja?

Tina Gonçalves: Quem?

Ana Paula: Esse programa.

Tina Gonçalves: Era, era voltado. Todos programas, esses programas que eu apresento. Esse “Del Mário e o espetáculo” que eu apresentei, foi durante mais de 20 anos, que eu apresentei. E esse eu to a frente dele também há muitos anos. E ele tá no ar há 74 também, que nem eu te falei, né? Que a rádio foi inaugurada foi no dia, se não me falha a memória...

Maristella: O Paulo Bastos falou.

Tina Gonçalves: 03 de setembro de 1936 e a “Hora do Fazendeiro” foi criado 04 dias após, né? Só música sertaneja e artistas assim renomados passaram pelo nosso programa.

Maristella: O “Hora do Fazendeiro”...

Tina Gonçalves: Tunico e Tinoco, né? Tunico e Tinoco. Milionário e José Rico, Cascatinha e Inhana. Todos esses artistas famosos passaram pelos nossos programas, como também artistas mineiros e às vezes amadores, cantavam muito bem e participavam do nosso programa. Ok?

Maristella e Ana Paula: Acho que é isso mesmo.

Entrevista Ricardo Parreiras – Radialista da Rádio Inconfidência

Tempo de duração: 29’ 18”

Local: Rádio Inconfidência

Dia: 31/08/09

Horário: 10h

Parreiras: Bem, amigas e amigos eu estou tendo o prazer de receber a visita de duas belas garotas da Universidade Federal de Viçosa. Que são as meninas Maristella e Ana Paula e elas vieram bater um papo comigo aqui na rádio Inconfidência e saber um pouco da história da rádio. E eu começaria dizendo que a rádio Inconfidência foi fundada em 3 de setembro de 1936, portanto agora nesse próximo dia 6 estaremos completando 73 anos. O tempo passa. 73 anos de existência. A rádio Inconfidência foi fundada pelo então secretário da agricultura, Doutor Israel Pinheiro e ele tinha um sonho de criar uma emissora de rádio que servisse de ele entre a capital e o interior. Entre a cidade e o homem do campo, ele era secretário da agricultura, muito ligado aos agricultores e muito ligado ao interior. E o governador do Estado era o Doutor Benedito Valadares e ele levou a idéia dessa rádio para o governador Benedito Valadares e o Doutor Benedito Valadares gostou muito da idéia, mas eles esbarraram num problema. Não havia dinheiro para construir a rádio, para a emissora. Mas ao mesmo tempo surgiu a idéia *, eles escreveram cartas para todas as emissoras, para todos os prefeitos das cidades do interior pedindo ajuda, falando. Oh, nós vamos construir uma emissora de rádio e precisava de colaboração das prefeituras pra nos ajudar. E os prefeitos deram uma resposta, os grandes municípios colaboraram com boa importância e os pequenos com uma pequena importância. E eles juntaram esse dinheiro com o dinheiro do Estado e para * o capital e fundaram a rádio Inconfidência. E a rádio Inconfidência está desde 3 de setembro de 1936 até os dias atuais. É, levando a cultura, levando a informação, o entretenimento. E sempre foi assim, né, levava a informação, o entretenimento, a prestação de serviço, a utilidade pública e ela continua até os dias atuais. Houve, é claro, com o advento da televisão uma mudança de comportamento, a programação não podia ser a mesma, porque rádio necessita de dinheiro, o dinheiro é o oxigênio de uma emissora de rádio e sem oxigênio não se respira, então. Com o advento da televisão, os grandes anunciantes, aqueles que pagam a rádio eram anunciados os seus produtos levaram as suas verbas para a televisão, que era um veículo novo, né. E a rádio ficou restrita aos pequenos anúncios. O que que ela teve que fazer, teve que mudar toda a sua programação, que era uma programação, como eu falei no início, era uma programação eclética que tinha departamento de rádio, tinha, departamento musical, três orquestras, conjunto regional, um cast de cantores com mais de 30 cantores com contrato exclusivo. Eu fui cantor da rádio, comecei como cantor aqui na rádio Inconfidência, naquela época eu era garoto, 15... 16 anos eu tava cantando aqui na rádio. E programas informativos, né. E uma curiosidade, na mesma semana que a rádio foi inaugurada tiveram a idéia de criar um programa voltado para o homem do campo, para o fazendeiro, para o criador, para o pecuarista, para o agricultor e criaram a “Hora do Fazendeiro”. E lá dentro da própria secretaria da Agricultura tinha um funcionário que era um engenheiro agrônomo que era o Doutor João Anatório* Lima, que entregou pra ele e falou você vai produzir esse programa para a rádio Inconfidência. Ai ele aceitou na mesma hora e começou a produzir o programa. A Hora do Fazendeiro, que está no ar até hoje, é o programa mais antigo do rádio do mundo, para um programa de rádio que está há 73 anos no ar e ininterruptamente, né. É um Record, né. Então, esse programa está aí, até hoje levando informação para o homem do campo, para o criador. No início era o ícone da programação da rádio Inconfidência, recebíamos cartas a doído. O doutor João Anatório Lima pegava aquelas cartas, porque não tinha outra informação, a não ser a rádio, tinha que apelar pra rádio mesmo. Então, é, o cara tinha lá uma vaca doente, ela estava apresentando sintoma tal... e o cara botava na carta lá. Oh minha vaca ta mancando e ta não sei o que, e tá soltando um curso* preto e não sei o que pá...pá e não tá se alimentando. E o doutor João Anatório Lima pegava aquela carta analisava e passava a receita. Você pega o produto tal com o produto tal e coloca em 20 litros d’água e vai dando pra ela e não sei o que, e pá ...pá...pá. A alimentação vai ser isso e pá...pá ...pá. E aí, a vaca do

homem se curava e aquilo ia passando e ia fazendo a propaganda do programa e o programa tinha uma audiência muito grande. Eu acredito até, que esse programa da rádio Inconfidência, a Hora do Fazendeiro, inspirou, serviu de espelho para a televisão nos dias atuais, porque você vê que hoje nós temos até um canal que chama-se Canal Rural da TV a cabe, que faz isso que nós fazemos aqui. Hoje ainda recebemos cartas, mas aquele, aquelas consultas pedindo informação, como é que se podia proceder no plantio de determinada semente, como podar uma determinada árvore frutífera. Enfim, tudo isso diminuiu porque primeiro, veio a televisão com esses programas voltados para o homem do campo e também criou-se em todo o Brasil órgãos que dão assistência ao homem do campo. Aqui mesmo ao nosso lado aquele prédio ali está instalada a Emater, os funcionários de lá vão até as fazendas e levam informação e levam esse compromisso. Então, com esse progresso a rádio também foi uma queda na sua ausência nesse programa a Hora do Fazendeiro, mas não se abateu, não foi a locaute, mas continuou. Então, a Hora do Fazendeiro hoje tem algumas perguntas, eles dão alguma informação, mas leva outras informações, a festa da Uva que ta acontecendo lá no Sul de Minas, o rodeio tal e tal. Então, dá o roteiro de festas rurais, dá informação técnica para o plantador, para o pecuarista, para o fazendeiro, enfim, mas não com aquela força que tinha, mas continua. E prestando esse serviço que é a utilidade pública, a prestação de serviço. E eu vou falando, se vocês não me pararem eu vou falando e falando. Você gostaria de perguntar alguma coisa?

Ana Paula: Posso falar? No começo ele tinha mesma duração que tem hoje?

Parreiras: É uma hora de programa. Sempre foi uma hora de programa. Continua. E outra coisa, hoje ele é apresentado pela Tina Fernandes juntamente com, Tina Gonçalves, eu faço confusão com a mulher do Jairo *. Tina Gonçalves juntamente com o Cristiano, eles apresentam. Mas essa Hora do Fazendeiro, grandes do rádio, grandes locutores famosos daquela época fizeram a apresentação do A Hora do Fazendeiro, e eu cito aqui por exemplo, o doutor Piano* Chaves, gozado naquela época os advogados faziam programas de rádio. Para entrar pra rádio tinha que fazer um concurso, um teste, para entrar naquela época, não era qualquer um que chegava e falava eu quero falar, não! A grande maioria dos funcionários e dos locutores da rádio, a grande maioria era de bacharel, bacharel em direito. Então, nós tivemos o Piano Chaves que foi apresentador do programa, o Jetominio Tomázio também advogado, o doutor Francisco Lessa, o irmão dele Paulo Lessa, quem mais? Rubem * que depois foi até Juiz de direito lá no Vale do Aço. Então, é a Hora do Fazendeiro sempre foi um programa que teve a sua atenção sempre voltada, é e a gente sempre tratou a Hora do Fazendeiro como um programa muito querido de todos nós, da rádio e sobre tudo da direção da rádio.

Maristella: Em que ano o senhor entrou na rádio?

Parreiras: Em que ano que eu entrei? Não conta para ninguém?

Maristella: Não!

Parreiras: Eu entrei no dia 5 de maio de 1948. Então você faz o cálculo. Eu estou fazendo 61 anos. Eu nem pareço que tenho 60 anos, né? 61 anos que eu trabalho em rádio e sempre na rádio Inconfidência. É claro que eu tive uma licença, tive afastado da rádio Inconfidência pelo período de 7 anos que eu fui pra rádio Itatiaia atender um chamamento lá do presidente da rádio Itatiaia. E eu fui pra lá fazer um programa Rádio Polícia que foi um dos programas de maior audiência de Belo Horizonte. Fiquei 7 anos lá e quando eu voltei foi com o cargo de diretor artístico.

Ana Paula: É esse cargo que você mantém hoje?

Parreiras: Não, eu fui diretor artístico. O cargo de diretor da rádio Inconfidência, por ser uma emissora do governo, todo cargo de diretoria é cargo de confiança do Governador. Então, quem me colocou lá, não me lembro mais qual foi o governador, acho que é Milton Campos, que Milton Campos, é Milton Veloso, como é que é? Quem é?

Ana Paula: Milton Campos tem uma praça, não tem?

Maristella: Tem, tem uma praça aqui que chama Milton Campos.

Parreiras: Foi governador do Estado. Bom, eu não me lembro. Eu fui nomeado diretor artístico da rádio Inconfidência, fiquei 4 anos como diretor artístico, depois eu sai e fui para a coordenação de AM, coordenação de FM. Então, eu passei, olha é mais fácil eu dizer uma coisa, a única coisa que eu não fiz em rádio foi enradiar futebol, o resto eu fiz tudo na rádio. Hoje eu sou um programador, produzo um programa, apresento esse programa toda a noite, chama assim, Clube da Saudade, onde eu resgato música dos velhos e bons tempos. E procuro levar uma mensagem para o ouvinte, para a senhora mal amada, para aquela senhora que perdeu o sono e fica ouvindo as minhas mensagens, as minhas músicas, né, para o caminhoneiro, para o taxista. Então, é um programa que começo às 10 e vai até à meia-noite, de 22 até às 24 horas, toda a noite, de segunda até sábado. E domingo eu faço um outro programa que cham-se Anos Dourados que é de 8 às 10 da manhã, também sempre música do passado, eu declamo poesia e faço um programa romântico. Porque é uma faixa etária muito esquecida pelos radialistas, então você pode verificar nas outras emissoras você não vai achar programas assim voltados, né, porque eu levo aqui, se você ouvir o meu programa e até eu gostaria que vocês ouvissem pelo menos por curiosidade, o meu programa hoje mesmo você pode ouvir a partir de 10 horas da noite, eu leio poesia, leio mensagem, porque eu recebo muita colaboração. Então, eu passo aquilo para os ouvintes, eu levo a poesia, a informação, a crônica bonita, chega véspera do dia do pai, ou no dia do pai, o dia do pai sempre dá num domingo, não é não?

Maristella: É no domingo de agosto.

Parreiras: Dia da mãe então. Mas eu sempre faço na véspera a homenagem. Então, eu faço um programa todo voltado para os dias da mães, declamo poesia, falo das mães. Então, a minha função eu acredito que eu a faça bem, porque a resposta está aí, a quantidade de cartas que eu recebo, um monte de cartas, de telefonemas, e eu atendo a todas as minhas ouvintes, todas as minhas amigas e amigos com o maior carinho e eu tenho assim, um carinho muito especial para a pessoa chama-se 3ª idade, eu não gosto disso, acho muito feio, pessoa mais idosa. Mas que gosta e que não tolera essa música moderna, essa batistaca, porque tem música moderna muito bonita. Mas, eu não faço programa pra mim eu faço programa para o ouvinte, então eu procuro fazer aquilo, levo a mensagem, a poesia, algumas coisas que a gente lê, pra levantar a moral de quem está nos ouvindo para a pessoa ouvir com aquele sorriso, às vezes vem lágrimas também, mas lágrimas de alegria e de prazer. E eu faço isso muito bem e eu sou, me considero gratificado em agradar os meus ouvintes.

Ana Paula: Assim, você falou que o cargo de diretor era um cargo de confiança do governador. Então, pelo que você falou da época. Sempre foi assim, um cargo de confiança?

Parreiras: Sim.

Ana Paula: Na época que teve por exemplo o Golpe, já tinha uma pessoa e eles mudaram? O Golpe de 1964?

Parreiras: Já tinha o que?

Ana Paula: Já tinha uma pessoa no cargo e eles tiveram que mudar?

Parreiras: Ah, não. As influências da revolução? Não. Não. Continuo a mesma coisa, mas havia fiscalização. Teve um dia que eu cheguei lá na rádio, a rádio era lá na feira de Amostras, lá onde é hoje a estação rodoviária, um dia eu cheguei lá e desde a escadaria do prédio soldado com fuzil de pendurado no ombro, metralhadora, e eu cheguei lá em cima, o que que é isso gente? Não, a revolução, cuidado aí. Todo a emissora de rádio e televisão foi muito censurada, né. Então, a gente fazia a programação com muito cuidado, porque eles estavam sempre ali. E tudo o que a gente fazia, naquela época eu produzia programas humorísticos e era uma luta. Porque eu pegava uma piada pequena, um desfechozinho interessante e eu espichava aquilo e pá...pá...pá, terminava com aquele desfecho. E a gente tinha que levar ali na praça Rômulo Soares* no departamento da polícia Federal e levava pra eles darem uma olhada e fazerem a censura. Eles olhavam, olhavam, olhavam, ah não entendi a piada, e botava e batia o carimbo lá de censurado. E censurar uma frase, se você pegar um programa humorístico e você fez um esquete, vamos dizer uma lauda pra chegar no desfecho que quer, que é interessante. Se você tirar uma frase aí perde o sentido todo, às vezes ele tirava até o desfecho, então não justificava. Tinha que fazer outro, era uma luta, era uma correria, e tudo era censurado, até a propaganda, o texto de um anúncio tinha que levar lá na Polícia Federal para ser censurado.

Maristella: E com quanto tempo de antecedência tinha que levar para a Polícia?

Parreiras: Não, isso aí, você podia por exemplo, um programa que ia entrar depois de amanhã você podia levar hoje, mas a gente levava sempre no dia, porque era uma correria danada, a gente chegava lá e tinha fila. Porque não era só a rádio Inconfidência, tinha outras emissoras, naquela época tinha a rádio Inconfidência, tinha a rádio Guarani, tinha a rádio Mineira.

Maristella: A Itatiaia.

Parreiras: A Itatiaia já tinha vindo, já né? Já tinha vindo. A rádio Itatiaia. Tinha uma meia dúzia de rádio aí. Eu perco aí no meio dessa floresta de emissora de rádio aí.

Maristella: Mas teve caso assim por exemplo, de ir no ar coisa que não passou na mão da Polícia Federal?

Parreiras: Pode ser que tenha ido, não da minha parte porque eu morria de medo, né. Sempre fui muito medroso eu queria tá bem ali com todo mundo e tal. E eu procurava fazer da melhor maneira possível, eles querem assim, vamos fazer assim. Eu nunca me envolvi, nunca me envolvi, não concordava mas também não* (interrupção do gravador)

Ana Paula: Como que era a relação com o ouvinte? Você sentia que ele chegava a perceber que tava alguma coisa errada, que faltava alguma coisa, ou não?

Parreiras: Com o ouvinte?

Ana Paula: É. Ele chegava a mandar carta questionando alguma coisa, ou não?

Parreiras: Não. Oh Ana Paula, eu sinceramente não me lembro, não me lembro. Porque o ouvinte também compreendia, né. O ouvinte compreendia.

Maristella: E a questão das notícias mesmo, tipo, acontecia alguma coisa do governo ele, do regime militar, eles falavam isso não pode ser veiculado?

Parreiras: Ah, eles cortavam. Mas é isso que eu to te falando, você tinha que levar o noticiário, levar o noticiário. Então, o rádio teve um grande atraso, o rádio teve um ...um ...uma certa parada assim né. Porque ela vinha num passo bem dado, aí chega ali e você para e como é que você vai dar uma notícia, será que essa notícia passa? Então, havia muito medo, então nós não vamos anunciar isso não, porque isso aqui é contra o governo e isso é perigoso. Então deixava de anunciar e quando tinha que anunciar alguma coisa eles levavam para a Polícia e dá o ok, liberado, liberado, censurado, pá...pá...pá. Não era demorado muito não porque os caras não entendiam nada, eles não entendiam nada, esses censores aí não entendiam nada. Sem critério nenhum não, era uns babacas, uns bobão, que tinha lá na Polícia Federal lá.

Maristella: Em relação a programação musical, por exemplo, tinha músicas que vocês não podiam veicular na rádio?

Ana Paula: Que já era descartada?

Parreiras: Tinha. Mas essas músicas, geralmente já nem chegavam na rádio. Porque você lembra, vocês devem ter lido isso, por exemplo, o Chico Buarque, ele era muito censurado, Chico Buarque, Ivan Lins, o Caetano Veloso, Gilberto Gil, até tanto que saíram do Brasil, fugiram, Caetano e Gil foram morar em Londres. Outros e tais aí foram para outros lados. Cantor, compositor, cineasta, colegas meus, amigos meus, da rádio Nacional do Rio de Janeiro foram presos e torturados. O negócio era feio. Aqui em Belo Horizonte teve também muita gente que fugiu de Belo Horizonte, outros foram presos também, foi uma época que eu não gosto nem de lembrar, viu meu bem? Mas Deus foi grande, foi muito bom, acabou, beleza, chegaram a conclusão de que ta tudo.

Ana Paula: Tinha censores dentro da rádio?

Parreiras: Tinha policiais, né. Aquele negócio, pra fazer medo, né. Porque policial não tem capacidade, né, censor dentro da rádio não. A gente tinha que levar lá praça Rul Soares* era na rua Guajajaras ali naquele conjunto JK, no fundo do conjunto JK tinha, se você subia uma escadinha tem uma sala lá. Então, tinha vários ali, então você entrava numa fila e pá...pá... censurado....liberado. Então você se virava lá. E tava censurado aí eu tinha que bate outro e tal, voltava correndo lá. Ou então ele falava assim, oh você não pode botar aqui, xixi de galinha, aí eu tirava o xixi de galinha e botava excremento de galinha e aí passava. Pois é, umas bobagens assim, os caras não tinham critério, não sabia nada.

Maristella: Mas assim, só mais uma pergunta, vocês aqui já escreviam os textos que vocês iam passar nos programas pensando na censura?

Parreiras: Claro. A gente já fazia com certo, ah essa daqui eu não vou por porque essa daqui não vai passar. Então, a gente já pré censurava, ah não vou botar isso aqui não porque eu tenho certeza de que não vai passar, ai você não punha. Então, a gente procurava facilitar ao máximo, né.

Maristella: *É, e por exemplo, no dia que teve... que foi decretado o AI-5 e tal, que aumentou, que foi instituído mesmo censurado nos meios de comunicação, como é que foi isso na rádio? O senhor lembra?*

Parreiras: É, aquela tensão, né, normal que houve. Houve em todas as emissoras de rádio, aquele medo, aquele negócio, mas a rádio divulgou tudo que tinha que divulgar, inclusive notícias do governo nosso, porque a rádio Inconfidência apesar de ser uma emissora do estado ela não tem chapa branca, né, é uma emissora que tem que noticiar. Mesmo que a notícia seja contra o nosso governador a gente tem que dar, é claro que a gente não vai meter o pau no governador, você dá a notícia, o julgamento fica por conta do ouvinte, o ouvinte que tire as suas conclusões, mas a nossa função é noticiar. O que aconteceu no governo do Estado você tem que noticiar, nós não vamos meter o pau, mas fazer o comentário, não. Isso, o comentário, o conceito fica por conta do ouvinte, sempre foi isso e nós continuamos até os dias atuais dessa maneira. Nós não vamos deixar de dar uma notícia que o governador não conclui aquilo que ele prometeu...pá ...pá...pá.

Entrevista Acir Antão – Radialista da Rádio Itatiaia

Tempo de duração: 21'12"

Local: Escritório do radialista, em frente à Rádio Itatiaia

Dia: 31/08/09

Horário: 16h

Maristella: *Acir, você pode começar falando um pouco da história da rádio Itatiaia?*

Acir: Bem, a rádio Itatiaia, o Januário Carneiro foi o seu fundador, trazia um bordão muito, dois bordões que eram muito interessantes. Nós abrimos para o rádio de Minas o caminho para todos os continentes e o rádio de Minas se divide em dois períodos, antes e depois da Itatiaia. Por quê? Porque quando a rádio começou em 1952, uma rádio pequenininha no interior de Nova Lima, como uma rádio mesmo do interior, a rádio começou pequenininha e tal. Mas, depois houve uma possibilidade dela se transferir para Belo Horizonte e ela se transferiu pertencendo juridicamente a Nova Lima, mas, de fato e de direito a Belo Horizonte. E aqui ela não tinha os mesmos mecanismos e nem as mesmas armas para competir com as grandes emissoras da época que eram a rádio Inconfidência que era emissora do governo, maior potência, a rádio Guarani e a rádio Mineira que pertenciam aos Diários Associados. Então a rádio Itatiaia não podia competir porque a rádio Mineira e a rádio Guarani tinham programas de auditório, orquestra, regionais, novela, radioator, humorismo, né, a rádio Inconfidência que era da mesma forma, os humoristas e os artistas da rádio. Mas, os humoristas e os artistas da rádio Guarani eles se dividiam com a rádio Mineira, então eram duas rádios com um cast só e com programações diferentes. Na rádio Inconfidência era só a rádio Inconfidência mesmo. Como a rádio Itatiaia ia competir com essas 3 gigantes da época? A rádio Itatiaia simplesmente tocou música no disco ao invés do programa de auditório e de programação ao vivo, e fez reportagem. Então, ela era chamada, ela já foi uma das primeiras rádios mais ou

menos segmentadas de Belo Horizonte : Rádio Itatiaia uma emissora de noticiário e reportagem. Com muitas notícias e esporte, porque o dono da rádio que era o Januário tinha se firmado com narrador esportivo, era redator de esporte do “o Diário” e etc. E o Januário manteve a rádio muito tempo trabalhando do o Diário, que era um jornal da Igreja, era o melhor jornal da cidade. O Estado de Minas só foi ser o Estado de Minas porque o Diário, numa burrice muito grande cometida pelo bispo da época que foi o Don Antônio do Santos Cabral, ele no momento da guerra quando o jornal tinha que economizar páginas porque o papel era importado, a tinta era importada, tudo era importado e tinha que economizar, ele mandou acabar com o caderno de anúncios. Então ele matou a sobrevivência do jornal e esse caderno de anúncios, os anunciantes foram todos para o Estado de Minas foi aí que o Estado de Minas se tornou um grande jornal. Porque ele recebeu tudo o que era anúncio de Belo Horizonte que era do o Diário, que era um grande jornal na época, um dos melhores da cidade.

Bem, e o Januário trabalhava lá, ele não abandonou o emprego dele do o Diário, ele continuou empregado do o Diário e pegando o dinheiro dele e colocando na rádio Itatiaia até que a rádio começou dar lucros, uma dificuldade muito grande. Mas, então a rádio ela foi se especializando no Esporte, no noticiário, não é. E às vezes ela era muito mais falada do que ouvia, saía muito no jornal, muita propaganda, “Estou ouvindo a Itatiaia”, e era assim e tal. E aí começaram a surgir programas, os programas esportivos de muita tradição que estão aí até hoje, “Tiro de meta”, “Apito final”, “Rádio esportes”, são programas que começaram quase junto com a rádio aqui em Belo Horizonte. E a rádio começou a fazer coisas que as outras não faziam, foi a primeira emissora de Minas a fazer jogos quase toda semana do campeonato carioca, indo ao Rio de Janeiro, ela começou a fazer, ela foi a primeira rádio que transmitiu fora do Brasil, até então as emissoras daqui, a Inconfidência, as grandes, a Guarani, elas não saíam daqui. Então, a rádio Itatiaia começou a colher frutos de transmissões internacionais, transmitiu o campeonato sul americano de futebol em 59 e assim foi. E começou com programas que realmente marcaram época, por exemplo, ela foi a primeira emissora que o ouvinte pode pedir a música no ar. Alô, quem está falando? É a Judite. Judite de qual bairro? Sou do Carlos Fátima. Qual música você quer? Eu quero o Anísio Silva Onde estás agora. Está aí a sua canção, sua música e tal. E tocava. Então, você entendeu come é que é. Ela começou a fazer um programa chamado “Telefone pedindo bis” que foi um programa musical de muita audiência e era pequenininha. Enquanto ela tinha um kilowatts, as outras emissoras tinham 30, 50. Mas, ela começou a resistir com essa programação e ficou muito famosa pela sua equipe, pela garra da sua equipe e etc. E o mais interessante é que como uma emissora que era pequenininha era formava e depois os grandes pegavam, as grandes emissoras, provavelmente a rádio Guarani, pegavam esse pessoal já pronto, famoso para trabalhar na emissora deles. Mas, assim foi a rádio. Então, por isso que ela foi um diferencial entre as emissoras que aqui estavam e depois que ela chegou. Ela fez um novo rádio, a rádio Itatiaia nunca teve novela, nunca transmitiu novela, se transmitiu foi num período muito pequeno que nem ninguém se lembra. Todo mundo se lembra dos programas esportivos, ah, do programa policial bem interessante, que foi o rádio polícia, uma transmissão de notícias policiais. E então, a rádio ela foi se especializando, foi procurando um caminho diferente das outras, que tinham programa de auditório, novelas, programas humorísticos, orquestras, grande cast e tal. E a Itatiaia ela tinha uma programação que era feita mais no estúdio, e com muita reportagem e com muita coisa, por exemplo, a rádio foi a primeira a usar o sistema via satélite, ela que transmitiu a semana Santa em Roma, a semana Santa lá no Oriente Médio, lá onde Cristo nasceu. Então, a gente usa esses lugares todos, a rádio Itatiaia com o futebol já foi, já percorreu o mundo inteiro acompanhando a seleção brasileira e os times mineiros, se o Atlético, o Cruzeiro ou o América saírem de Minas para fazerem qualquer... qualquer tipo de excursão fora do Brasil, lá está a Itatiaia, em qualquer lugar do Brasil, lá está a Itatiaia. Então

ela ganhou essa tradição e a confiança do público, né, como uma emissora de noticiário e reportagem e muito jornalismo, né. Porque hoje nós temos aí emissoras especializadas em jornalismo com a CBN, mas a Itatiaia ela criou essa tradição em Belo Horizonte.

Maristella: Quando você entrou em 1970, você entrou fazendo qual tipo de programa?

Acir: Jornalismo. Eu era redator e locutor de notícias. Esse noticiário de hora em hora. Depois é claro, que, eu vim de uma emissora menor que era a rádio Minas, onde eu fiz tudo como foram aparecendo as oportunidades, eu fui fazendo outros programas, né. Hoje eu praticamente sou assim paralisado com o jornalismo, né. Você vai chegando numa fase da vida, já tenho 39 anos de rádio, uma fase da vida que você vai abandonando o gravadorzinho, aquele estilo de sair todo dia pra fazer reportagem, essas coisas você vai deixando pros mais jovens, né.

Maristella: E por exemplo, nessa época que você entrou em 70 era o de regime militar, como é que era isso aqui na rádio, você por exemplo que fazia reportagens?

Acir: E foi inclusive editor de jornais da rádio, eu fui chefe de jornalismo da rádio no período em que a gente tinha atrás assim da minha mesa as proibições. Por ordem de seu Ministro da Justiça Pedro* estão proibidos os comentários e informações a respeito da palavra do presidente Médici hoje em tal lugar. Até a palavra do presidente era censurada, né. Aquilo que convinha ao regime militar, então nós vivíamos num país cheio de regime, é, de censura a imprensa, um país de censura a imprensa. E nessa época a gente praticamente ficava sabendo das coisas quando chegava o teletipo internacional, que às vezes saia na imprensa internacional o que estava acontecendo no Brasil e você ficava sabendo, né. Mas, a gente já sabia que não podia dar a notícia, no ar. Se vier lá, guerra no Araguaia matou tantos, não sei o que. Você ficava caladão, sem falar nada, você não podia falar, se você falasse você ia preso.

Maristella: Mas era mais questão de política que não podia falar, ou?

Acir: Política também, você não podia ser contra o governo. Qualquer coisa que saísse que fosse contra o governo, e a gente burlava, né. Porque a gente esperava, enquanto a Polícia Federal não censurava a notícia, a gente dava, se entendeu como é que é. Depois que vinha a censura da Polícia Federal a gente não dava mais.

Maristella: Mas, já teve algum problema que aconteceu aqui na rádio referente a isso?

Acir: Ah, teve. Várias vezes um censor aqui, né. Querendo saber de onde veio essa notícia, a notícia veio de tal lugar, aqui, chegou aqui da rádio tal, e a gente tinha gravado, essas coisas toda. E aconteceu um fato muito interessante comigo porque foi em 1970, quando eu vim pra rádio. Durante a Copa do Mundo, a rádio Itatiaia estava fazendo a Copa do Mundo, no México, daquele time histórico do Brasil, né. Péricles, é...um time de 70 que tinha o Pelé, que tinha o Tostão, que tinha o Rivelino, que tinha o Jefferson, que tinha o Clodoaldo, que tinha o Carlos Alberto, o Piazza, Everaldo. Acho que é Félix, Carlos Alberto, Piazza, Everaldo, Clodoaldo, Jefferson, Rivelino, Jairzinho, Tostão e Pelé. Era o time daquela época, foi campeão mundial. E eu estava na redação ao invés de assistir, e aquele ano foi o primeiro ano que a Copa do Mundo foi transmitida pela televisão. Eu estava todo mundo assistindo na televisão a Copa do Mundo e eu fiquei ouvindo a rádio Jornal do Brasil e de repente a rádio Jornal do Brasil dá uma notícia. Atenção, foi seqüestrado a poucos instantes o embaixador da Alemanha no Rio de Janeiro senhor Paul* e não sei o que... e eu fui e peguei aquela notícia,

fui pro estúdio, interrompi a jornada esportiva e dei, dei a informação. E falei maiores informações depois da jornada esportiva. Aí, a Globo, a televisão não deu, que já uma grande audiência com o futebol naquela época. Aí, depois do futebol eu continuei transmitindo e eu dei uma sorte muito grande, porque eu fui dando notícia sobre o seqüestro do embaixador enquanto nada estava sendo censurado. Aí, eu gravava para a rádio Nacional do Rio de Janeiro todas as noites, eu gravava um jornal que chamava jornal Nacional e eu dava as notícias mais importantes de Minas naquele dia. E a telefonista ficou muito minha amiga, chamada Clementina e ela conversava toda noite comigo, batia papo e tal, e ela ficou muito minha amiga. A notícia era que os seqüestradores iriam ter como ponto de informação a rádio Nacional. Então, a Clementina me ligava e passava tudo o que eu queria, quando eu ligava para a Clementina ela passava tudo o que eu queria. Antes, porque lá tinha um grupo de censores para receber informação dos seqüestradores, aquele negócio todo, eles ligava pra lá pra dizer o que queria, o que não queria e tal. Ela passava isso tudo pra mim: os seqüestradores querem libertar Ciclano, Beltrano, blá, blá, blá. E os militares ficaram caladinhos, deixaram sair tudo e o medo de matar o embaixador. E eu fiquei três dias na redação, três dias, dia e noite na redação. Porque eu tinha um contrato com a rádio Nacional e eu que dava todas as informações e eu dormi na redação. É esse foi um fato assim que marcou muito. Outro fato que também marcou muito jornalisticamente foi o desabamento de um pavilhão de exposições. .. em 71 que estava em construção e matou 64 operários. E nós fomos pra lá transmitimos de lá, foi um negócio assim, uma catástrofe naquela época né, cair um pavilhão em construção e tinha 64 operários depois do almoço descansando debaixo das lajes que estavam assim escoradas. O negócio assim foi feio. Então, e fiz também falando de reportagem política, eu acompanhei toda a transformação do Brasil de 70 pra cá né, até chegar na redemocratização com a eleição do primeiro presidente e etc. Acompanhei o Tancredo quando se elegeu presidente pelo colégio eleitoral em todo *.... Eu fui repórter da rádio acompanhando ele. Quer dizer, nessa época né, desde o período da ditadura até a redemocratização eu acompanhei todos os passos, tudo o que aconteceu. Tenho um pouco de história pra contar.

Maristella: *Mas, então assim, com você nunca teve nenhum grande problema com censores, por exemplo?*

Acir: Não, os censores vinham na rádio, mas eles também, a maioria dos censores, eles ficavam sem graça ao trazer proibições. Então, até os censores que vinham aqui, nós nos tornamos amigos, ele chegava oh Fulano, eu estou com um negócio aqui. Aí, ele me telefonava oh, num dá nada disso não. Pode dar assim, dá assado, e tal. Eles também, chegou um momento em que a convivência era pacífica.

Maristella: *Em relação à programação esportiva, tinha algum tipo de censura ou não?*

Acir: Não. Esporte não. Esporte, polícia, nada tinha censura. Só notícia política. Sindicato, né, essas coisas.

Maristella: *E a programação musical, como é que era?*

Ana Paula: *Você falou que as pessoas ligavam, né, eles podiam escolher música, né?*

Acir: Isso, isso foi uma programação que a rádio tinha popular. Depois, na década de 70, já na década de 70, a programação foi ficando, a musical foi ficando censurada também. Aliás, a censurada chegava na discoteca e já era proibida, é proibido tocar a música que tinha do

Chico Buarque de Holanda, você não tocava. Proibido tocar a música do Chico, do Caetano, você não tocava, né. Esses compositores, Gilberto Gil, Caetano Veloso, Chico Buarque eles foram muito censurados, porque eles faziam, o Chico fez né, “hoje você é quem manda falou tá falado não tem discussão. A minha gente, na, não...” Aquela música a gente tocou assim, muito nos primeiros dias porque sabíamos que ela ia ser censurada. Em compensação a gente fazia coisas pra burlar a censura e gozar a censura, por exemplo, no Rádio Polícia nós criamos uma novela dentro do Rádio Polícia, que era uma novela que não existia novela era um troço bobo, besta, só pra gozar a censura. E o texto do Rádio Polícia tinha que ir à censura, então, a censura censurava as coisas mais bestas, as palavras mais bestas, mais bobas e as outras eles deixavam. Por exemplo, nós tínhamos uma novela que se chamava “A moribunda no deserto selvagem” só que a gente não falava a moribunda de doença, a gente falava “Amor e bunda no deserto selvagem”, pra falar amor e bunda, (risos) era ótimo falar aquilo, a moribunda no deserto selvagem né, pra sair amor e bunda e a gente falava aquilo com a boca mais cheia, bunda, porque nós estávamos falando uma coisa que eles não proibiam, A moribunda, a palavra moribunda não podem proibir moribunda né, mas nós falávamos amor e bunda, amor e bunda.

Maristella: A programação jornalística também era encaminhada pra eles antes?

Acir: Não, a jornalística não. Mas a gente mesmo às vezes tinha que fazer o papel do censor, certas coisas não davam. Já sabia que ia dá problemas, por exemplo, o cara podia falar mal, xingar o presidente da república, xingar tudo e etc e tal. E a gente podia pegar e tinha muito isso, deputado que falava, deputado do PMDB daquela época que abria a boca e xingava, falava, criticava e tal. E certas coisas a gente não colocava.

Maristella: E chegou a ter algum programa que foi retirado do ar, alguma coisa assim?

Acir: Eu não lembro de programas terem sido retirados do ar não. Eu lembro assim, por exemplo, o Odair Pinto uma vez foi retirado do ar, é a polícia Federal recomendava retirar o Mulan* do ar, então tinha que tirar, por causa que ele falava muito. Por exemplo, o Costa foi tirado do ar, o Odair Pinto, mas eles falavam muito, né, naquela época.

Maristella: E nessa época, assim, qual era assim, o programa de maior audiência aqui na rádio?

Acir: Aqui na rádio os programas de audiência sempre foram o “Rádio Polícia”, o “Rádio Esportes”, numa época antes de 70 foi o “Telefone pedindo Bis”, né, o “Ouvinte faz o programa”, tinha “Mil discos de vinis”* tinha muita coisas assim, as jornadas esportivas sempre foram de uma audiência muito grande.

Maristella: E hoje em dia, como é que é o seu programa?

Acir: Hoje em dia, eu faço um programa de manhã e a rádio Itatiaia teve a necessidade de por um horóscopo porque ela tava muito mais politizada, então eu faço um programa para a dona de casa. Com algumas críticas né, eu ando muito na seara do jornalismo, com críticas etc e tal. Graças a Deus eu sou um cara que abra a boca e ninguém vem falar nada, interessante que com tudo isso a rádio Itatiaia nunca censurou ninguém, a rádio nunca censurou ninguém. Ela sempre pediu o seguinte, olha quando você for dar uma paulada em alguém, quando você for denunciar alguma coisa, deixa o outro também se defender, a única coisa que ela sempre pediu. Mas, a rádio nunca, durante todo esse tempo e tal. Teve uma época que uma notícia do

partido comunista saída pela Agência Jornal do Brasil, o cara da Agência Jornal do Brasil foi mandado embora, o cara da Rádio Jornal do Brasil foi mandado embora, todo mundo foi mandado embora, o da rádio Itatiaia, o Januário Carneiro colocou advogado, pagou advogado pra defender os funcionários. Então, quer dizer, diferente o comportamento da rádio com dos outros patrões, o patrão aqui mandou defender os funcionários, lá mandou dispensar porque não queria nenhum comprometimento com o regime militar.

Entrevista Emanuel Carneiro – Diretor presidente da Rádio Itatiaia

Tempo de duração: 45'55"

Local: Rádio Itatiaia

Dia: 17/09/09

Horário: 10h

***Maristella:** Então, é, a gente queria primeiramente assim que você pudesse falar um pouco assim do histórico mesmo da Rádio Itatiaia, como é que foi o surgimento e tal. Porque pelo que o Acir me falou é meio familiar assim, não é isso?*

Emanuel: Então vamos lá. Você está a frente do fundador da Rádio Itatiaia, Januário Carneiro. Ele muito novo começou no rádio e escrevia também pra jornais. Ele trabalhou muito tempo no “O Diário”. Era um jornal da igreja, que teve até uma boa presença durante algumas décadas em Belo Horizonte. E era correspondente do Jornal O Globo em Belo Horizonte, de revistas, e trabalhava principalmente em transmissões esportivas, fazendo programas esportivos na Rádio Guarani, depois trabalhou na Rádio Inconfidência. E em um determinado momento, o Januário passou a ser em Belo Horizonte correspondente da Rádio Continental do Rio de Janeiro. A Rádio Continental era uma emissora que já vinha com uma idéia diferente do rádio, baseado assim no rádio americano. Porque naquela época, final dos anos 49, 50, a televisão já estava tomando espaços do rádio nos Estados Unidos. E aqueles programas de auditório, rádio novelas, programas humorísticos, orquestras. O rádio era todo feito dentro de estúdio. Aquilo começou a desaparecer nos Estados Unidos e o rádio americano reagiu indo pra rua. Emissoras de reportagens, de falas. Aí acabou aquela emissora, começou a acabar aquela emissora com orquestra, com auditório, e surgiu o disk jôquei, porque o sujeito rodava o disco, né, nos estúdios da rádio. Ele apresentava e a rádio foi assim. E aí no Brasil apareceram duas emissoras fazendo isso. Quem mandava no rádio brasileiro era a Rádio Nacional do Rio de Janeiro, nesse estilo, né? A Rádio Nacional foi o que é hoje a TV Globo. Tudo acontecia através da Rádio Nacional. A linguagem, a moda, as músicas, tudo né? O balanço, mas não cai, o direito de nascer. Os grandes nomes que depois foram para a televisão, todos eles eram do rádio. E apareceu então, eu tava dizendo, tinha a Inconfidência em Belo Horizonte, fazendo uma coisa parecida, a Rádio Record em São Paulo. Foi quando no Rio de Janeiro veio a Rádio Continental, que era chamada Continental. O slogan dela era: Continental, que está em todas. E em São Paulo, a Jovem Pan, fazendo muito futebol, muita coisa, de jornalismo. O Januário, ele foi convidado pra ser em Belo Horizonte o correspondente da Rádio Continental. E ele foi ao Rio muitas vezes e viu o que a Continental estava fazendo. Transmitindo remo, basquete, vôlei, fazendo uma movimentação muito grande de reportagem. Carros na rua falando ao vivo sobre um acidente. Muito bem, e aquela idéia começou a martelar na cabeça do Januário. Ele poxa, quem sabe uma rádio assim e tudo. Aí bom, bingo! Apareceu em Nova Lima, um camarada que montou uma emissora de rádio e botou nela o nome de Itatiaia. Uma rádio muito pequenininha, uma potência mínima. E ele montava essas rádios para vender, ele era fabricante de equipamentos. Ele montava rádio,

montava o equipamento, depois vendia. E o Januário ficou sabendo, porque ele ia a Nova Lima transmitir jogos do Vila Nova, sabia que tinha uma rádio pequena lá e tal, o sujeito queria vender. Eu só sei que ele acabou comprando essa rádio com muita dificuldade e teve que continuar trabalhando nos empregos dele pra manter essa rádio. E conseguiu trazer. Ele tinha 23 anos nessa época, só pra situar bem como ele era ousado. E ele trouxe o transmissor da Rádio Itatiaia de Nova Lima para aqui pertinho de Belo Horizonte, onde ali hoje são as seis pistas, sabe ali atrás do BH Shopping. Ali é o último ponto de Nova Lima na divisa com Belo Horizonte. E a Itatiaia passou a ser uma rádio bem pequenininha em Belo Horizonte. Foi através dos anos, eu vou encurtar a história, ele com muita persistência aumentou a potência da rádio, foi ganhando espaço. A Itatiaia era uma novidade em Belo Horizonte. Belo Horizonte tinha três emissoras rádios AM, a Guarani, a Inconfidência e a Mineira, que faziam praticamente a mesma coisa. A Itatiaia foi um fato novo. E ele inaugurou a Itatiaia com uma frase, que você vai ver aí estampada na portaria, quando você passar por lá. “Nós vendemos espaço, não vendemos opinião”. Que é a frase que marcou o início da rádio Itatiaia. Então, a Itatiaia ganhou muita credibilidade junto da população. Porque ela ficava do lado mais fraco, do lado do povo e comprou brigas homéricas através dos anos. Bom, isso foi um início, um começo muito difícil, né? Apostando em talentos, muita gente que não tinha chance de trabalhar no rádio, porque não era cantor, nem cantora, nem tocava instrumento, nem era humorista, mas era, vamos dizer, jornalista, locutor, apresentador. Essas pessoas tiveram oportunidade na Itatiaia e através dos anos, a Itatiaia revelou um monte de gente, né, pro rádio. Pra ela mesma, mas pra muitas outras emissoras. Gente que ta aí até, trabalhando até hoje. Mas né, mas foi tudo muito difícil. Eu diria que foi uma batalha muito grande porque a diferença entre a Itatiaia e as outras emissoras era enorme. A Guarani e a Mineira eram de um dono só, o Assis Chateaubriand e a Inconfidência era do governo do estado de Minas Gerais. E a Itatiaia foi com um canivete enferrujado tentando enfrentar o adversário que estava com uma metralhadora automática. Mas ela conseguiu ganhar o seu espaço. É isso, o resumo da história, o início da história, é esse.

Maristella: É só pra ter certinho, o seu cargo aqui é de...

Emanuel: Eu sou diretor presidente.

Maristella: Só pra gente não errar. Pode falar.

Emanuel: A minha história, só pra completar aqui Ana Paula, é o seguinte, é... O meu pai morreu muito cedo e o Januário, que era meu irmão, muita gente até confunde que ele era meu pai, mas ele era meu irmão. Ele era 16 anos mais velho que eu. E eu com 13 anos de idade vim trabalhar com ele. Fui boy, auxiliar, fui operador, plantão, rádio escuta.

Maristella: Foi em que ano?

Emanuel: Isso foi em 56, eu tinha 13 anos de idade. E assim, bem no princípio da Itatiaia, levava almoço pro Januário, ia buscar lanche pro pessoal na rua, eu era um boy. E fui um bom boy, viu? Eu sempre digo que se a pessoa puder ter uma experiência na vida de ser office boy, ela vai ganhar muito porque o office boy, acostuma resolver problemas assim, aprende a andar na cidade, a saber onde são as coisas, ele conhece os caminhos das pedras. Só que agora é motoboy, né? A pessoa não conhece mais a cidade, ela anda de moto pela cidade. Mas era a pé mesmo, era a sola do sapato. E eu passei por todos os cargos aqui na Itatiaia. Depois um pouquinho mais a frente, eu comecei a falar na equipe de esporte, fui plantão esportivo. E sempre junto com o Januário, o tempo todo. Depois ele teve uns problemas de saúde, se

afastou assim bastante da Itatiaia e eu já fui a continuidade, né? Já sabia o que que tinha que fazer. E alguns anos depois, uns oito anos depois. Oito anos exatos, é! Ele teve esse acidente vascular em 86 e morreu em 94. E quando ele morreu, eu me tornei oficialmente o sucessor dele, o diretor presidente, né? Agora, ele foi a grande idéia, ele foi uma pessoa que... Ele tinha muita paciência pra ensinar e muita capacidade pra ensinar, mandava aqueles bilhetinhos, acompanhava, né? Muita gente deve a ele uma boa parte da formação profissional, naquela época que não tinha faculdade de comunicação pra pessoa aprender, ele foi um grande professor. Fala Ana Paula.

Ana Paula: Não, eu queria perguntar o que você definiria que foi assim o diferencial da Itatiaia das outras. Porque assim, a gente já leu algumas coisas e eles falam que é por causa do esporte e tal. Mas você acha que é só isso? O que que você definiria?

Emanuel: Vocês têm o livro da Itatiaia? Não. Eu vou dar um livro pra você. Nós fizemos um livro, dos primeiros 50 anos. A Itatiaia fez 50 anos em 2002. Muita coisa que eu tô falando aqui, tá tudo muito documentado, escrito no livro direitinho e tudo. O diferencial, só pra responder sua pergunta Ana Paula, é o seguinte... É que, vamos pegar por exemplo a Rádio Inconfidência, que foi uma emissora muito diferente do que é hoje, uma emissora fortíssima no Brasil, com potência, cantores, cantoras, orquestra, rádio teatro. A Inconfidência era uma emissora... Ela até tinha um slogan: “A emissora padrão de Minas”. Muito bem montada aqui na feira de amostras, onde é hoje a estação ferroviária, ali que era a Rádio Inconfidência, funcionava ali. O diferencial é aquilo que eu falei no início. Essas emissoras faziam programas de auditório, programas ao vivo, de humorismo, novela. Novela na época era coqueluche no Brasil. E a Itatiaia veio com a idéia do rádio na rua, o apresentador no estúdio, chamando um repórter aqui, outro repórter ali. Reportagens da câmara municipal, da assembleia legislativa, de polícia. Muita informação, muita prestação de serviço. E um lado muito forte que foi a cobertura esportiva. A grande aposta foi assim na cobertura esportiva. Botar repórteres nos clubes, ter programas de esportes várias vezes por dia. Normalmente as emissoras tinham um programa de esportes na, no fim do dia, seis e meia da tarde, seis horas. A Itatiaia tinha programa de esporte seis e meia da manhã, onze e meia da manhã, onze horas da noite. Ela fez um ciclo de programação jornalística que começou a dar resultado de audiência e de credibilidade junto ao público. Esse talvez tenha sido o diferencial.

Maristella: É então, e assim referente ao que a gente tava perguntando, a gente teve que escolher um período, pra gente poder fazer nosso trabalho e a gente tinha pensado mais ou menos, final da década de 60, início da década de 70. Essa época era época do regime militar e tal. Como é que era essa questão com o regime militar aqui na Itatiaia. Por exemplo, vocês trabalhavam muito com a notícia e tal. Como é que era em relação à censura?

Emanuel: É, havia uma grande liberdade de informação, de crítica, de análise. O jornalismo era muito atuante em todas as áreas e a partir de 64, quando veio o regime militar, isso começou a diminuir. Isso não foi da noite pro dia. E até que nos primeiros anos, 65, 66, isso... Você ainda tinha restrições, mas elas não eram tão rígidas. Depois veio o AI-5, aí sim, praticamente se fechou a possibilidade de você divulgar determinado tipo de informação. Tudo aquilo que contestava o regime militar de antemão você sabia que tinha que fazer uma consulta. Chegamos a ter em algumas épocas até um censor na própria rádio, em que ele analisava, né? O conteúdo daquilo que você ia informar. E aí a Itatiaia, ela foi muito corajosa porque muita gente que nessa época perdeu o emprego em outros veículos de comunicação, veio trabalhar na Itatiaia. A Itatiaia enfrentou, em compressões até de parte da censura sobre

isso. Tinha aqueles nomes marcados, mas não foi demitido nenhum funcionário em função da revolução. Isso é um orgulho que a Itatiaia tem, porque nunca um anunciante modificou a programação da Itatiaia ou tirou um repórter. Nunca um dirigente esportivo fez a Itatiaia trocar um repórter que faz uma cobertura de um clube. Isso é um lado que a Itatiaia preserva e se orgulha muito dele. Mas que afetou, afetou. Entre 68 e boa parte aí dos anos 70 e tudo mais. Você recebia uma informação, um telefonema e olha, não pode dar essa notícia, não dar isso. Era tão cercado, que às vezes a gente ficava sabendo da notícia pelos censores. Fala assim olha. Ligava uma pessoa pra Itatiaia e ô: Foi seqüestrado um avião da Vasp em Goiânia, assim e tal e tal e tal. Não pode dar a notícia. Aí que a gente ficava sabendo da notícia. Pelos censores que a gente ficava sabendo de muita coisa que aconteceu. Você não podia, às vezes as músicas eram censuradas, músicas de contestação não podia rodar. Isso deixou assim, essas emissoras que tinham um perfil muito forte em jornalismo... No esporte não, o esporte continuou sendo divulgado normalmente. E os militares até tinham interesse em que o esporte estivesse presente nas programações. O Médici foi um dos presidentes da revolução, ele ia aos estádios, acompanhava o futebol, ele tinha um lado esportivo. Um lado esportivo que o governo queria fazer isso, como se fosse quase uma obrigação dos veículos de divulgarem, o esporte, a seleção brasileira, aquele negócio: 90 milhões em ação, pra frente Brasil, do meu coração. Copa de 70 e tudo mais. É... Foi uma época que a gente enfrentou e viveu. Nós não viramos estação chapa branca. Alguns programas a Itatiaia tirou do ar. Ela tirou do ar, botou música no horário, pra num ter que fazer uma coisa que fosse uma traição ao público.

Ana Paula: Quais programas, por exemplo, você sabe?

Emanuel: Olha, nós tínhamos um jornal, que chamava “O Jornal dos Doze”. Eram doze pessoas que participavam fazendo comentários. Tinha aquela doutora é... Marta Nair Monteiro. Ela foi uma professora primária em Belo Horizonte que ela comandou uma greve dos professores na época do Magalhães Pinto. E ela ficou assim com uma imagem muito forte, de que ela contestava o regime, contestava... E nós trouxemos a Marta Nair Monteiro pra fazer comentário aqui na Rádio Itatiaia. E tinha o Dom João de Resende Costa que também contestava bastante, essas posições... Ele tinha uma posição política também. Não falava só em religião não. Dom João falava na Itatiaia, outras pessoas. Tinham editoriais. E esse jornal acabou saindo do ar porque a Itatiaia não quis modificar, mutilar a idéia do jornal em função de coisas que a censura estava proibindo que fossem ao ar. Aí tiramos.

Maristella: Mas isso não foi uma imposição, foi uma escolha.

Emanuel: Foi uma escolha. Não mandaram tirar do ar, mas a Itatiaia viu que essas pessoas tavam sendo muito visadas e não podia isso, aquilo e tal. Aí tirou.

Maristella: E teve assim, algum caso que teve algum problema, alguma notícia que por exemplo, vocês veicularam e não podia ter sido veiculada e aconteceu algum problema aqui na Rádio em relação a isso ou...

Emanuel: Não, isso teve. Vários e vários exemplos de noticiário que você punha no ar e depois ficava preocupado com o que poderia vir. Mas a partir do momento em que eles botaram os censores na própria rádio. Eles vinham, você tinha que mostrar o programa, o jornal. Foi até uma certa tranquilidade você não tinha mais aquele medo de botar uma notícia, que na sua avaliação era normal e que na avaliação do outro lado, do regime militar, ela podia estar contendo alguma coisa contra a revolução e tudo mais, né? Esse episódios foram assim,

dolorosos, de gente que ficava com uma autocensura. Mas não pode, isso não pode, por causa disso, por causa daquilo e tal. Mas foi... A programação de um modo geral nessa época foi mantida assim, a parte musical. Nós tínhamos um programa chamado “Telefone pedindo bis”. Só pra você ver como eram tempos difíceis. E a comunicação no Brasil era muito precária. Os telefones custavam a dar linha, não tinha telefone. E nós tínhamos um programa aqui a tarde, entre uma e três horas da tarde que chamava o “Telefone pedindo bis”. A rádio rodava 14 músicas, de uma às duas, o público ligava pedindo pra retornar a música e de duas e meia às três da tarde eram as campeãs do telefone pedindo bis. Uma coisa que na época funcionou demais, com uma audiência. E de repente vem uma informação, olha: o rádio não pode mais pedir no ar que o ouvinte ligue, porque congestionava as linhas telefônicas. E nós tiramos o programa do ar. Sabe? Acabou o “Telefone pedindo bis”. Que hoje parece uma coisa ridícula. Isso não era um programa político era um programa musical. Mas o ministério lá das comunicações, alguém lá disse que... Não foi só a Itatiaia não. Todas as emissoras de rádio no Brasil não podiam ter mais programas pedindo pro ouvinte ligar, participar e tudo mais. Porque congestionava as linhas telefônicas.

Maristella: *Mas você acha que era por isso mesmo ou tinha uma outra explicação?*

Emanuel: Não era por causa disso. O governo não queria dar a mão a palmatória de que telefone no Brasil era um problema. Depois veio a Embratel mais na frente. Começou a modificar essa situação e essa portaria, essa determinação, isso acabou caindo, né? Mas foi um dos fatos também de intervenção do regime militar na programação.

Maristella: *Então você falou que acabava que os repórteres se autocensuravam muito, mas tinham também aqueles que tentavam burlar essa censura, ou não?*

Emanuel: Olha sempre tinha um jeito, né? Você lembra essa música do Chico Buarque “Pai, afasta de mim esse cálice”, né? Que ele usou o cálice, como um cale-se da Bíblia, das escrituras. Havia sempre um jeito. Você tinha, por exemplo, informações vindas dos Estados Unidos, através da voz da América de algum deputado, algum senador americano que contestava o regime militar brasileiro, se punha isso no ar. Depois eles proibiram isso também. Você não podia falar, por exemplo, do regime militar chileno, depois da queda do Salvador Allende. A notícia saía e logo depois, rapidamente vinha aquela ordem de que aquilo não podia ir pro ar mais. É foi assim. Era o jogo, vamos jogar o jogo. Não havia como, não havia como se contestar. Nessa época, só pra lembrar vocês que são estudantes de jornalismo, o governo militar às vezes censurava um jornal. Vou pegar um exemplo aqui, o Estado de São Paulo, foi um jornal muito corajoso na época. O Estadão, quando o governo tirava uma notícia na primeira página, ele não substituía por outra notícia não. Ele botava uma receita de bolo, uma receita de macarronada, uma receita de... Hein?

Ana Paula: *Um poema.*

Emanuel: Um poema. E todo mundo sabia que aquilo foi uma notícia censurada. Que mais?

Ana Paula: *É, você falou que às vezes colocava alguma coisa no ar e depois tirava tudo. Quais eram essas medidas que eles prendiam, o que eles faziam assim com alguma coisa que não podia ser lida?*

Emanuel: Eu acho que os jornalistas eles curtiram muito esse regime militar. Eu me lembro que às vezes um repórter da Itatiaia. Tinha um repórter chamado Rüter Miranda, ele era

noticiarista de hora em hora. Às vezes ele dava uma notícia, e tinha uns brincalhões na redação da Itatiaia, tinha o Toni Veiga, não sei o que, pegava o telefone, passava um trote e falava assim: Ô Rui, tão te chamando aqui. Aí, ele falava: De onde que é? Não, é lá da ID4. ID4, AID, AID. ID4, né? Mas eles faziam a brincadeira com AID. AID quer falar com você. É, AID. Era ID4. Aí pegava o telefone falava “Porque que você deu essa notícia aí, não sei o que. Aqui é o major, não sei o que, o sargento tal, não sei o que”. Era trote, não sei o que. Ficava um clima assim de de de um pouco de medo pela restrição. Todo mundo sabia que às vezes uma pessoa desaparecia. Era chamada pra depor e né? Já ia lá pra Juiz de Fora, pra não aonde, era preso e tudo. Havia um medo muito grande, mas havia também uma contestação pessoal, não aceitava né? O dedo-duro na redação que surgiu, não na Itatiaia, felizmente nós não tivemos caso aqui, mas em alguns jornais, emissoras de televisão e de rádio, tinha aquele que dedurava o companheiro. Ficava um clima péssimo, um clima péssimo, assim em termos de relação com o regime militar.

Maristella: *E tinha também aquelas notícias que os militares pediam, chegavam a falar, por exemplo, alguma coisa que falasse bem do governo. Eles falavam que isso tinha que ser veiculado, ou não?*

Emanuel: Até que pedir a notícia não tinha muito não. Porque quando eles tinham que falar alguma coisa. Isso existe até hoje né? O presidente da república convoca uma rede de rádio e televisão e fala no horário que ele quiser. Então, eles falavam isso né? Eles tinham essa possibilidade de botar aquilo que era de interesse deles. O ministro falando, o presidente falando. Isso existe até hoje, né?

Maristella: *E assim nessa época qual era o programa que você acha que tinham mais audiência, assim aqui na rádio? Que chamavam mais atenção assim.*

Emanuel: Olha, a gente tinha jornal falado, não tiramos os jornais de informação. Falando muito sobre problema da cidade, coisas que não tinham muita conotação política. E programas de polícia, tipo, tinham muita audiência na Itatiaia. E os programas dos comunicadores, né? Programa sertanejo, ainda tinha uma presença muito forte na programação da Itatiaia. Curió e Canarinho, Cachangá e sua gente. Esse programas eles tinham uma grande relação com o público né?

Maristella: *Programa sertanejo também não mexia né?*

Emanuel: O povão, o povão mesmo, eu diria pra vocês o seguinte, que o povão, a classe D, a classe E, não era politizada, não tinha muita noção do que tava acontecendo. Não tinha uma avaliação. Era indiferente, vamos dizer assim. Era indiferente. Como a economia melhorou também né? Porque a revolução surgiu em cima de uma bagunça geral que tava chegando no Brasil de greves e aquelas passeatas. Faltando abastecimento, pessoal na fila para comprar arroz, açúcar. No primeiro momento a revolução foi muito apoiada pelo povo, muito apoiada. Depois é que vieram as contestações, o pessoal mais formador de opinião. Jornalistas, escritores, cantores, artistas. A igreja participou muito disso. Eles começaram a contestar. Houve aquele seqüestro do embaixador. Houve a troca pelos que estavam presos ou estavam querendo deixar o Brasil. Houve muita coisa que passou em branco, que grande parte da população foi saber muito tempo depois. Chegaram os livros, aquele “Brasil nunca mais”, divulgaram os nomes dos torturadores, dos locais onde as pessoas eram levadas pra entregar os companheiros. Houve chumbo trocado, de lá e de cá. Mas assim, houve uma resistência também muito grande ao que os militares tavam fazendo, impondo à população naquela época.

Maristella: *E com os jornalistas aqui da Itatiaia nunca teve nenhum tipo de grande problema, né?*

Emanuel: É, mas na época isso era uma coisa assim, muito escondida, muito preservada pelos militares. Uma censura em cima daquilo que podia contrariar os métodos, né? Se você tinha um deputado, ou alguém que foi cassado ou, por exemplo, Juscelino Kubsticheck, foi cassado, não podia entrevistar o Juscelino. Não podia entrevistar um deputado que contestasse o regime. Era duro.

Maristella: *É, e você lembra assim do dia em 64, quando... Na verdade não foi nem um dia só, né? Foi... É to na dúvida agora... Foi tipo, pelo que eu li, não foi assim aconteceu a revolução em um dia só. Foi tipo alguns dias, aí aconteceu a revolução.*

Emanuel: Não, tem uma data que é a data marcante que foi do dia 31 de março ao dia 01 de abril. Quando as tropas mineiras desceram por Juiz de Fora. Tinha ali mais aqueles que tiraram as pessoas do poder. O presidente João Goulart viajou. O Leonel Brizola lá no Rio Grande do Sul quis resistir, foi impossível. Mas já havia assim, né, nos anos 63, 64, uma sensação de que tava próxima uma ruptura. Que o governo João Goulart não ia resistir. Aquelas idéias de esquerdistas. Houve também com Jânio, com o João Goulart muita gente radical que quis confrontar os militares. Aquelas pessoas que os empresários, banqueiros, negócio de reforma agrária. Francisco Julião, Miguel Arraias lá em Pernambuco e tudo mais. Greves, greves e mais greves. É isso que eu disse pra você, eu tinha na época sei lá, 20 anos, mas eu acompanhava, eu era bem politizado, até por causa do meu pai, do Januário, que gostavam muito de... Embora nunca tivessem entrado em política, nunca foram candidato a nada. Mas eles gostavam muito de ler, de acompanhar. E esse primeiro momento da revolução, ele foi assim um movimento que a população pediu. Foi pras ruas e pediu aquela marcha da família, não sei o que, né? Depois o mesmo pessoal que foi às ruas pedir os militares, depois foi pras ruas pedir Diretas Já, né?

Ana Paula: *Como que era a relação da Itatiaia com o governo na época em que ele, do João Goulart?*

Emanuel: Não olha, o Magalhães Pinto era o governador de Minas na época da revolução e ficou até 65, 66 ele foi... E era até candidato a presidência da república. Ele foi ser ministro das... Foi ser ministro, depois que largou o governo de Minas, relações exteriores. Não, com ele a convivência era boa, era amena. O Magalhães nunca foi uma pessoa truculenta. E a nossa relação com o governo do Jango foi uma relação assim normal de de acompanhar os fatos, né? De acompanhar os fatos. Tinham as pessoas que representavam o João Goulart em Minas Gerais, né? Por exemplo, o chanceler Santiago Dantas que foi uma figura muito importante do governo do Jango, foi ministro das relações exteriores. Ele foi eleito deputado federal por Minas Gerais. Então, tinha vários e vários homens, figuras, ligados ao João Goulart e a gente tinha uma convivência jornalística com eles, de noticiário. O que eu gosto de ressaltar pra vocês é o seguinte: A Itatiaia, ela nunca foi ligada a nenhum partido político. Nunca tivemos nada com relação à partido político. Nós nunca fomos ligados à igreja, religião. À grupos econômicos ou à grupo político. Ter um vínculo muito grande, né? Em alguns momentos nós fomos para um lado em que julgamos ser o lado que era melhor para o Brasil. É o caso, por exemplo, é... Das diretas já, daquele movimento criado, que teve o Tancredo Neves como figura central, que acabou sendo eleito presidente da república, mas não tomou posse. É, naquela época nós demos um espaço, que outros veículos não davam, até

porque o regime ainda era militar.. E com uma coragem até muito grande pra botar no ar pessoas que estavam contra eleição do Maluf, né? E ficamos a favor da eleição do Tancredo Neves, sem esconder nada, abertamente querendo as Diretas Já. A eleição direta pra governador, pra presidente da república. Isso aí, em alguns momentos nós tivemos essa postura.

Ana Paula: Não e só uma pergunta, porque eu li em alguns artigos, monografias, que muitos veículos de comunicação, principalmente ali em São Paulo, ficaram muito contra o governo do Jango, atacavam assim, aí por isso que foi uma pergunta de como era a relação mesmo.

Emanuel: É, o Jango, ele estabeleceu um confronto e muito claro com alguns setores do Brasil. Havia assim uma idéia de estatizar muita coisa. O Brizola comprou uma rádio lá no Rio de Janeiro, a Rádio Manain Veiga, com ela, ela enfrentava o Carlos Lacerda. E quer dizer, ou você tá de um lado ou você tá do outro. Sabe aquele negócio, ou você é Galo ou Cruzeiro, sabe aquele negócio assim? É, e isso durou mais de um ano assim, comícios e muita contestação, muita contestação. Foi um período assim de muito choque, né? Muita gente tava sentindo que o Brasil ia ter assim guerra civil, ou luta armada, em cima daquilo que tava sendo proposto pelo governo João Goulart.

Ana Paula: Outra coisa que eu queria perguntar, como que era aqui em Minas o movimento estudantil? Ele era expressivo?

Emanuel: Cacete nos estudantes o tempo todo.

Ana Paula: Porque eu tô lendo um livro que fala muito do movimento estudantil no Rio de Janeiro, que foi o mais expressivo assim. E eu queria saber como é que que era aqui.

Emanuel: Não, mais ou menos a mesma coisa do que era do restante, porque as entidades estudantis se comunicavam, né? E eles contestavam, faziam piquetes, botavam faixas na rua e de repente... Saía correndo, houve invasão aqui de faculdade, prisões, resistência, né? Os estudantes daqui não foram melhores tratados do que os outros e não foram diferentes dos outros estudantes pelo Brasil a fora. O Rio era o centro, né? Porque embora o governo federal já estivesse instalado em Brasília desde 61, o Rio de Janeiro continuava sendo o centro político do Brasil. Ainda era ali o centro. As coisas aconteciam muito no Rio de Janeiro. Depois o Rio foi perdendo a força política, mais ainda nessa época do Jango, era o Rio de Janeiro.

Ana Paula: Eles não tentavam estabelecer assim relações com os meios de comunicação, com as rádios não, né? Pra assim, sei lá, conscientizar a população, não, não tinha isso lá?

Emanuel: Só pra localizar você em termos de Rio, é o seguinte: o Lacerda, o Lacerda era contra o Jango. Magalhães que era governador de Minas era contra o Jango. São Paulo era contra o Jango. Então, o seguinte, se formou no Brasil uma frente de resistência ao governo do Jango. O inimigo do Jango no Rio era o Carlos Lacerda. O inimigo aqui em Minas Gerais era o Magalhães Pinto. O Magalhães sempre foi assim mais discreto, mais mineiro. O Lacerda não. O Lacerda ia pras televisões e falava e acusava e... O Lacerda era mais brigão. Foi quando Brizola foi pro Rio de Janeiro pra confrontar o Lacerda. Umas histórias assim, né? Mas aquilo que você perguntou né? O movimento estudantil, a minha avaliação é que teve uma força muito grande também em algumas áreas contra o Jango e depois contra a

revolução. E agora eu vou dizer pra você, eu não sei onde está o movimento estudantil, se ta a favor ou contra o Lula, porque...

Maristella: Pois é...

Emanuel: O governo federal subvenciona a UNE no Rio de Janeiro, então, perdeu a essência. Mas eu fui estudante nessa época. Eu via que, eu tinha professores que foram presos e... Tá preso, tá prestando depoimento, foi pra Juiz de Fora, foi pra não sei o que. Tinha isso.

Maristella: Era comum eles irem pra Juiz de Fora, não era...

Emanuel: É porque era a sede da ID4, né? A quarta região militar era em Juiz de Fora.

Maristella: Aqui não tinha?

Emanuel: Aqui tinha. Era um braço né. A sede era em Juiz de Fora. Tanto é que as tropas saíram de Juiz de Fora pro Rio de Janeiro, quando elas foram apoiar o movimento revolucionário.

Maristella: Engraçado ser Juiz de Fora, né?

Emanuel: É...

Maristella: Tem alguma explicação ser em Juiz de Fora, ou não? Porque aqui era capital, né?

Emanuel: É.. Não sei... As pessoas prestavam depoimento em Juiz de Fora, né? O comandante da quarta região militar ficava em Juiz de Fora.

Maristella: Entendi. É... Eu ia perguntar outra coisa. A gente teria áudio dessa época? Porque a gente vai fazer um rádio documentário. Você acha que teria?

Emanuel: Não. Não.

Maristella: Vocês não têm mais...

Emanuel: A gente acabou perdendo gravações, mudança de equipamento. Não tem essa... Não tem muita coisa não. Eu vou dar um livro pra vocês...

Entrevista José Lino Souza Barros – Radialista da Rádio Itatiaia

Tempo de duração: 19'55''

Local: Rádio Itatiaia

Dia: 17/09/09

Horário: 1h30

Ana Paula: O seu nome é José...

José Lino: Lino Souza Barros.

Ana Paula: Barros? Tá. E ela tinha falado, qual é o seu cargo aqui?

José Lino: Qual é o meu...

Ana Paula: Cargo aqui.

José Lino: Comunicador.

Ana Paula: Só pra gente colocar certinho aqui.

Maristella: Mas é... Você usa José Lino Barros...

José Lino: Souza Barros.

Maristella: Souza Barros, você usa tudo. Então, a gente podia começar assim, de quando você entrou aqui na rádio. Você já começou aqui como radialista mesmo, já tinha um programa...

José Lino: Pra falar sobre a minha vida ou sobre a rádio. Um pouco de cada.

Maristella: Os dois interligados. (rs)

José Lino: Comecei aqui por acaso por, realmente por acaso, no longínquo 24 de março de 1957. Ou seja, já se foram 50 e... Eu entrei menino, né? Lógico. Eu era realmente rapazola. Comecei fazendo plantão esportivo, depois passei... E era uma coisa que eu fazia só nos domingos à tarde. Passei a ser redator de esporte, depois comecei a fazer laterais, são aqueles repórteres que auxiliam na transmissão do futebol. Fui comentarista. Depois, na época não existiam as faculdades de jornalismo. Depois passei a trabalhar como noticiário, como redator de noticiário, fui chefe de jornalismo da rádio. Depois na época da força nova de comunicação, como a rádio tinha duas emissoras de rádio e tinha uma de televisão, que era a TV Vila Rica e hoje TV Bandeirantes e o jornal Diário de Minas. Eu fui chefe de jornalismo aqui nas duas rádios, no jornal e na TV. Narrava o futebol na TV, fiz copa do mundo. Mudei um período pro Rio de Janeiro. Trabalhei nas rádios Globo e Mundial. Voltei para Belo Horizonte e comecei esse programa que eu faço hoje, num 16 de novembro... 15 de novembro de 1976. Portanto em novembro agora, esse programa que eu faço faz 33 anos. Um programa baseado em jornalismo, em entretenimento, mas, sobretudo em informação jornalística. Entrevistas, um debate que reúne pessoas razoavelmente bem informadas pra falar de assuntos gerais, sem que ninguém seja especialista numa determinada matéria. Então essa que é a importância do debate, como por exemplo, esse episódio que acaba de acontecer em Belo Horizonte, extremamente desagradável. Um cidadão que acaba de formar em medicina, bebeu umas, foi abordado pela polícia e fugiu, atropelou uma pessoa e matou, feriu outras pessoas, foi preso, essas coisas assim. Então a gente discute o assunto, sem que ninguém seja especialista em código penal, não seja especialista nem nisso, nem naquilo. Aborda o fato como se fosse uma conversa de pessoas esclarecidas, bem informadas, como se fosse apenas um papo. Essa é que é a essência do programa que eu faço hoje. Temos também uma entrevista diária. Basicamente, sucintamente, mais do que absolutamente, resumidamente essa é a minha história na Rádio Itatiaia.

Ana Paula: *Ok. E assim, a gente tá tentando pegar um pouco assim, do final da década de 60, começo da de 70. E nessa época tinha, tava o regime militar em vigor. E a gente queria saber como é que era a relação com a rádio e esse regime assim. Se a programação sofria muito, se tinha várias alterações, essas coisas.*

José Lino: Sofria. A Rádio sempre teve... A Rádio Itatiaia foi criada com dois objetivos. O primeiro slogan da rádio era: Rádio Itatiaia, de noticiário e reportagem. Nesse noticiário e reportagem está implícito ou explícito que seriam notícias gerais e de esportes. Então era uma rádio desde o nascimento dedicada a muita notícia e muito esporte. Então a gente brincava que a Itatiaia para ganhar audiência, que era uma luta titânica, de uma estação pequena, que não passava de um projeto, que era a Itatiaia, contra estações que eram consideradas gigantes na época: a Rádio Mineira, que já desapareceu; a Guarani que não existe mais, apenas uma FM e a Inconfidência, que continua sobrevivendo, porque é uma estação do governo. Mas uma estação com uma audiência absolutamente inexpressiva. É uma pena dizer isso, é uma pena, sabe, porque isso não nos fortalece, pelo contrário, isso enfraquece muito o rádio. Mas quando você a pesquisa em 16 emissoras e constata que a Inconfidência, que já foi o gigante do rádio, já foi a emissora padrão do continente, é a 15ª em audiência, isso nos traz, isso é pra nós motivo de muita tristeza. Mas a Itatiaia sempre teve como forte da programação a informação. E nessa época nós tínhamos por exemplo, só pra citar um exemplo, nós tínhamos ao meio-dia e meia, nós tínhamos... Hoje nós temos um jornal, mas na época nós tínhamos um jornal interpretado, ele era um jornal comentado. Ele era escrito na época, por um rapaz muito talentoso, que saiu depois daqui, foi pra São Paulo, ajudou a fundar a revista Status, a revista Veja e era recentemente importante no Ministério da Comunicações, não sei se ele ainda continua lá. Mas ele escrevia isso muito talentoso, de verdade. Então, ele sabia colocar nas entrelinhas muita coisa, que às vezes a censura não alcançava. Nós tivemos censura, um censor físico dentro da redação. Um militar fardado dentro da redação, que muitas vezes cortava o que ele entendia e muitas vezes cortava o que ele não entendia. Se a coisa fosse escrita com um pouco, um pouco mais rebuscado, o texto um pouco mais rebuscado, ele não conseguia entender e metia o lápis vermelho. E naquilo a gente ria, achava graça, mas tocava o bonde. A censura pra nós foi uma coisa terrível. Primeiro, a censura em si. O lápis vermelho. Depois a auto censura que era a pior de todas, que era você saber até onde você ia. Isso foi comparado uma vez de uma maneira muito apropriada, a você debruçar em uma janela, até que ponto você pode debruçar, debruçar, até que você percebe e caiu lá embaixo. Então essa era a auto censura também. Nós sofremos muito com a censura durante muito tempo, nós tivemos coisas, vou relatar pra vocês coisas que aconteciam na época da censura. Nós tínhamos um comentarista esportivo aqui que era muito espontâneo. Morreu e deixou muita saudade. Ele foi uma pessoa muito importante na história da rádio, chamava Osvaldo Faria. Osvaldo foi levado duas vezes à polícia federal pra depor, duas vezes. Uma porque ele falou, no jornalismo esportivo, que o jogador dava porrada. Foi levado à Polícia Federal. Quando ele chamava de porrada, uma pancada, mas ele achava que a palavra parecia com isso e aquilo, foi levado lá. E outra, ele foi levado a depor, com processo aberto, instaurado, escrivão recebendo... Porque ele falou que o regulamento do campeonato tinha sido feito nas coxas. Eles entenderam outra coisa. Teve que explicar, que o que ele queria dizer tinha sido... Ele queria dizer era aquilo mesmo. Mas explicou que ele tinha sido feito em cima da perna... Então eram coisas assim, ou seja, a censura procurava uma maneira de te pegar. Se ela não simpatizava com a pessoa, ela dava um jeito. Mas sofreu muito com a censura. Isso, nessa década aí, foi dessa maneira mesmo.

Maristella: *Mas ele, por exemplo, ele só chegou a depor assim e deu tudo certo, como que foi?*

José Lino: Eu tenho a impressão que a própria censura notou que seria um excesso de autoridade e excesso de... Que isso gente? Só porque ele falou que o negócio foi feito nas coxas, vai prender? Nem com toda a sisudez da censura na época acho que isso era aceitável. Eu tô citando dois exemplos, que era muitos, mas muitos mesmo. Houve um caso de um companheiro nosso, o Ruiter Miranda, que por brincadeira um terceiro companheiro falou com ele: Olha, o deputado fulano de tal em um barzinho de Nova Lima, não sei que, foi preso e apanhou lá no DOPS. E ele inadvertidamente noticiou aquilo. Vocês conhecem a rádio agora. Ele estava descendo a escada ali, quando ele encontrou com o pessoal do exército, subindo com roupa de *. Eles vieram prendê-lo. Mas passaram por ele, não conheciam ele. Chegaram aqui, onde tá fulano de tal? Porque disseram que o fulano foi preso e que apanhou. Eles iam levar o Ruiter. E só Deus sabe o que ia acontecer. Houve uma época em que saiu uma notícia aqui, uma notícia corriqueira, uma coisa rotineira. Uma notícia que veio na Agência Jornal do Brasil. A Agência JB era uma agência muito importante. Porque o Jornal do Brasil, o Jornal do Brasil no Rio de Janeiro era um jornal muito importante. Depois ele foi perdendo aquele espaço, foi perdendo, perdendo. O Globo assumiu o lugar dele. Mas a Agência JB produzia, produzia notícia pro Brasil inteiro. Não tinha nenhuma notícia da JB, que o pessoal aqui na rádio noticiou. Foi todo mundo enquadrado na lei de segurança nacional. E a lei de segurança nacional era fera. Com a lei de segurança nacional, o que vai ser dos meus filhos? Era responder processo em Juiz de Fora. A região de Juiz de Fora era tida e havida como aquela que era... Era filme de terror. Você sabe o que que é chegar num quartel, cercado por todo mundo, com aquela arma daquele tamanho na cintura pra depor. Que que você falou? Ah... E a gente era o coitadinho. Os senhores do raio do trovão faziam e aconteciam, o que queriam. O Jornal do Brasil na época tinha uma estação aqui em Belo Horizonte, que achava rádio JB. Era uma estação de FM, uma estação musical e tinha o noticiário. Mandou os funcionários lá do noticiário na rua, na hora, pondo os três na rua na hora. Um deles era funcionário aqui também. E aqui foram três. E a rádio pagou advogado e fui a Juiz de Fora e defendeu e parara parara parara. Foram meses e meses de insônia, de dificuldades, até que... Conseguiram provar que as coisas não eram bem aquilo, que o que quis dizer não era aquilo. Mas era, as coisas aconteciam dessa maneira aqui nessa época.

Maristella: *Pera só um pouquinho.*

José Lino: Aqui, você vai voltar? Porque tá gravando. Você vai voltar? Não, tudo bem.

Maristella: *É, agora eu perdi.*

José Lino: Nós falávamos sobre a censura.

Ana Paula: *E como é que funcionava aqui, por exemplo, eu, eu li falando que era... A censura começou sendo, ficava, era um órgão, né? Lá no Distrito Federal e eles mandavam alguns. Não desculpa primeiro começou regional. Isso, tinham umas sedes regionais e tal. Inclusive dava até problema entre uma regional e outra. Você sabe se aqui tinha uma sede própria da censura, dos censores aqui, ou não?*

José Lino: Pelo que eu me lembro, a censura era um órgão da Polícia Federal, do Departamento de Polícia Federal. Funcionava, funcionava me parece que na rua, no edifício JK, era ali. Então, eu me lembro de alguns diretores de lá da Polícia Federal, da censura federal, mas também na verdade, para falar a verdade eu não gostava muito de ter proximidade com aquele pessoal não, sabe? Porque parecia que era uma coisa estranha assim: eles de lá e a gente de cá. Então, quem é diretor lá? Sei lá e também não quero saber, sabe?

Olha e chegava num ponto que publicidade pra ser gravada, isso que você vê hoje aí. Vai lá no Magazine Luisa, no Ricardo Eletro. Você tinha que ir na Polícia Federal e tinha que dar o carimbo de censurado pra você poder gravar aquilo. A censura fiscalizava publicidade do rádio e da televisão.

Maristella: O Seu Emanuel falou com a gente de um programa, que até você participava era... Jornal dos Doze. Isso! Que ele falou que ele até saiu do ar.

Ana Paula: Foi tirado.

José Lino: O Jornal dos Doze, ele tinha esse nome por duas razões. Primeiro porque era às doze horas e eram os doze participantes. E tinha coisas assim, absolutamente inofensivas. Por exemplo, o arcebispo metropolitano da época era o Dom João Resende Costa. Antes do Dom Serafim, que aposentou agora e entrou Dom Walmor. O Dom João tinha um trecho destinado à palavra do pastor, que ele ficava fazendo pregação diária, tipo o *, que tinha um comentário de esporte, chamado Focalizando. É, eram doze pessoas, cada um falava, sei lá, na época, eu não lembro, tem muito tempo. Mas era assim... Tinha sei lá, Dona Maria falava de receita de cozinha, outra era especialista em forno e fogão, outra era em corte e costura, sei lá, essas coisas, hã? Então fazia aquela miscelânea, tipo uma mistura mesmo de atrações. Eram doze participantes. Mas é porque a censura implicava com tudo, implicava com qualquer coisa. Vocês devem saber a história, a dificuldade que era. Os compositores, Chico Buarque sofreu o que o diabo amassou, teve que usar pseudônimo. E muita gente, o caso de Geraldo Vandré, que fez a famosa “Pra não dizer que não falei de flores”. Acabaram com ele, pelo que consta, pelo que a gente sabe acabaram. Acabou tanto que ficou pancada, sumiu, ninguém sabe. Quer dizer, não sumiu com ele não, mas sumiu com a inteligência dele, com o raciocínio dele, acabaram. Essas coisas que aconteciam, né? Na verdade censura é um negócio que a gente não gosta nem de lembrar. A gente quando não gosta de lembrar das coisas, acho que um pouco some da cabeça da gente, some da memória. Legal é lembrar de coisas boas.

Maristella: Com certeza.

Ana Paula: Então, aí você falou que eram doze participantes e tal. E cada um falava...

José Lino: Sobre um assunto.

Ana Paula: Sobre um assunto.

Maristella: Mas às vezes tinha alguma coisa que era mais polêmica, assim no meio desse assunto? É por isso que...

José Lino: Pois é, sempre teve. Eu não consigo lembrar quem falava especificamente de política.

Ana Paula: Mas tinha também?

José Lino: Ah, certamente tinha sim. Eu tô me lembrando desses aí. Eu lembro do Fernando Sasso, lembro do Macedo, lembro... Mas especificamente sobre política... O Emanuel não falou, não?

Ana Paula: Ele falou de uma professora...

Maristella: Falou Márcia...

José Lino: Marta Lair Monteiro?

Maristella: Aham.

Ana Paula: É uma professora que era contestadora do regime.

José Lino: Era. Marta Lair Monteiro era...

Maristella: Ela fez uma greve. Encabeçou... Não sei se encabeçou uma greve... Falou isso. Ah, ela era professora do primário.

José Lino: É Marta Lair Monteiro. Ela foi, ela deve ter sido a primeira presidente da Associação dos Professores, uma coisa assim. E ela me parece que foi a primeira deputada, eleita deputada. Primeira mulher deputada. Eu tô na dúvida se foi a Marta Lair Monteiro que foi a primeira deputada ou se foi uma outra que chamava Maria, Maria deputada, esqueci... Mas eu acho que foi isso. Então a Marta Lair Monteiro tinha uma participação mais ou menos efetiva no jornal. É aquelas coisas, fazia aborrecimentos, aquele convite. Convite não. Intimação pra ir. Convite era uma coisa legal, né? Intimação, manda quem pode, obedece quem tem juízo. Intimação, ou vai ou racha. É, isso aí acontecia com frequência, mas sabe quando você vai até acostumando. Na vida a gente acostuma até com o que é bom, não acostuma? Mas felizmente, na verdade, eu acho que nenhum preso mesmo conheceu lá os horrores do... Acho que ninguém chegou a conhecer aqui na rádio.

Maristella: Mas chegou a ter algum problema com alguma notícia sua, alguma coisa assim ou não.

José Lino: Não, minha não, honestamente não.

Maristella: Você sempre se preocupava muito com isso?

José Lino: Ah, preocupar sim porque eu também, inclusive na época que eu era o chefe de jornalismo. Você é o responsável pelas notícias que saem. Você pode estar em casa dormindo, o redator aqui, põe a notícia, o responsável é você. Ao assumir a chefia você carrega as delícias e as dores do cargo. Ah, fulano assim. Não, você também é o responsável. Honestamente, seria muito legal pra mim falar: Ah, foi sim, passei por isso, mas não, não é verdade. Não tive, então, não tive isso.

Maristella: Uhum... E em que época assim, que você sentiu que foi abrandando a censura assim?

José Lino: Isso é muito difícil a gente situar porque * se eu tivesse um tempo, jogava na santa internet e num instantinho você ia saber. Mas começou a vir a abertura, a abertura veio com o Geisel na presidência. Então, eu me lembro que, eu me lembro que a gente passava por coisas... Era tudo proibido, tudo proibido, tudo proibido, tudo proibido. Eu me lembro de uma oportunidade que nós ficamos todos muito emocionados, porque o Zé Maria Rabelo, era do Estadão e fez um jornal aqui em Belo Horizonte. O jornal se chamava “O Binômio”. Porque quando o Juscelino era presidente, o binômio de governo de Juscelino, que ele tinha o plano

de metas, o binômio dele era: Energia e transporte. Então, o Zé Maria, que agora tá até lançando um livro, nesse momento ele tá lançando um livro sobre o jornal. Eles criaram o jornal, ele e outro do Estadão, criaram o jornal “Sombra e água fresca”, pra gozar Juscelino. E o jornal na verdade, era um jornal que começou com muita brincadeira, mas virou uma coisa muito séria, assim como “O Pasquim”, começou de brincadeira, mas começou a ser muito vendido, muito lido, o jornal “Binômio”. O outro sócio dele era o Euro Arantes. Pra fazer justiça, ele é retratado na história. E eles tiveram um aí problema com o general, general comandante da divisão aqui. O general foi lá tirar satisfação, eles tiveram uma briga. O Zé Maria era muito forte, faixa preta, deu nele um tapa no general, * foi um rolo. Aí veio a revolução e o Zé Maria teve que ir embora. Zé Maria tinha 8 filhos menores, uma escadinha, teve que ir embora. Foi pro Chile. Chegou lá... Tô contando outra história, né? Chegou no Chile tava mais ou menos bem, * mas veio a derrubada do Allende e a posse do Pinochet. O Zé Maria rachou fora, foi pra França. Ficou muitos anos na França. Tô contando isso tudo pra dizer que quando entrou, começou a entrar em cena a abertura e aí que na minha história emocionamos, ficamos todos emocionados. A gente tava indo pra Europa, o Januário, que foi o fundador da rádio, o Januário e o Márcio Doti, que até hoje é o diretor de jornalismo daqui, *, todos os anos. Então, já era permitido entrevistar as pessoas que estavam exiladas. Então, localizamos Zé Maria pra fazer uma entrevista com o Zé Maria. E ele deu uma entrevista extremamente emotiva. O Zé Maria *, era permitido ouvir uma pessoa que era exilada. Quer dizer, foi uma generosidade de todo tamanho. O Zé Maria falou da alegria de voltar depois de 15 anos. Que a alegria de voltar era tão grande, que só poderia ser comparada com a tristeza da saída. Chorou pra caramba, um negócio horroroso. Era assim a censura.

Maristella: É. E tudo foi piorando foi em 68, né? Com o AI-5, não é?

José Lino: O ano mais... Esse AI-5 foi um ano, foi complicado, porque foi o ano que o Márcio Moreira Alves, que fez o discurso. Na verdade, o que doeu nos militares foi aquele discurso do Márcio Moreira Alves convidando as mulheres do Brasil a não dançar *. * O AI-5 acabando com os direitos individuais, acabando com o habeas corpus, fechando o congresso, fechando as casas legislativas todas. Muito complicado esse AI-5.

Ana Paula: Mais alguma coisa?

Maristella: Não, tá tranqüilo.

Ana Paula: Eu acho que era isso.

José Lino: Ajudou?

Maristella e Ana Paula: Muito. (rs)

Entrevista Fábio Martins – Professor de Radiojornalismo da Universidade Federal de Minas Gerais

Tempo de duração: 43' 50"

Local: Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Minas Gerais

Dia: 17/09/09

Horário: 17h

Fábio: Eu vim de Conceição do Mato Dentro e cheguei a Belo Horizonte e fui procurar alguma coisa pra eu fazer, mas lá em Conceição eu já trabalhava numa pequena rádio que a gente carregava pelas ruas, né? Era uma rádio que a gente transportava, uma rádio móvel, que era autorizada naquela época pelo correio. Então, eu chegando a Belo Horizonte eu procurei o Januário Carneiro que era o diretor da rádio Itatiaia, e falei pra ele que eu queria trabalhar em rádio. Ele disse: Ah, você pode ser uma pessoa do futuro porque a rádio Itatiaia, assim como o Brasil é uma rádio do futuro, o Brasil uma rádio do futuro e você também pode ser um menino do futuro. Eu disse: Ah, pois não.

Ai, eu fiz um teste, entrei e continuei estudando. E aí, eu me transformei com o tempo e a experiência e o aprofundamento nos estudos, me transformei num locutor e num dos principais repórteres da rádio Itatiaia. Ai eu fiz algumas coisas interessantes no rádio, fui a Amazônia, entrevistei pessoas na Amazônia, trouxe a vida dos amazonenses para o rádio, os costumes da região. Depois eu estive no rio São Francisco, na beira do rio São Francisco levantando histórias daqueles ribeirinhos. Depois, enfim eu fiz uma coisa que ficou na história da rádio Itatiaia. Que foi em 1964 quando eles tentaram depor, tentaram não, quando eles depuseram o João Goulart, eu fiz na noite de 30 de março de 1964 uma entrevista com o General Guedes*, esse General foi o General que comandou as tropas de Minas que foram em direção a Juiz de Fora e lá se juntaram às tropas do General Mourão Filho e marcharam pelo Rio de Janeiro, aquela história que vocês devem ter conhecido pela história, né, vocês eram um projeto, nem um projeto naquela época, tem tanto tempo já. Então, o General Guedes e o General Mourão marcharam pelo Rio de Janeiro, depuseram o presidente da República, o Constitucional*, e ele anunciou esta deposição na noite anterior, no dia 30. “Oh, nós vamos depor o João Goulart”. Isso ficou lá na rádio Itatiaia, eu não sei se eles tem cópia, mas isso está publicado no meu livro, “Senhores ouvintes... no ar a cidade e o rádio”. E ele também escreveu depois que ele veio da Inglaterra, não minto, antes dele ir para a Inglaterra. Ele escreveu um livro chamado “*Tinha que ser Minas** essa coisa né, que tinha que ser Minas. Minas ajudando o país entrar numa noite escura, numa ditadura brava e terrível. E nós ficamos muito tempo nesse túnel até que veio a redemocratização e nós saímos dele. Mas foi um período difícil que eu acompanhei, o rádio então nesse período pós 64, ele perde a força como veículo de comunicação, o jornalismo praticamente, passa a ser controlado. Então, essa parte da história da rádio Itatiaia é muito interessante. Ao lado disso, eu fazia também um programa radiofônico que se chamava “Cabral descobre tudo”, os ouvintes telefonavam, escreviam cartas, o locutor lia as cartas e eu era o Cabral que ia falando. Perguntas curiosas sobre saúde, sobre ensino, educação, cultura e etc. Cabral descobre tudo, tinha uma audiência muito grande, na Itatiaia. Posteriormente, eu comecei a fazer um programa que também era de muita audiência “Telefone pedindo Bis”. Então, a gente tocava as músicas, as pessoas telefonavam e pediam bis na música. A primeira parte era uma hora de programa tocando música, a segunda parte tocando novamente as músicas que foram pedidas no bis. “Oh, eu quero um bis de tal música. Tocava. A rádio tocava e eu anunciava. Isso dava uma audiência muito grande, deu muito... esse prestígio de ficar importante, né? Fábio Martins é você? E eu tenho histórias muito engraçadas sobre isso. Uma vez eu estava na rádio Itatiaia e uma moça telefonou para a portaria e falou assim: Eu quero conhecer esse locutor o Fábio Martins, eu sou doida com ele, mas eu quero conhecer pra ver como ele é. E chegou lá, ela falou comigo, ela não sabia que era eu, que eu a recebi. Ela falou: Não! Vou embora. Eu falei : O que que aconteceu? Eu to achando que é um cara moreno, forte, assim um moreninho. Você não é o que eu imaginava. É o problema do imaginário no rádio. A pessoa imagina o locutor de uma maneira, a partir da voz, e constrói a imagem do locutor. E eu era aquilo. Ai eu disse : eu sou esse que está aqui, não tem outro. Ah, muito branco pro meu gosto. Olhos claros, eu não gosto desse povo assim. E foi embora. Ela fez isso e isso ficou marcado. Eu falei que coisa interessante, porque ela imaginou um Fábio alto, forte, quase negro, um moreninho e tal e eu

com essa voz. Você tem uma voz tão bonita e tão forte achei que era um homem mais.. maior. Esse fato ilustra bem a relação que se estabelece entre o ouvinte e a pessoa que trabalha em rádio. O ouvinte imagina sempre uma pessoa ou imagina várias pessoas, porque ele ouve rádio o dia inteiro, então, o Zé Lino que vocês entrevistaram é imaginado de um jeito, o Daniel Barros que é outro locutor de voz também muito boa é imaginado de outra forma. E quando a pessoa conhece toma esse susto que eu me referi.

Bom, 64 então é um marco desse desligamento da democracia, esse rompimento do estado de direito que afetou muito o rádio e a imprensa de maneira geral. Toda a imprensa do país foi afetada, não sei se vocês já fizeram um estudo sobre a censura no Brasil. Numa época em que havia militares dentro das redações, o militar ficava sentado, fardado e o jornais passavam pelas mãos dele e ele ia aprovando ou cortando.

Eu me lembro de um dia, eu cheguei e entreguei o noticiário pra ele e disse o noticiário vai sair daqui a pouco. E tinha uma notícia em torno do aumento do preço dos gêneros alimentícios, feijão, arroz, batata. Ele foi e falou assim: Mas isto aqui eu acho que não pode ser divulgado. Eu disse por quê? Não, aumento de preço? Nós fizemos a revolução, os preços não podem aumentar, eu vou telefonar para o General. E telefonou. Depois veio a ordem para cortar aquele aumento dos produtos alimentícios, o preço, e cortou.

Então, eles cortavam coisas, mas aí como eles cortavam. Eles cortavam fixando numa tabuleta na redação as proibições. É proibido falar sobre aumento de preços, por exemplo. Depois, é proibido falar sobre a guerrilha, é proibido falar sobre manifestação estudantil ou a vida* na praça Sete. E ia por aí a fora. Então, essas proibições escritas, a gente recebia assim: Quem está falando? Fulano de tal. Você trabalha aí? Trabalho. Qual a sua função? Sou repórter, redator. Então anota, é proibido falar sobre manifestação dos marinheiros no Brasil, ok? Ai ele perguntava quem é que está falando? Fulano de tal. Olha são tantas horas e tantos minutos, o senhor acaba de receber uma proibição da Censura Federal e eu peço que o senhor coloque essa censura escrita numa tabuleta que tem aí com outras proibições. A gente ia lá, colocava, avisava todo mundo e tava proibido. Bom, aí os jornalistas se reuniram ali no Lucas, eles se reuniam sempre lá. Lá na cantina do Lucas. Quando eles proibiram muito os jornalistas fizeram cópias daquelas proibições e começaram a comentar no bar lá as proibições. Aí veio uma proibição, é proibido comentar o que está proibido. Por quê? Porque comentando o que se estava proibido você de certa forma espalhava o que tudo o que estava proibido, então se espalhava a própria notícia. Essa é histórica, né?! É proibido comentar o que se está proibido. Na Inconfidência já foi outra história, né? Porque o período muito perigoso do Golpe militar foi esse depois de 64 até 72. Mas, porque que eu acho que a Inconfidência não teve tanto significado nesse sentido político, porque na a Inconfidência era uma emissora do Governo e você simplesmente não podia falar nada. Lá, era tudo proibido, porque tinha uma censura não, porque as pessoas falavam que tinham juízo. Então, ninguém falava nada contra o Governo não, era só elogio, elogio e tal, e as coisas positivas, entre aspas né? que aconteciam no Brasil. E os elogios aos governos, de norte a sul e de leste a oeste. Então, trabalhar na Inconfidência foi uma coisa boa para mim, porque eu tinha saído da rádio Itatiaia, então, eu tinha um emprego. Mas, não tinha essa possibilidade de realização profissional, na medida em que tudo estava sob censura. Mesmo depois que foi havendo abertura e tal, a rádio Inconfidência tem um cuidado, hoje eu não sei como está a situação lá, ela tem muito cuidado porque é uma emissora governamental.

Maristella: *Então você consegue traçar um paralelo entre as duas?*

Fábio: Isso em relação a censura? Tem uma emissora, a Itatiaia houve censura mesmo. A rádio Inconfidência houve a presença da censura, mas ela não tinha o que fazer não, porque as pessoas já sabiam que tinham que obedecer a aquelas proibições todas e mais a censura

interna de cada um e mais o medo e mais o pavor, né? Ninguém então ia fazer nada disso. E As pessoas também eram escolhidas a dedo para serem colocadas nos pontos chaves de direção da rádio para que elas também não infringissem o que eles mandavam. Então é essa a comparação, na Inconfidência era mais inexistente a preocupação com a censura porque já era a própria censura instalada. Na rádio Itatiaia era uma emissora de combate. (...) < gravador caiu > A linha editorial dela era um linha de muita independência, o Januário implantou a emissora que era de esporte e de notícia, mas que tinha um compromisso com o povo, não é demagógico falar isso não. A Itatiaia tinha um compromisso com as pessoas, com o povo, com as reivindicações, com as as lutas sociais e eu estava a frente nessa luta social. Outra luta muito interessante, foi a luta estudantil e eu participei entrevistando dirigentes estudantis todos que foram presos, torturados, mortos, eu muitas vezes estive com eles assim. Eu me lembro do Jorge Batista que dava entrevistas muito violentas contra a ditadura, seguindo o que ele acreditava que era necessário falar. Uma vez o Dops foi lá e pegou a fita na rádio Itatiaia e eu estava presente. E o escrivão: “ah, vou datilografar isso aqui”. Aí ele ouvia e tava datilografando e aí ele virou pra mim e falou assim: “Esse rapaz está perdido ele vai tomar uns 30 anos de cadeia”. Por causa das declarações. E esse rapaz que era o Jorge Batista que morreu alguns anos atrás num desastre de carro, ele teve muito tempo preso, ele teve uma situação muito difícil. Foi pra Juiz de Fora, foi processado, torturado e etc. Então, essas coisas aconteciam, o período é muito denso disso então, eu acho que um trabalho ele tem que pegar esse viés da censura e das dificuldades de ser jornalista naquela época. Aqui, nós estamos falando do sindicato dos jornalistas, aqui foi um ponto de resistência da ditadura, da ausência de liberdade e tem uma pessoa chamada Dídimo Paiva, um jornalista que resistiu muito e muito. Introduzindo* documentos, participando de desenvolvimentos* e por que que a gente fala assim, ah mas ele participava, mas hoje todo mundo participa. Mas escuta aqui, uma coisa é você participar hoje em plena liberdade, plena, nós temos plena liberdade, eu acho, se você for fazer um estudo comparativo, um paralelo. Agora outra coisa é participar numa época em que você podia sair daqui e ser preso ali na porta, na porta do sindicato por exemplo, e você sumia. (...) < Rosane, professora da UFMG que acompanhou a entrevista, entra falando >

A pessoa está do seu lado e pode ser um agente porque o governo montou um sistema de espionagem e o SMI, essas coisas todas, a operação OBAM em São Paulo. Essas coisas todas eram muito sérias demais da conta. Então, quando o Lucas, por exemplo o seu Olímpio que é o garçom, falava pra gente cuidado que chegou o espião, é o Demetroni que era o espião norte-americano pertencente a CIA que sentava, inocentemente com aquela alegria norte-americana, né, lá, no Lucas e que ficava ouvindo pra poder depois fazer os relatórios e mandar prender as pessoas. Quem falou o que, quando, como, o que foi. E o seu Olímpio chegava e falava: Oh cuidado, ele já está, vocês estão falando alto. Ah, ele escondia também pessoas, escondeu lá no edifício Maleta umas pessoas. Tem toda uma história muito bonita do seu Olímpio, seu Olímpio já morreu, mas tem um livro sobre ele. < Rosane entra fazendo uma pergunta: “Os livreiros também né, Fábio?” >

Os livreiros... são livreiros, o Zé Maria né? Que fechou a livraria, mas que era uma pessoa que vendia, era proibido vender livros que contrariassem a ideologia. Aí o Zé Maria vendia Marx, vendia os livros proibidos. Ele escondia, ele teve uns probleminhas sérios, mas ele continuou vendendo durante todo o período da ditadura. É uma figura também muito interessante para ser ouvido, José Maria. Hoje ele fechou a livraria e mora lá no Bairro Padre Eustáquio.

Maristella: Tem algum caso em que assim, alguns dos jornalistas que trabalhavam com você de ter acontecido alguma coisa com eles?

Ana Paula: É, de alguma notícia que não era pra ser publicada e foi?

Fábio: Tem. Aquele caso, eu não sei se o Zé Lino contou, o do Samuel Vita Omares*, da rádio Itatiaia que deu uma notícia num 7 de setembro, e ele não teve culpa disso. O PCdoB acho que emitiu um boletim que falava mal do governo e eles leram e foram todos os 3 processados em Juiz de Fora, o sindicato os defendeu. Tem vários jornalistas, tem uma lista de jornalistas que foram muito perseguidos porque tinha posições políticas.

Ana Paula: *Mas, assim, comparando a Inconfidência com a Itatiaia, você acha que lá na Itatiaia as pessoas ainda tentavam burlar um pouco ainda a censura? Porque lá na Inconfidência eles mesmos falaram que eles praticavam muito a auto-censura.*

Fábio: É, exatamente, isso que eu estou confirmando para você. Na Inconfidência não tinha problema porque ela estava sob auto-censura. A censura do jornalista apavorado, com medo.

Maristella: *Mas, e lá na Itatiaia o senhor acha que tinha um pouco disso, de alguém tentar burlar essa censura? Ou não?*

Fábio: Tinha um clima de burlar, uma tentativa de burlar logo no início. Que era assim, inflexão das palavras, né. As palavras iam dizer uma coisa, mas acabavam dizendo outra. Por exemplo: O presidente Médiçi, visita Portugal, em Portugal foi recebido, aí começava, foi recebido com entusiasmo por toda a população, com sotaque português. E isto era considerado um abuso, quer dizer uma falta de respeito. Tinha outra que... dava o tempo, dava-se uma notícia, polícia prende em Belo Horizonte 30 pessoas e as transporta para Juiz de Fora e depois vinha a previsão do tempo. Tempo está revoltado, aí dava a previsão do tempo com a linguagem metafórica, simbólica, de que a coisa está preta, o céu está negro, temperatura em elevação. Outros casos, quer ver, a locução irônica. Médiçi é proclamado o maior presidente do Brasil na festa que hoje acontecerá na praça da Estação. Aí, o que que ocorreu, com o tempo esse comportamento, veio a seguinte determinação: É proibido inflexionar o noticiário modificando com a tonalidade de voz o seu sentido, as palavras devem servir ao objetivo de que está escrito, então a leitura deve ser nivelada, sem inflexões e sem ironias. Não se tolera ironias, quem fizer ironias no rádio vai preso e processado. O que aconteceu, os jornalistas, depois um jornalista chamado Otaviano Lages, escrevia editorial. No final, quando a censura apertou muito, ele passou a escrever apenas pequenas frases, frases só. E agora o editorial da rádio Itatiaia e ele escrevia, o presidente da república vai visitar Minas Gerais, hoje será importante porque... tal tal, não comentava nada. Então, não era mais um editorial, era uma notícia seca para que eles se ouvissem. E teve um outra que Don Elder Câmara deu um entrevista coletiva em Belo Horizonte na época da ditadura brava e ele disse assim, eu creio, tu crês, ele crê, nós cremos, vós creis, eles crêm. Esse país não ficará sob a chapa da ditadura, não se pode tampar esse país, cobri-lo com uma chapa, uma grande chapa da ditadura, ninguém pode falar nada, todo mundo sufocado. Aí eu perguntei, o senhor tem medo? Aí ele pôs a mão na mina cabeça e falou assim, a sua vida está por um fim, quer dizer você não precisa ter medo, porque de qualquer forma todos nós aqui estamos por um fim, eu quando olho na rua não olho para trás. Aí ele falou que os militares estavam fazendo violência, Don Elder Câmara. Quando acabou a entrevista com a rádio eu cheguei lá e falei ó, entrevista aqui, com Don Elder. O que ele está falando? Ele tá metendo o pau no governo. No governo? Eu falei: É. Bom, você desce lá e vê o que pode pôr no ar. Ai eu selecionei um trecho que fala de injustiça social e tal, um trecho mais, que era importante pro conteúdo, mas que não era um ataque direto, porque aí a rádio ia ter muitos problemas. Mas vinte minutos depois a polícia estava lá pedindo a fita. Cadê a fita? Aí eu tinha editado a fita para passar, o Januario tocou o telefone: a polícia tá aqui, a censura federal pedindo a fita. Eu falei: a fita, eu não tenho a fita. Aí ela falou: pois é, então traz. Aí eu levei a fita editada.

Cheguei lá. Eles: o senhor que tava lá fazendo? Nós vimos o senhor! Pois é eu estava lá mesmo, sou jornalista, estou aqui cobrindo e tal. Ah, vamos ouvir a fita. Mas ouviram o que Don Elder sempre fala, até morrer ele falou, sempre de repetição de justiça, acusando as injustiças, a tortura e tal, mas não havia uma acusação assim, uma coisa mais séria contra o governo. Porque a fita, assim, se eles pegassem eles prendiam Don Elder. Bom essa fita até sumiu. Depois eu entreguei no arquivo. Hoje, o arquivo de rádio é muito falho, as pessoas não arquivam. Bom, então houve isso. O que mais que houve, no tempo da censura.

Maristella: E com você, assim, aconteceu alguma coisa em especial ?

Fábio: Não. Em especial, não. Mas eu era uma pessoa visada, observada. E eu tinha medo, porque não havia garantia de nada, nada, nada. Eu tinha medo, todos os jornalistas, eu era ligado aos movimentos sociais, eu ajudava a esquerda eu tinha simpatia pelas causas da esquerda. E eu sabia que eu era seguido, fotografado. Eu me lembro uma vez que eu fui encontrar, os jornalistas se encontraram com JK no Iate Clube e eu fui. A rádio me recomendou: vai lá, pega o Juscelino, acho que vai falar alguma coisa. O JK não podia falar nada, estava sob uma fiscalização muito grande, mas eu fui lá e quando cheguei um cara chegou. Quando eu estava entrando, sem mais nem menos o cara bateu uma foto e eu segui, ele bateu outra, eu segui ele tornou a bater outra. Eu falei: tá bom, aí eu fiquei lá. O Juscelino foi dando a entrevista, mas foram fotografadas as pessoas do movimento sindical, todos eram fotografados, fichados e tal. Mas eu acho que o importante é que muita gente conseguiu lutar contra a barbárie, né, contra a censura, o autoritarismo, essa coisa da ausência da expressão, da liberdade de expressão, a ausência da possibilidade de falar das coisas que estão acontecendo. A mídia tem que ter liberdade, liberdade e ética.

Maristella: Você falou do Movimento Estudantil aqui em Belo Horizonte. A Ana Paula estava até falando, em outra entrevista, que ela leu que era muito expressivo no Rio de Janeiro o Movimento Estudantil. E aí, tinha aqui muita diferença?

Fábio: Não. O movimento estudantil era expressivo no Rio de Janeiro, em São Paulo e em Belo Horizonte. Muito importante, pega o meu livro que lá vocês vão encontrar material lá.

Ana Paula: Eu até cheguei a perguntar para o Seu Emanuel, mas acho que ele não soube falar bem, tinha..., eles tentavam entrar, eles procuravam ajuda no rádio, eles procuravam por meio de comunicação para despertar?

Fábio: Procuravam. O Maurício era uma pessoa que lutou muito aqui em Belo Horizonte, para fazer uma divulgação por rádio, o pessoal do DCE. O Tarcísio Henrique, tem muita gente que lutou. E isso você pode encontrar pessoas que dão informações preciosas a respeito. Aí, o movimento estudantil ele sediava no Diretório Acadêmico e do Diretório Acadêmico ele percorria as rádios, percorria os jornais entregando noticiários. Muitas vezes na rádio Itatiaia eu era um correspondente dos estudantes, eles iam lá me davam entrevistas e tal. E eles contavam mesmo com a imprensa pra fazer a movimentação.

Ana Paula: E encontravam respaldo?

Fábio: Encontravam, um respaldo. Não é um respaldo assim aberto não. Pessoas que ajudavam o movimento estudantil.

Maristella: Qual foi o período que o senhor ficou na Itatiaia e na Inconfidência?

Fábio: Em fiquei na Itatiaia até 1972, fim da década de 60, porque eu peguei então 1964 até 72. Em 72, eu sai, fiquei uns tempos desempregado e depois fui para a rádio Inconfidência onde eu fiquei muito tempo.

Maristella: *Lá na Inconfidência você já pegou um pouco desse período de redemocratização?*

Fábio: Não. Peguei um período de auto-censura e de tudo isso que vocês falaram aí.

Maristella: *Quando que começou, assim, que você sentiu que estava diminuindo essa censura e tendo essa abertura política?*

Fábio: A abertura política veio com a democratização, com a nova constituição, ela veio de fato. Mas ela, porque o movimento militar, o Golpe ele tinha momentos arrocho e momentos de abertura. E a abertura foi lenta e gradual, né, diz o Geisel. Então, no governo do Geisel já começou uma certa liberdade e tal, com o Figueiredo e tal. Mas, a liberdade conquistada mesmo foi em 1988 com a constituição, vocês já ouviram falar em Ulysses Guimarães, né, Tancredo Neves, todo mundo que lutou pela redemocratização.

Ana Paula: *Ah, sim, você falou do Dops e tal, como é que tava estruturada a censura aqui em Belo Horizonte? Tinha um departamento, porque eu sei que o Dops ele auxiliava, né? O departamento de Censura ele era ligado, pelo que eu li ele estava ligado ao... como que é?... Departamento de Diversões Públicas. E aí, vem desde do governo do Vargas, que implantou a radiodifusão né, como dentro da censura, mas era mais ligado a fatores morais e tal. Com a ditadura que veio também a parte de política e militar. E como é que tava estruturada aqui em Belo Horizonte, tinha um departamento de censura, como é que é?*

Fábio: Bom, vocês sabem que a repressão ela funcionou em todas as áreas. As forças armadas, a Aeronáutica, a Marinha, o Exército, cada um com o seu serviço de repressão e de informação. Os governos Estaduais com os Dops, todo mundo integrado, era um trabalho perfeito de integração, para reprimir, denunciar. É, então, isto aqui em Belo Horizonte funcionava, tinha a Polícia Federal, a censura da Polícia Federal, que era integrada pelas várias correntes da repressão, pelas Forças Armadas e tal. Todo mundo integrado, então, aquele bloco. O SNI, e como é que funcionava? Daquele modo que eu te falei, a censura Federal telefonava, mas ela era ligada também com a censura local, com a censura do Estado, telefonava e censurava, telefonava e falava: está censurado isso e isso. Em São Paulo, o Estado de São Paulo esteve ocupado durante muito tempo e ele só publicava receita de bolo naquelas partes mais importantes do jornal, aquelas páginas, eram preenchidas com receita de bolo, com poemas de Camões, aí um jornalista muito simples, muito humilde do interior, falou num congresso que se reuniu lá em Poços de Caldas que ficava tão satisfeito em ler o Estado de São Paulo porque ele tava aprendendo tanta coisa sobre Camões e também aprendia muita receita, a mulher dele aprendia, que jornal tinha que ser assim. Aí, o presidente do congresso falou assim, você vai me desculpar mas eu vou te dar um informação, porque você tá mal informado, o Estado de São Paulo está sob uma severa censura e tá publicando os poemas de Camões, e as receitas de bolo, de biscoito porque ele não pode preencher as páginas políticas com notícia verdadeira. E ele, oh, eu não sabia mas de qualquer forma eu estou muito satisfeito com o noticiário, com os poemas, porque eu gosto de Camões. Quer dizer, ele não tava falando isso porque, ele não era uma posição, era um posição de pessoa

simples, né, que não tava entendendo o que estava acontecendo. Era muito difícil entender o que estava ocorrendo.

Ana Paula: Pra população em geral deveria ser muito complicado.

Fábio: É. Complicadíssimo. Porque não sai, né. Porque é proibido comentar o que está proibido.

Maristella: A gente conversou lá na Itatiaia. E pelo o que a gente entendeu parecia que a Itatiaia, assim, sempre dava um respaldo aos jornalistas quando dava algum problema num era?

Fábio: Dava, é. Verdade. O Januário dava toda cobertura e tinha muita coragem. Ele jamais entregou qualquer companheiro dele que trabalhava. Ele falava assim, por exemplo, no dia em que fiz a entrevista com o general Guedes que ele rompia com o Governo Federal, eu falei assim, eu telefonei pra ele. Tenho uma entrevista grave aqui. O que que ele ta falando? Ele está dizendo que vai depor o Jango. Ele falou assim, coloca no ar e amanhã vai dar conta disso aos seus superiores, ne. Porque ele não pode falar isso, falar que vai depor o presidente da Republica, inconstitucional. Ai, a entrevista foi para o ar e realmente eles efetuaram a deposição.

Maristella: É, como é que foi na época, quando teve o AI-5, em 68? Porque aí piorou, né tudo?

Fábio: É, em 68, o a AI-5 foi um monstro jurídico, o AI-5. O AI-5 ele encerrou a liberdade por completo, ele regulamentou o caos, regulamentou o direito do Estado prender, sumir, torturar, fechou os tribunais, acabou com os habeas corpus. É o documento mais violento da ditadura é o AI-5, vocês tem que pegar o AI-5 na constituição em que ele foi copiado, foi colocado lá, ele não é da Constituição, ele foi colocado. Vocês pegam alguns exemplares da constituição que tem o AI-5 e leiam o que está escrito. Prendiam você aqui e levavam você pra onde quisessem e depois se você não voltasse, cadê ele? Ah, não sabemos. Era um coisa, entravam dentro das casas à noite, de madrugada, a qualquer momento. Pegam, leiam o AI-5 porque não tem jeito de falar sobre ele a não ser fazendo uma leitura sobre ele. E ele é fácil, tá em todos os livros aí, fácilimo de ler. E é pequeno, não é muito grande.